

~~1398~~

1398

L

24407

ZARGUEIDA, DESCOBRIMENTO

D. A. N. 4407

12-E

ILHA DA MADEIRA, POEMA HEROICO,

DEDICADO

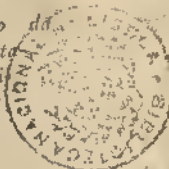
A O

ILLUSTRISSIMO, E EXCELLEN'TISSIMO

SENHOR

CONDE DE VILLA VERDE

*Grão Cruz da Ordem de S. Tiago, Cavalleiro da
Ordem do Tozão de Ouro, do Conselho de Estado
do PRINCIPE REGENTE N. S. Mi-
nistro assistente ao Despacho do Gabinete de
S. A. R., seu Gentil Homem da Camara,
Presidente da Real Junta do
Commercio, &c., &c., &c.*



POR SEU AUTHOR

FRANCISCO DE PAULA MEDINA

E VASCONCELLOS.

R. F. 1167

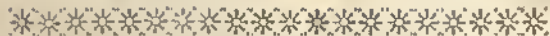


LISBOA. M. DCCCVI.

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.





DEDICATORIA.

EXCELSO VILLA VERDE, a Ti, que espalhas
Da Tua Protecção sombras amenas
Sobre aquelles, que estimas, e agalhas,

A Ti que prezas das fiéis Camenas
O grato doce Canto alti-canoro,
E que és dos Vates o Exemplar Mecenas,

Nas Aras do Respeito humilde imploro
Te dignes de aceitar estes meus Cantos,
Em honra d'hum Heróe, que trime adoro.

Sua Gloria immortal, seus Feitos Santos
Tentei eternizar em culto metro
Sem presumir de mim talentos tantos ;

E com voz costumada a humilde plectro
O meu Heróe cantei em tuba d'ouro
Sem que a Arte me desse o Delio Sceptro.

Confiou-me benigna o seu thesouro,
He verdade, SENHOR, a Natureza
Mas não me pôz na frente o Sacro Louro.

Mil vezes desmaiei na grande Empreza,
Lançando minhas vistas receosas
Sobre a do Assumpto sem igual Grandeza :

E a não ser eu por vozes poderosas
D'outro Heróe tantas vezes animado (*)
Não cantára por certo Acções Pasmosas.

Foi

(*) O Excellentissimo D. José Manoel da Camara, que no anno de 1802. era Governador, e Capitão General da Ilha da Madeira, minha Patria, foi quem, despertando meu Estro adormecido, me animou por muitas vezes a embocar a Tuba.

Foi d'elle, em fim, que pela mão guiado
 Entrei na Sacra Selva da Poezia,
 Onde o Grande Camões foi coroado;

Tanto enredada a achei, tanto sombria,
 Que, a não ser sua Luz brilhante, e clara,
 No Laberyntho sea me perderia.

Oh! maravilha mais, que todas, rara!
 Oh! milagre do Ceo mais, que Divino!
 Feliz o Vate, a quem Camões ampara,

Ao Preceito faltei do Venozino, (*)
 Tomei sobre meus hombros carga immensa,
 Quando quasi sem forças me imagino:

Mas a quem fiz, Senhor, em nisto offensa?
 Appareça o Juiz, que julgue o crime,
 Póde ser, que a favor saia a Sentença.

A punir-me talvez ninguem se anime,
 Vendo a causa porque me dei ao pezo
 D'hum fardo, que o maior Engenho opprime.

Tal-

(*) *Sumio materiam vestris*, &c., &c., &c.

Talvez, talvez que então de culpa illézo
 Me acclament pelo mundo, conhecendo
 Ser Lei da Gratidão, que adoro, e prézo.

Diz Horacio, que cahe n'hum vicio horrendo
 Aquelle, que, sem arte, quer ousado
 Fugir ao proprio vicio: (*) (assim o entendo:)

Mas como eu não fiz mais do que obrigado
 Da Santa Gratidão, a quem respeito,
 Cantar Heroico Assumpto não cantado,

Se cahido tiver n'algun defeito
 Castigo não mereço, porque tenho
 Sómente Natureza, e não Preceito.

He difficil do Assumpto o Desempenho:
 Quando he Grande a Materia, que se trata,
 Pouco vale, sem arte, haver engenho.

» Mil vezes cahe quem se não precata:
 » Quem a tudo o, que cuida, solta a penna,
 » Muitas cousas enfeixa, poucas ata. » (**)

Mas

(*) *In vitium ducit*, &c. Horac. Art. Poet.

(**) São de Bernardes, Carta X.

Mas já basta, SENHOR, mude-se a Scena;
 Digno he de compaixão, e de piedade
 Aquelle, que a si proprio se condemna.

Benigno me perdoa a liberdade,
 Que tomo de offertar-te o meu Poema,
 Despido de belleza, e magestade.

Se o acceitas, farás com que eu não tema,
 Que corra pelo mundo affoitamente,
 Antes nisso terei vaidade extrema.

TEU GRANDE NOME estampa-lhe na frente;
 Só assim posso ter inda a ventura
 De ser ditoso, e de viver contente:

» E se Tua Clara Luz, que a nevoa escura
 » Dos bons Engenhos vai alevantando,
 » E do Pindo lhes mostra a mór altura,

» Me for por esta Selva lumjando,
 » Onde Amor me metteo alta, e sombria,
 » Por onde vou a medo caminhando,

- » Inda espero , que vejas algum dia
- » Com novo louvor teu mais doce Canto ,
- » Porque tendo tão certa , e fiel Guia ,
- » Não he muito de mim prometter tanto. (*)

Beija as Mãos de V. Excellencia

O seu mais humilde subdito

Francisco de Paula Medina , e Vasconcellos.

(*) Bernardes Carta II.

PROLOGO.

EMprehender hum Poema Epico no Se-
culo XIX., em que as Luzes, e os Exem-
plos são tão capazes de intimidar, como
de esclarecer, fôra sempre hum grande
animozidade, ainda quando este se não or-
denasse, e compozesse no curto espaço de
quatro mezés. Deve-se porém este Milagre
á Gratição, e á Justiça. Animado, e sug-
gerido pelo Espirito Energico, e Patrioti-
co do Ex.^{mo} D. José Manoel da Camara,
em 1802. Governador, e Capitão General
da Ilha da Madeira, minha Patria, entrei
nesta Grande Empresa mais, para lhe dar
satisfação, e prazer, do que por fiar de
minhas forças tão difficil desempenho. Nes-
tas circumstancias o consultei como Quin-
tilio, e logo que a Paz desceo sobre a Eu-
ropa me lancei nos braços das Musas, que
até alli me bafejavão mais com os favores
da Natureza, do que com os dispendios
da Arte; e entrando então nos Bosques da
Ilha, procurei nos desvios do povoado pro-
fundar o meu Assumpto, soltando as azas
á minha Imaginação. Conheço que me atre-
vi a muito, e tambem conheço que falto

ao judicioso Preceito do Divino Horacio, que muito abertamente nos diz : *Carmen reprehendite , quod non multa dies , & multa litura coercuit , atque perfectum decies non castigavit ad unguem* : e em outra parte : *nonnumque prematur in annum* , &c. porém revele o Púplico Respeitavel o Vôo da Ousadia , pela esperança , que me fica de que nas suas reflexões acharei depois mais fundamento , para corrigir o meu Poema , e talvez melhorallo , illustrando-o tambem com algumas Notas , que melhor disponhão a sua Inteligencia , se merecer reinprimir-se. Os versos que se encontrão cedilhados são pela maior parte do Immortal Canções , do Regular Gabriel Pereira de Castro , do nosso Pindaro Portuguez Elpino Nonacriense , e do Insigne Bocage.

S O N E T O.

A Ti, Vate sem par, cujo Estro inflamava
Do Numen Patareo o Sol fuigente,
A ti, Grande Bocage, cuja Frente
De Sacros Louros Delfica se entama,

Cumpre o levar o meu Poema á chamma
Da tua Sábia Critica Prudente
Ninguem mais do que tu independente
Lhe pôde grangear perpétua fama.

Segue tu pois da Sá Justiça o trilho;
Castiga os Cantos meus; dá-lhes belleza;
A' tua Correcção he que os humilho:

Sejamos Immortaes na Redondeza:
Tu dando ao meu Poema eterno brilho,
E eu só porque tentei tão Grande Empreza.

SONETO.

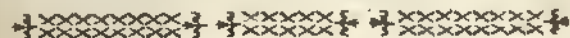
DE Zargo o Heroico ardor, que luz na Fama
Cantas em metro altisono, e fervente:
Nautica Lusa Gloria em seu Oriente
Por ti, qual no Zenith, esparge a flamma.

Do misero Machim, da triste Dama
Choras o infausto amor tão docemente,
Que o Tronco o sabe, que o Rochedo o sente,
Que a Terra geme. . . e que fará quem ama!

A, que de Homero a par no Elysio avulta,
Sombra do Grão Canões Alta, e Divina,
Cré que falla em teus sons: attende, exulta;

A face para ti, sorrindo, inclina,
E ao teu Canto Vivaz, que o Tempo insulta,
Gráo, não longe do seu, já lá destina.





ZARGUEIDA.

CANTO PRIMEIRO

ARGUMENTO.

F Azem Concilio os Deoses Soberanos
 Sobre qual seja a Terra florecente,
 Que por gloria immortal dos Lusitanos
 Fosse a placida Escala do Oriente:
 Baccho approva de Jupiter os planos,
 Desce ao mar em favor da Lusa Gente,
 E depois de assistir-lhe transformado,
 He pelo Rei dos Mares hospedado.

I.

A Gora, que mordendo o ferreo freio,
 Prêza a Guerra vomita infernaes iras,
 E que da Santa Paz no fertil seio,
 Pátria minha feliz, Leda respiras:
 Agora, que, sem susto, e sem receio,
 Aos meigos braços do Prazer te atiras,
 E que já livre de desgraças tantas
 A pampinosa frente ao ar levantas.

A

II.

II.

Pelas mimosas mãos da Singeleza
 Cingida a testa de Apollinea Râma,
 Bem, qual outro Camões, entro na Empreza
 De em metro eternizar Primeiro Gama:
 Se a Arte for propicia á Natureza,
 Darei hum novo Canto á voz da Fama;
 Do Teu Descobridor para memoria,
 Farei resuscitar o Nome, e a Gloria.

III.

Em quanto geme prêza a brural Guerra,
 O' tu, Singela Candida Verdade,
 Vem lá dos Altos Ceos á baixa Terra
 Revestir-me da tua Divindade:
 A fraqueza, o temor de mim desterra;
 Dá-me do Grão Camões a magestade;
 Se me tiras do languido lethargo
 Serei Novo Camões, meu Gama o Zargo.

IV.

Não te intimide o ver seu Grande Nome
 Já de Seculos tres curvado ao pezo;
 O Tempo tragador não o consome,
 Ainda de seus golpes vive illeso:
 E pois que o Genio meu manda, que tome
 A Tuba de oiro, em Delia Chamma acceso
 Só de ti, Sacra D.va, necessito;
 Dá nova força a meu sublime grito.

V.

Ajuda-me a dizer como a Madeira
 Se descobriu aos olhos dos Mundanos,
 Para ser dentre as Ilhas a Primeira,
 Que dêsse maior glória aos Lusitanos:
 Sim, recita-me a historia verdadeira
 Dos valorosos Feitos mais que humanos
 D'Aquelle Inclito Heroe d'Alta Grandeza
 No valor, nas acções, na fortaleza.

VI.

Ah! que eu já sinto, sim, ah! que eu já sinto
 A tua Divinal Doce Influencia!
 Idéas mil em vasto labyrintho
 Nova forma me dão, e nova essencia!
 Que tanto baste, ó Deosa, não consinto;
 Desce lá dessa Olympica Eminencia,
 E, porque o Canto meu aos Astros suba;
 Ajuda-me a embocar sonoro a tuba.

VII.

Rasgando nuvens de fulgente prata
 A Sacrosanta Diva me apparece!...
 Seu Divino Esplendor eis me arrebatá,
 Me transporta, me anima, e fortalece!...
 Já sobre mim sollicita desata
 Raios de Luz, que a mente me esclarece!...
 Salve, Numen Fiel; com furor santo
 Ao Som da Tuba o Grande Zargo Canto.

VIII.

E Vós, Excelso Principe Regente,
 Que Empunhais Soberano o Luso Sceptro;
 Ouvi, Ouvi meu Canto alti-cadente
 Em grandiloquo estilo, em culto metro:
 Se até Vós não chegarão felizmente
 Os sons canoros de meu brando plectro,
 Cheguem da Tuba 'os sons; talvez que eu seja
 Algum dia por Vós digno de inveja.

IX.

Reinava em Portugal João Primeiro,
 Aquelle Grande Heroe d'Alta Memoria,
 Aquelle Pai da Patria Justiceiro,
 De quem falla submissa a Lusa Historia:
 Ainda deste Impavido Guerreiro,
 A Quem propicia foi sempre a Victoria,
 Longe de Ceuta aonde se escondia
 Zalá-Bençalá pávido tremia.

X.

O Infante Henrique, Santo Heroe Famoso,
 De Quem inda se adorão as Proezas,
 Constante, Sabio, Justo, e Valoroso
 Meditava grandissimas Emprezas:
 De amontoar Conquistas Cobiçoso,
 Indo apôs de arriscadas incertezas,
 Por vias pelos Lusos nunca abertas,
 Tentava não tentadas Descobertas.

XI.

Quando Jupiter lá no Erhereo Assento,
Os Deoses em Concilio congregando,
Faz de todos Sagrado Ajunramento,
A rodos seus lugares destinando:
Nos volumes do Sacro Pensamento
O Fulminante Numen folheando,
Tendo então posto em boa ordem tudo,
Ficou por longo espaço Quedo, e Mudo.

XII.

Estava alli sentado o Deos Tonante
Sobre hum Throno de Estrellas Refulgente;
Tinha na Dextra a Lança Penerrante,
E na Sinistra o Raio Sempre Ardente:
Corêa de purissimo diamante
Lhe circulava Augusta a Sacra Frente;
E huma Faxe da cor do mar salgado
Lhe pendia do esquerdo ao dextro Lado:

XIII.

Mais brilhante, que nunca a todo o Mundo
O Estellifero Olympto se mostrava;
Quanto alli pôde haver de mais jucundo,
Naquelle fausto dia alli se achava:
Tudo em silencio esteve o mais profundo,
Entretanto que Jupiter pensava;
Mas depois treme o Polo Cristallino
Da Altisonante Voz ao som Divino.

XIV.

XIV.

Deoses do Olympo, Deoses Soberanos,
 Sem Nosso Partocinio, certamente
 Não poderão os miseros humanos
 Tentar altas Emprezas felizmente:
 Entrando do Futuro nos Arcanos,
 Vejo estar destinado á Lusa Gente
 O demandar nos seculos futuros
 Do Reino de Memnon os climas duros.

XV.

Por immutaveis Leis de Justos Fados
 Valorosos Heroes de Nação Lusa
 Estão, ha longos tempos, destinados
 A Emprezas, que audaz animo recusa:
 „ Por mares nunca dantes navegados „
 Em curvas quilhas, de que o vento abusa,
 Vencendo p'rigos com audacia estranha,
 As Terras tocarão, que o Ganges banha.

XVI.

Esta Illustré Nação, que se tem feito
 Grande no Nome, Celebre na Fama,
 Verá da Aurora o Crisallino Leito,
 Que abrilhanta do Sol nascente a chamma:
 A p'rigos mil, a guerras mil sujeito
 Para esta Empreza se destina hum Gama,
 Hum Heroe, que nos seculos vindoutos
 No Ganges colherá palmas, e louros.

XVII.

Deixando as margens do Ceruleo Téjo
 Em cavos Lenhos, que amedrentem mares,
 Iraó com elle apôs do seu Desejo
 Pacheco Illustre, Almeidas Singulares:
 Hirió com elle, e com prazer sobejo
 Da Hydáspea Região buscando os Lares,
 Heroes, em quem poder não tenha a Morté,
 „ Albuquerque Terrível, Castro Forte. „

XVIII.

Mas para que esta Empreza assás temível
 Pareça aos Lusos menos ariscada,
 E porque lhes não seja tão sensível
 Navegação tão ardua, e dilatada;
 Ilha Grande appareça, que aprazível
 Por Nobres Portuguezes habitada,
 Em serena bahia, em porto amigo
 Lhes possa dar refresco, e doce abrigo.

XIX.

Em grossos nevoeiros escondida
 Dentre Atlanticas ondas se levanta
 Ferril Ilha, que d'arvores vesuda
 Inda ha pouco pizára humana planta:
 Sua frondosa coma ao ar erguida
 Dos Planetas a Luz nunca abrilhanta;
 He tão densa, e pezada a nevoa crassa;
 Que hum só raio do Sol nunca a traspassa.

XX.

Assim lá desde a criação do Mundo
 Aos olhos dos Mortaes occulta existe,
 Bem como nas entranhas do Profundo,
 Pois que entre nuvens horridas persiste;
 Ainda que hum successo sem segundo
 Já nella aconteceu trágico, e triste,
 Com tudo inda as Nações não sabem della,
 A pezar de ser grande, amena, e bella.

XXI.

Quero pois que pertença ao Luso Sceptro
 Tão Genil Ilha das Nações não vista;
 Da negra Ecuridão no seio retro
 Ah! não consentirei que mais persista:
 Luso Heroe, que inda hum dia em culto metro
 Decantado será, quero que invista
 Ao Negrume Averno, que dentro encerra
 A dentre as Ilhas mais fecunda Terra.

XXII.

O Illustre Zargo, o Capitão Preclaro,
 Que em quilha undante as ondas senhorea,
 E que intrepido após do Mouro ignaro
 Fixando a mira nelle o mar volteia;
 Aquelle Invicto Heroe de esforço raro,
 Que Henrique Liberal tanto apiecea,
 Seiá Quem cedo por maior grandeza
 De a descobrir ao Mundo tente a empreza.

XXIII.

Nella então lá nos Seculos futuros
 Acharão as Nações meiga hospedagem :
 Seus ares salutiferos , e puros
 Bafejados serão de doce aragem :
 D'alli, d'alli seus Lenhos mais seguros ,
 Mais contentes , rendendo-lhe homenagem ,
 Soltando as vélas concavas ao vento
 Iraão prenhes sulcando o salso argento.

XXIV.

Fallou Jupiter Alto desta sorte ,
 E os Deoses , co' as cabeças acenando ,
 De immenso gosto em subito transporte
 Parecem o seu voto ir approvando :
 Dentre a dos Numes Divinal Cohorte ,
 O Thytsigero Deos , a fronte alçando ,
 Coroada de pampanos virentes ,
 Estas vozes soltou dolci-cadentes.

XXV.

He justo que appareça essa Grande Ilha
 Esse ameno Torrão , inculto , e novo ,
 Para que como Rara Maravilha
 Perrença ao Luso Sceptro , ao Luso Povo :
 Que esse , que o vasto mar ousado trilha ,
 Seja o Descobridor , tambem approvo ,
 Porque Hum tão Grande Heroe , tão bom Guerreiro
 Deve só nesta Acção ser o Primeiro.

XXVI.

Porém se acaso, ó Jupiter, mereço,
 Que me concedas ineffavel graça,
 Submisso desde já te rogo, e peço
 Grande Mercê, que espero se me faça:
 Eu farei, que Esse Heroe de tanto preço,
 Sem que tema os assaltos da Desgraça,
 Veja da Fertil Ilha a face bella,
 Com tanto que me dês dominio nella.

XXVII.

Eu quero ser a Sacra Divindade,
 Que tal Ilha proteja, e favoreça;
 Consente, que a Thyrsigera Deidade
 Dos Lusos em soccorro á Terra desça:
 E se a Tua Divina Magestade
 Quer que essa Terra aos Lusos appareça,
 Permite-me, que eu possa alli contente
 Hospedar Carinhoso a Forte Gente.

XXVIII.

De tão Sublime Graça em recompensa
 Farei, que a Terra alli fertil produza
 De saborosos vinhos cópia immensa,
 Que mais intresse dem á Nação Lusa:
 Farei, que dissipada a nevoa densa,
 Em que sempre téqui jazeo confusa,
 A todas as Nações mostre viçosa
 A verdejante frente pampinosa.

XXIX.

Farei, que huma Nação forte, e Guerreira,
 Cujó Poder ha de assombrar os mares,
 Mostrando-se-lhe Amiga Verdadeira
 Va sempre visitar seus ricos Lares:
 Farei, que essa Nação seja a Primeira,
 Que, levando seus vinhos singulares,
 Vá levando tambem, ondas abrindo,
 (Se he possível) seu Nome além do Indo.

XXX.

Farei, que as Nações rodar Europeas
 Amantes de seus vinhos, e seus frutos,
 Cheas de admiração, de prazer cheas
 Lhe costumem render fieis tributos:
 Se forem demandar Terras alheas
 Paizes mais cruéis, Povos mais brutos,
 Farei, que estes submissos, e contentes
 Adorem Produções tão Excellentes.

XXXI.

Que appareça, farei . na Sacra Meza
 Do; Deoses, em que tu, Jove, presides,
 O mais fino Licor, que a Natureza
 Extrahir pôde de pampineas vides:
 Tu, vendo com prazer sua pureza,
 Pôde ser, que a liballo te convides;
 E que fazendo aos Numes companhia
 Desprezes a balsamica Ambrosia.

XXXII.

XXXII.

Se esta Graça, que peço, me permittes,
 Farei quanto te digo, e te prometto;
 Contra mim, Caro Pai, ah! não te irrites;
 Em nada desmereço o teu affecto:
 Para que mais os Lusos felicites
 Qual Numen Soberano em tudo Recto,
 Que dar-lhes fama, e gloria em fim pertende,
 A's minhas Justas Supplicas attende.

XXXIII.

Disse o Numen Leneo; e d'improviso
 Perante o Grande Jupiter prostrado
 Inclina o rosto rubicundo, e lizo
 Sobre os degrãos do Throno abrilhantado:
 Jupiter olha com subtil sorriso,
 E Cheio então de Paternal Agrado
 Soltando a Voz Suave, e Lisongeira
 A Baccho respondeo desta maneira.

XXXIV.

Ergue-te, ó Filho meu; quanto desejas
 Não te nego, antes tudo te concedo;
 Justo he, que favoreças, que proejes
 Nação, que tanto preço Amante, e Ledo:
 Seu Numen Tutelar, quero, que sejas;
 Os meus Poderes Divinaes te cedo;
 Vai pois fazer a próspera ventura
 De quem for habitar Ilha tão pura.

XXXV.

Fallou assim ; e os Deoses , approvando
 Tudo , quando alli Jupiter dissera ,
 Ficaráo longo tempo murmurando ,
 Bem como quando hum pouco o mar se altera :
 Ouvio-se então susurro doce , e brando
 Semelhante ao dos Bosques de Cithera ,
 Quando Zephyro alli cem Cloris falla ,
 E a ramagem das Arvores embala.

XXXVI.

Para beijar a Dextra ao Pai Tonante
 Pela Graça de novo concedida
 De Nisa o Numen com gentil semblante
 Ergue a fronte de pámpanos cingida :
 Sobe os degráos do Throno Coruscante ,
 E com mostra d'huma Alma agradecida ,
 Sem á maior ventura ter inveja ,
 Curvando-se ante Jove a Mão lhe beja.

XXXVII.

Descendo então do Throno Astri-formado ,
 Brilhavão-lhe nos olhos , e no rosto
 Satisfação , prazer , meiguice , agrado ,
 E a viva cor do rubicundo mosto :
 Sobre os Labios d'hum puro nacarado
 Fervião Risos , respirando gosto ;
 E meneando o Thyrso brandamente
 Tres vezes para Jove inclina a frente.

XXXVIII.

Eis delle em torno os Deoses se juntarão
 A dar-lhe os parabens desta ventura;
 Mutuamente alli todos se abraçarão,
 Com mestras de amizade, e de ternura:
 Mas logo que estas honras se acabirão,
 Dos Deoses Cada qual então procura,
 Fazendo a Jove humilde acatamento,
 Recoilher-se a seu fulgido Apozento.

XXXIX.

Depois disto, Confuso, passeando
 Pelo Lacteo Caminho, Solitario
 Parava Biccho alli de quando em quando,
 Como quem fica em acto imaginario:
 Com madureza hum pouco então pensando,
 Eis vio, que lhe seria assás contratio
 O Destino dos Fados Soberanos,
 Favoravel aos Povos Lusitanos.

XL.

Que perderia aquella iminortal fama,
 Que entre os Indicos Povos alcançara,
 Se hum dia lá chegasse o forte Gama,
 De quem Jupiter Alto lhe fallara.
 Nisto vindo-lhe á mente infida trama,
 Para a empreza seu animo prepara,
 Em segredo dizendo só consigo:
 O Gama tem em mira hum Inimigo.

XII.

Da Grande Ilha, em que vou com meigo afago
 Por meu gosto hospedar os Portuguezes,
 Farei que o Gama sinta duro estrago
 Do Mar exposto aos horridos revezes:
 Farei, que elle vá vêr o Estygio Lago,
 Porque tenho jurado tantas vezes
 De ser contrario áquelle, que imprudente
 Tentar bater ás Portas do Oriente.

XLII.

O Macedonio Rei, Gloria de Marte,
 Invicto Filho de Philippe Invicto
 Já fez troar do Mundo em muita parte
 Da Sua Augusta voz o horrendo grito:
 Subjugou por valor, por força, e arte
 Do Imperio de Memnon Povo infinito;
 Tentando como Impavido Guerreiro,
 Submeter a seu jugo o Mundo inteiro.

XLIII.

Elle foi quem alli ao Povo adusto
 Da Clara Região, que he do Sol Berço,
 Fez vêr segunda vez a face ao susto
 A' custa do seu sangue então disperso:
 Pertendeo, pertendeo meu Nome augusto
 Do Esquecimento pôr no pó submerso,
 Mas não pode (a pezar de viva guerra)
 Roubar-me a gloria, o Nome, a fama, a Terra.

XLIV.

E hei de agora soffrer, que do Occidente
 Vão as fortes façanhas Portuguezas
 Da memoria brutal da inculta gente
 Riscar as minhas Inclitas Proezas?
 Ah! não consentirei, que no Oriente
 De Lusos Pinhos no mais alto prezas
 Tremolem as Bandeitas, cujas Quinas
 Ameação terríficas ruínas.

XLV.

Em quanto isto no Olympto acontecia,
 O forte Zargo Ilustre Lusitano
 Em forte Lenho bellico fendia
 As cristallinas ondas do Oceano:
 Do Algarve o mar intrepido corria
 Em cata do Hespanhol, e do Africano,
 Nações, com que o seu Rei João Primeiro,
 Combatia com animo guerreiro.

XLVI.

Era Zargo de Célebre Ascendencia
 Heroe; Neto de Heroes, e de Heroe Filho,
 De quem fazia estima, e confidencia
 O Infante, que do Pai seguia o trilho:
 Sua Honra, Valor, Zelo, e Prudencia
 Lhe derão ás Acções rão claro brilho,
 Que a pezar de ser já Grande em Nobreza;
 Por ellas veio a ser Nobre em Grandeza.

XLVII.

De Tangete no Cerco foi Soldado
 De tamanho poder, forças tamanhas,
 Que mil vezes-do Infante ao Dextro Lado
 Fez inauditas célebres façanhas:
 De invicta espada, e de valor armado
 De quantos Mouros vio as vís entranhas,
 Proezas, porque Henrique Justiceiro
 O Titulo lhe deo de Cavalleiro!

XLVIII.

Fez outras immortaes Heroicidades
 Bem Dignas todas de immortal memoria,
 Conhecidas purissimas verdades,
 De que falla sem pejo a Lusa Historia:
 Em quanto houverem neste mundo idades,
 Deve ser immortal a sua Gloria,
 Porque Este Heroe, que canto em metro culto,
 Inda morto merece o humano culto.

XLIX.

Cortava as ondas do Oceano hum dia
 O Sublime Varão, Zafiro Famoso,
 Que por ordem d'Henrique perseguia
 Sobre os mares o Mouro caviloso:
 Eis apparece hum Lenho, que fendia
 Crespas vagas do Pego Salitroso,
 E o Luso Capitão com força rara
 Para o fatal Combate se prepara.

L.

De Zargo a voz, que d'improviso sôa
 Dos Lusos cada qual manda a seu posto;
 Qualquer delles alli não corre, vôa,
 Tão grande he seu valor, tal he seu gosto:
 Para o Lenho, que avista, inclina a prôa
 O Heroe, que tudo tem Sabio disposto;
 E d'igneo ferro concavo-redondo
 Manda logo soltar sulfureo estrondo.

LI.

Incendiada a massa sulfurina,
 Trôa o rouco trovão de Marte horrendo,
 E a bala, que se avança repentina,
 Os ares sibilantes vai fendendo:
 Ameaçando horrifica ruina,
 O ferreo globo horrisono gemendo,
 Diz ao Lenho inimigo, que ligeira
 Solte aos ares a trêmula Bandeira.

LII.

Constrangida da voz da ferrea bala
 Sobre aos ares Bandeira Castelhana,
 E o Destemido Zargo, vendo içalla,
 Manda içar a Bandeira Lusitana:
 Eis de Marte o trovão de novo estala,
 Annunciando guerra á Gente Hispana;
 Mas como ella a Bandeira frouxa arria,
 Cala-se a Forte Lusa Artilheria.

LIII.

Rendido o curvo Pinho á Gente Lusa ,
 Valentes Portuguezes desremidos ,
 Cujos valor audacias não recusa ,
 Vão abordar os miseros vencidos :
 Dentre elles todos nem hum só se escusa
 De abordar pusillanimas rendidos ;
 Já cheios de prazer pela victoria
 Arroção-se aos bateis ebrios de gloria.

LIV.

Abordada sem susto a fraca preza ,
 No número dos tímidos captivos
 Hum Piloto de célebre agudeza
 Se achava alli por célebres motivos :
 Parece , que lhe dera a Natureza
 Idéas claras , pensamentos vivos ,
 Para a Gloria augmentar de Zargo Illustre
 A Seu Nome Immortal dando mais Lustre.

LV.

De João de Morales (este o Nome
 Do famoso Piloto prisioneiro)
 Ordena o Cauto Zargo , que se rome
 Conhecimento firme , e verdadeiro :
 O Tempo tudo gasta , rala , e come ,
 (Disse Zargo Magnanimo Guerreiro)
 Mas não pôde gastar o odio ufano ,
 Que eu tenho contra o Bravo Castelhana.

LVI.

Ouvindo as expressões do Grande Zargo,
 Morales se intimida, e se entristece ;
 E o rosto seu banhando em pranto amargo,
 A' Dôr sanhuda succumbir parece :
 D'improviso em Lethifero Lethargo
 O misero Morales desfalece ,
 E de raiva em tyrannico transporte
 Mil vezes tenta vêr a face á Morte.

LVII.

Já de Cynthia Formosa as Luzes bellas
 Sobre o plano dos mares se esparzião,
 E do alto Olympo as nítidas Estrellas
 No brilhante das ondas reluzião ;
 O Triste , pondo então seus olhos nellas,
 Julgando alli, que do seu mal se rião,
 Contra o Ceo , contra os Astros , contra os mares,
 Estas vozes soltou do peito aos ares :

LVIII.

O' Ceo , Tyranno Ceo , que mal te ha feito
 Hum vivente infeliz , que em nada offende
 O Venerando Divinal Preceito ,
 Que a Doce Jugo nos sujeira , e rende ?
 Se eu hei de viver sempre deste geito ,
 Se o meu Cruel Destino isto pertende,
 Rouba-me antes a vida ; que eu não prézo
 A desgraças viver atado , e prézo.

LIX.

Malignos Astros, Astros Despedados,
 Que enornais sobre mim influxos tristes,
 Se tinheis de comigo ser malvados,
 Morresse eu, logo que nascer me vistes:
 E vós, ó Cruéis Mares, empolados,
 Dizei, porque razão não me engulistes
 A vez primeira, em que intentei buscar-vos,
 A vez primeira, em que intentei sulcar-vos?

LX.

Maldito seja aquelle, que primeiro
 Vossas ondas sulcou em fragil Lenho
 Apôs do vil Inrresse aventureiro,
 Sem temer o seu misero despenho:
 Se em cavo pinho undivago veleiro
 Se não sulcasse o mar, por certo tenho,
 Que, á Cubiça Aveinal tomando as redias,
 Evitára a Razão tantas Tragedias.

LXI.

Calou-se então o misero Rendido,
 É passado da mágoa, que o ferira,
 Mal supportando a dör, desfalecido
 Ao breado convéz o corpo atira:
 Alli por longó espaço sem sentido
 Convulsivo, e frenetico delira;
 Mas depois de algum tempo, a si tornando,
 Só suspiros ao peito hia arrancando.

LXII.

Não falta alli quem dentre os Portuguezes
 O Confuso Morales animasse,
 Supplicando-lhe em fim por muitas vezes,
 Que não se desse á Dôr, que socegasse:
 A fortuna, que tens, ah! não desprezes,
 (Disse hum delles beijando-lhe na face)
 O Ilustre Capitão, de que és captivo,
 He Nobre, Virtuoso, e Compassivo.

LXIII.

Amante do seu Rei, fiel Vassallo
 Aborrece as Nações, que cavillosas
 Fazem o seu prazer, o seu regalo
 Em tecer-lhe traições industriosas:
 Mas este Luso Heroe (sem dolo fallo)
 Sabe prezar as Almas Virtuosas,
 Ou sejam ellas de Nações Amigas,
 Ou sejam ellas de Nações Imigas.

LXIV.

Huma vez que elle encontre em ti Virtudes,
 Tens nelle hum Protector, porque odiados
 São sómente por elle os vicios rudes
 De infames Corações, Peitos damaados:
 D'hoje em diante cumprirá, que estudes
 Os meios de alcançar os seus agrados,
 Sabe pois, que este Heroe ficou ha pouco,
 Por saber quem tu és, de prazer Louco.

LXV.

Socega em fim, teu animo socega,
 (Permite que esta supplica te faça)
 Huma grande Ventura, quando chega,
 Vem quasi sempre após d'hum Desgraça:
 Ao Candido Prazer tua alma entrega,
 Não temas de mão Fado ímpia ameaça,
 Porque a par deste Capitão Famoso
 Hás de inda ser de todo Venturoso.

LXVI.

Desta sorte a Morales animava
 Baccho, que então tomando a fôrma humana
 D'hum dos Lusos, que alli se não achava,
 Favorecia a Gente Lusitana:
 Ao Forte Capitão, que descansava,
 Procura o Nizeo Deos; na mente ufana
 Em agradavel Sonho lhe figura
 Grande Ilha descobrir fertil, e pura.

LXVII.

Tendo tudo assim feito o Deos de Niza
 Sem dar-se a conhecer ao Lusitano,
 Subitamente então se diviniza,
 Tomando o antigo gesto Soberano:
 Neptuno na fulgente Concha liza
 Recebe Carinhoso o Deos Thebano,
 E apenas he na concha recebido,
 Tritão emboca o buzio retorcido.

LXVIII.

A's vozes do maritimo Instrumento
 Acodem as Nereidas em cardume :
 Lacteos peitos , abrindo o salso argento ,
 Ateão da Lascivia o vivo lume :
 De escamosos Delfins de centos cento
 Em honra de Lieo , e do seu Nume ,
 As prateadas caudas entrelaça ,
 E cheio de prazer a concha abraça.

LXIX.

Marinhos Monstros de estatura informe
 Ligados á Carroça Neptunina
 Com viva rapidez , força disforme
 Nadavão pela liquida Campina :
 Toda a Côrte do Mar , que então já dorme ,
 A's vozes da Tritonica Buzina
 Desperta , e do seu Rei no seguimento
 Vai pollo no seu humido Aposento.

LXX.

Tendo na esquerda o lucido Tridente ,
 E dando a Dextra ao Numen Pampinoso ,
 Por escadas de pórfido luzente
 Sóbe com toda a Côrte o Nume Undoso :
 Em magnifica Sala refulgente
 D'hum Soberbo Palacio Magestoso
 Entrando , de prazer o Deos de Niza ,
 Parece , que allí mais se diviniza.

LXXI.

Era o Rico Palacio construido
 De Crystal transparente, e jaspeado ;
 D'hum auri-verde marmore pulido
 Era o seu pavimento fabricado :
 O Tecto todo em roda guarnecido
 Estava d'hum lindissimo brocado,
 Donde pendião com lustroso mimo
 Festões de flores de cenaleo limo.

LXXII.

Com magestoso esplendido apparato
 A Regia Sala Augusta se offerece :
 Baccho de admiração quasi insensato,
 Ficando immovel, té de si se esquece :
 Mais precioso, mais brilhante ornato
 No Olympo raras vezes apparece ;
 Tudo respira alli pompa, e belleza,
 Tudo respira alli mimo, e riqueza.

LXXIII.

Nitido Lustre de grandeza immensa,
 Que do alto tecto fulgido pendia,
 Cuja graça mimosa se não pensa,
 A vastissima Sala esclarecia :
 Estava a grande Máquina suspensa
 Por tres cadêas de ouro; e parecia,
 Pelo seu brilho, e chamma incendiada,
 Ser toda de carbunculos formada.

LXXIV.

LXXIV.

Sobre degrãos de marmore brilhante
 O Throno de Neptuno estava posto ;
 „ Doutra pedra mais clara que o diamante „
 Todo elle parecia ser composto :
 Tudo era alli gentil , tudo elegante ;
 Em tudo se encontrava mimo , e gosto ;
 He alli que este Rei com gloria summa
 Aos seus Vassallos legislar costuma.

LXXV.

Apenas Baccho vio a Regia Sala ,
 De assombro fica sem saber que faça ;
 E Neptuno , depois de bem mostralla ,
 Com elle a outra súbito se passa :
 A segunda á primeira não iguala
 Na grandeza , e valor ; mas tem mais graça ;
 Pois , quanto póde haver de ameno , e grato ,
 Alli se encontra com mimoso ornato.

LXXVI.

Virentes ramos de auri-verdes plantas
 Os lados todos desta Sala ornavão ;
 As recedentes flores erão tantas ,
 Que aromaticas tudo embalsamavão :
 Das Filhas de Nereo (não direi quantas)
 Entretidas alli muitas estavão
 Em tecer de fragrantas flores bellas
 Lindos festões , lindissimas capellas.

LXXVII.

LXXVII.

Quatro brilhantes Uinas reluzentes,
 Que de ricos festões de flores se omão,
 Sobre altos pedestaes auri-fulgentes
 Da fresca Sala os angulos adornão:
 De puras aguas limpidas correntes
 Em grandes Madrepérolas entornão,
 Que com doce mormurio grato, e brando
 Os ouvidos estão lisonjeando.

LXXVIII.

Seguiu-se então Banquete sumptuoso
 De muita, sem igual, delicadeza:
 Tudo o mais exquisito, e saboroso
 A Baccho appareceo na Lautu Meza:
 Manjar junto a manjar delicioso,
 Gratos frutos no gosto, e na belleza,
 De mistura co' a rubda ambrozia
 Formavão delicada symmetria.

LXXIX.

Tres Ninfas de prestante formosura
 A' meza aos Deoses com prazer servião;
 Seus cabellos em conchas de mistura
 Sobre os collos de jaspe lhes cahião:
 Os lacteos globos seus de neve pura
 A cada instante mágicos tremião,
 E acordando dos Deoses os Desejos,
 Famintos lhes pedião doces bejos.

LXXX.

Entretanto que os Numes vão ceando,
 Algumas das Nereidas Catinhas
 Em honra de Lico estão cantando
 Mellifluas endeixas sonoras:
 Humas suaves citharas tocando,
 Outras recendo danças graciosas,
 Os Deoses entretem durante a cêa
 Em cousas, com que Baccho se recrêa;

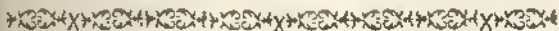
LXXXI.

Acabado o Banquete, o Deos dos Mares
 Ao Deos de Niza falla desta sorte:
 He tempo, Amigo, he tempo de te dares
 D'hum Somno doce ao magico transporte:
 He tempo, Amigo, sim, de descançares,
 E descance tambem a minha Côrte:
 Disse: e depois de graves cumprimentos
 Buscão seus destinados Aposentos.

LXXXII.

Em quanto Baccho de prazer confuso
 He pelo Rei dos Mares hospedado,
 Em aprazivel sonho o Varão Luso
 O Pensamento seu tinha enredado:
 Moraes, da razão cobrando o uso,
 Começa a respirar mais socegado;
 E desde então solícito medita
 Fazer de Zargo a gloria, e a sua dita.

Fim do Canto Primeiro.



CANTO SEGUNDO.

ARGUMENTO.

DO Algarve a Terra, que a distancia encobre,
 Se avista com prazer, e ingente gloria;
 Ao Luso Capitão Inclito, e Nobre
 Conta Moraes de Machim a Historia:
 Diz-lhe, que he justo, que o valor se dobre,
 Porque fique Immortal sua memoria;
 Tentando aquella grande Descoberta
 Da fertil Ilha, flórida, e, deserta.

I.

JÁ de Titan os Raios Scintillantes
 Esparzindo huma luz serena, e pura,
 Sobre o crystal das ondas rutilantes
 Brincavão com mimosa travessura;
 Nisto sôão dos Lusos Navegantes
 Altas vozes com vivas de mistura,
 Que despertando Zargô, lhe annunciação
 Ser Tetra o que inda mal ao longe vião.

II.

Salta ao convéz o Capirão Contente,
 E conhecendo bem do Algarve a costa,
 He Terra, (disse) he Terra certamente
 Aquella sombra, que no mar se encosta:
 O Promontorio he de S. Vicente,
 Onde a Villa de Sagres está posta,
 Villa, que o Grande Henrique edificára
 Para alli cultivar Sciencia Rara.

III.

He d'alli, que lançando sobre os mares
 Suas vistas, subris, pesquisadoras,
 Tenta Descobrimientos singulares,
 E tenta Emprezas mil conquistadoras:
 He d'alli que entre Estudos Exemplares
 De sublimes idéas brilhadoras
 Tem dado á Nação Lusa tanta idéa,
 Que por ella já mares senhorea.

IV.

Assim do Sabio Infante, Sabio em tudo
 Fallava Zargo Illustre; e reanimado
 Pelo Seu Gesto, eis que Elle fica mudo,
 Morales apparece ante Elle ousado:
 Senhor, (lhe diz) eu tenho feito estudo
 De merecer hum dia o teu agrado;
 Ah! presta-me attenção ao que te digo,
 Ainda que Hespanhol, sou teu Amigo.

V.

Saberás que dos Mouros fui Captivo,
 (Nação bruta, inculta, e fraudulenta)
 E que entre elles afflicto ha tempos vivo
 De martyrios em horrida tormenta:
 Quasi sempre sombrio, e pensativo
 Entre Monstros Cruéis de côr cinzenta
 Existi, té que hum dia... (oh! triste dia!)
 Senti quanto a Desgraça em fim podia.

VI.

De miseros Captivos rodeado
 Inglezes de Nação, que alli chegarão,
 Hum successo infeliz me foi narrado,
 A cuja narração Mouros cherarão:
 O Caso mais fatal, mais desastrado,
 Com vivas expressões alli contarão;
 Caso, que causa horror á Natureza,
 E o mais triste, que vio a Redondeza.

VII.

Mas se elle por hum lado he triste, e feio,
 Por outro pôde ser bem glorioso;
 Quanto de horrendo tem, ó Zargo, creio,
 Que tambem pôde ter de proveitoso:
 D'algum modo, Senhor, eu me glorieio
 De narrar-te este Caso lastimoso,
 Pois esta Narração, posto que dura,
 Pôde dar-te mais gloria, e a mim ventura.

VIII.

VIII.

Na Famosa Inglaterra (assim dizia
 Hum dos Captivos, de que fui cercado)
 Hum Nobre Cavalleiro Inglez havia,
 Que Roberto Machim era chamado:
 No gesto, e na figura parecia
 Hum Narciso, hum Adonis namorado;
 Parece, que o dotára a Natureza
 De tudo, quanto he graça, e gentileza.

IX.

Quiz a sua Ventura, que elle visse
 Anna de Harfet, Ingleza bem nascida,
 E por ella de Amor logo sentisse
 Da Paixão a sua alma combatida:
 Quiz a sua Ventura descobrisse
 Encantos, que dão morte, e que dão vida;...
 Ah! que eu não posso ao vivo aqui pintallos,
 Mas póde, quem quizer, imaginallos.

X.

Tinha Harfet aureas tranças reluzentes,
 Que em ondas sobre os hombros lhe pendião,
 Tinha hum rosto gentil, onde excellentes
 Mimosas lindas graças se esparzião:
 Tinha faces de neve transparentes,
 Em que sanguineas rosas florecião,
 Tinha huns olhos crueis por matadores,
 E Labios, que a rubim roubárão cores.

XI.

Tinha hum Corpo gentil , menceio airoso ,
 Viveza natural , mimo , e doçura ,
 Hum modo affável , sempre gracioso ,
 E huma alma sempre terna , meiga , e pura :
 Eis de Harfet o Retrato Precioso ;
 Quem não vio inda Harfet , veja a pintura ;
 Porque o mais , que ella tinha , e não descrevo ,
 Perfeito julgo , mas pintar não devo .

XII.

O Filho de Diõne , que não cessa
 De ardiloso intentar novas conquistas ,
 Para ferir Machim sagaz se apressa ,
 E ás armas corre de Machim bemquistas :
 Para a Empreza Cúpido , sem que as peça ;
 Por settas escolheo de Harfet as vistas ,
 E dos olhos de Harfet fazendo os tiros ,
 Solta Machim ternissimos suspiros .

XIII.

Namorado Machim de Harfet Divina ,
 Quiz unir-se com ella em doce laço ,
 Porém , quando a fazello se destina ,
 Nos Parentes de Harfet acha embaraço :
 A amorosa Paixão , que ambos domina ,
 Lhes dá valor , e lhes franquea o passo ,
 E em fuga postos os Fiéis Amantes
 Deixão da Patria os Lares inconstantes .

XIV.

Já corta o crespo mar a quilha undosa,
 Que no seu ventre occulta os dois consortes;
 Já fica atrás Bristol, donde animosa
 Foge Harfet, sem temer prigos, e mortes:
 Machim, vendo a seu lado a amante Esposa
 De prazer entre magicos transportes
 Pegando-lhe na mão, para beijalla,
 Nella os labios imprime, e assim lhe falla:

XV.

Meu Bem, meu Doce Bem, a Natureza
 Empenhou-se em formar Esse Composto
 De mimos, perfeições, graças, belleza,
 Por fazer-me feliz, por dar-me gosto:
 Agora que de Amor és Pura Pieza,
 E que prezo a teu lado me tens posto,
 Armados sempre de constancia rara
 Amem-se os Corações, que Amor ligára.

XVI.

Já distantes dos nossos Inimigos,
 Que a tão doce União se oppunhão feros,
 Ainda que sujeitos a perigos
 Não temamos seus animos severos:
 Invoquemos os Deoses por Amigos
 Por meio de fiéis votos sinceros;
 Inda que sem Piloto se navega,
 Tem bom Piloto, quem ao Ceo se entrega.

XVII.

Os nossos ternos candidos Amores
 Ha de o Ceo prosperar, pois que são puros ;
 Não se temão da Sorte os desfavores,
 Tendo os Deoses por nós vãos seguros :
 Se da Procella os rabidos horrores
 Nos assaltarem horridos, e duros,
 Devemos ter nos Deoses confiança,
 Porque atrás da Tormenta vem Bonança.

XVIII.

Ouvindo as expressões do terno Amante,
 Se julga a Linda Harfet mais que ditosa,
 E com vivo prazer, meigo semblante
 Deste modo responde carinhosa :
 Ainda que mulher, sei ser constante,
 Sei arrostar trabalhos animosa ;
 Quando Amor se reveste de pureza,
 Costuma tirar forças da fraqueza.

XIX.

Nestes, e outros colloquios entretidos
 Hião os dois Amantes namorados,
 E em doce liga por Amor unidos
 Os vi por muitas vezes abraçados :
 Que meiguices, que nimos reperidos !
 Que affagos ternos, que fiéis agrados !
 „ Melhor he exprimentallo, que julgallo,
 „ Mas julgue-o quem não pôde exprimentallo.

XX.

Vinha a Noite sombria, e somnolenta
 Hum pouco triste negreando os ares,
 Quando apôs della horrifica Tormenta
 Desaba sobre o Lenho, e sobre os mares:
 Parece o Ceo que sobre nós rebenta,
 Desentranhando raios a milhares,
 A cuja luz o mar mostra as entranhas,
 Transformando-se em rugidas montanhas,

XXI.

Rajvosos Aquilões, Eutos membrudos
 Combatem entre si em viva guerra,
 E com força Averno Tufões sanhudos
 Pertendem confundir Cers, Mar, e Terra:
 Mostrão-se ambos os Polos carrancudos,
 O Arctico Glacial horrido berra,
 O Antartico tambem, como de inveja,
 Não berra, mas horrisono troveja.

XXII.

Nisto os temos Amantes se assustarão,
 E enfiados do medo, que os assalta,
 Ternamente abraçados desmsistirão,
 Porque de todo o animo lhes falta:
 Porém logo que a si ambos tornirão,
 Machim anima Harfet, e ao convéz salta;
 Donde vendo a Procella horrenda, e foite,
 Pondo os olhos nos Ceos, diz desta sorte:

XXIII.

O' tu, Cujó Poder abala, e move
 A Mole immensa do Universo inteiro,
 O' tu, Sup:emo Deos, Supremo Jove,
 Dos miseros Mortaes Pai Justiceiro:
 Se não queres, Senhor, que hoje Harfet prove
 O veneno da Morte, te requeiro,
 Que por altos effeitos de Piedade
 Abonances a fera Tempestade.

XXIV.

Harfet, a Linda Harfet, que tu creaste,
 Para vir a fazer minha ventura,
 Harfet, a Linda Harfet, a quem dotaste
 Hum puro Coração, huma alma pura,
 Gelada está de susto, e tanto baste,
 Para em fim merecer tua ternura;
 Ah! não me roubes, não, a minha Bella;
 Deoses do Olympo, intercedei por ella.

XXV.

Assim dizia, quando lhe disserão,
 Que a triste Harfet o seu Machim chamava;
 E apenas esta nova lhe trouxerão,
 Não corria Machim, Machim voava:
 Neste momento os ventos se exasperão,
 E o Lenho, que entre as ondas estalava,
 Dá de lado, e parece, que procura
 Nas entranhas do mar a sepultura.

XXVI.

Rôtas as vélas, miseros pedaços
 Ondeão pelos ares sibilantes,
 E de frio pavor entre embarços
 Tremião os confusos Navegantes:
 Machim, que tinha Harfet entre seus braços,
 Com meigas expressões dolci-rocantes
 Confiado no Ceo consola, anima
 A quem mais do que a propria vida estima.

XXVII.

En'regue á discrição de ondas, e ventos
 Por alguns dias para a quilha undosa,
 Té que veio ordenar os Elementos
 Huma Noite serena, e bonançosa:
 Sobre o crystal dos mares somnolentos
 Brilha de Phebe a chamma luminosa,
 E os Astros, que em ser lucidos se apurão,
 Nos espelhos das ondas se figurão.

XXVIII.

Alegres por nos vermos em bonança,
 E já livres do naufrago perigo,
 Veio então soccorrer-nos a Esperança
 De encontrarmos ainda porto amigo:
 Já mais contente Harfet alli descança
 Nos braços de Machim; e em seu jazigo
 Procura cada qual affadigado
 Dar ao corpo o repouso suspirado.

XXIX.

Era já alto dia, quando humo nosso
 Companheiro fiel de cima berra,
 Dizendo assim com subito alvoroço,
 Alviçaras, Amigos, terra, terra:
 Inda que eu queira, aqui pintar não posso
 O prazer vivo, que entre nós se encerra:
 Que scena para nós doce, e risonha,
 Depois de huma procella tão medonha!

XXX.

Aos ecos desta voz, que alegre sôa,
 Despertão os Amantes, que dormião,
 E a todos nós chegando a nova boa,
 Huns acordavão, outros já surgião:
 Machim correndo então de popa á proa,
 Nos olhos, e nos gestos se lhe vião
 Vivas demonstrações do prazer forte,
 Que a Alma sente em divinal transporte.

XXXI.

Apparece, e bem perto, coroada
 De nuvens huma Terra florecente,
 E aonde ella fazia huma enseada,
 Mandou ferro lançar Machim Contente:
 Saibamos se esta Terra he habitada
 (Disse Machim) de Feras, ou de gente:
 Quem acaba de naufraga fadiga,
 Deseja ter descanso em Terra amiga.

XXXII.

XXXII.

Não acabava quando os marinheiros
 Já dentro no batel se aparelhavão
 Para buscar magnanimos ligeiros
 A Terra, porque tanto suspiravão:
 Afoito quiz eu ser hum dos primeiros,
 Que para a dura empreza se aprestavão,
 E armados todos nós nos de pedimos
 De Machim, e de Harfet, e nos partimos.

XXXIII.

Sem muito custo à Terra em fim chegamos,
 E vendo-a toda chea de arvoredos,
 Entre todos primeiro consultamos
 Se se devia entrar naquelle entredo:
 Por votos, em que todos concordamos,
 Animosos, sem vêr a face ao Medo,
 Onde sahia ao mar huma Ribeira
 Desembarcou a Gente Aventureira.

XXXIV.

Embrenhados por arvores sombrias
 Descobrimos d'hum lado, e d'outro lado
 Muitos frutos agrestes, fontes frias,
 E hum clima puro, ameno, e temperado:
 Levantadas incultras serranias
 Cobertas de Arvoredos apinhoados
 Mais distantes as frentes escondião
 Entre nuvens pezadas, que as cobrião.

XXXV.

XXXV.

Nem pizadas humanas, nem ferinas
 Encontramos allí: ricos presentes
 De agrestes frutos, agnas crystallinas
 Quizemos a Machim levar Contentes:
 Fende o batel as ondas Nepruninas
 Carregado de frutos differentes
 Na forma, e no sabor, até que chega
 Ao Lenho, em que Machim a Amor se entrega.

XXXVI.

Ouvindo a narração da descoberta,
 Que fizemos, Harfer a Machim pede,
 Que a deixe em Terra, ainda que deserta,
 Dois dias descansar; e Machim cede:
 Valem-se ambos então da nossa offerta,
 Para hum pouco abrandar a ardente sede,
 E entrando no batel, sem medo a prigos,
 A Terra buscão com fiéis Amigos.

XXXVII.

Eu fui hum dos que em sua companhia
 Dois dias felizmente allí vivêrão:
 Mas ah! que o corpo meu todo se esfria
 Ao lembrar-me do fim, que os dois tiverão!...:
 Por Lei fatal da Sua Sorte Impia...
 Ambos... infelizmente... allí morrerão:
 Mais não posso dizer, porque a Dor fera
 Me parte o Coração, e mo lacera.

XXXVIII.

XXXVIII.

Calou-se o Prisioneiro, e suffocado
 Soluçando algum tempo esteve afflicto,
 E de saudade em lagrimas banhado
 Desta sorte começa em alto grito:
 Porém ah! que este Caso desatrado,
 Caso triste, e fatal, Caso inaudito
 Devo em fim repetir: fique esta Historia
 Por tragica dos homens na memoria.

XXXIX.

Pensem agora as Almas, que sensiveis
 A's desgraças dos miseros humanos
 Vão vêr hum dos successos mais horríveis,
 Que tem acontecido entre os mundanos:
 Talvez que então conhecão quão terríveis
 São para os homens da Desgraça os danos,
 E que desta inimiga ao golpe rude
 Tambem succumbe a Candida Virtude.

XL.

Dois dias docemente se passarão
 Na Terra inculta, mas amena, e bella,
 Onde os ternos Amantes descansarão
 Das fadigas da horrifica Procella:
 Grande Tronco, que os annos escavatão,
 Enorme Tronco, que encontramos nella,
 Foi nossa habitação; alli gostosos
 Dois dias se passarão venturosos.

XLI.

Nisto nova borrasca embravecida
 Parece, que arrazar o mundo intenta,
 A Noite mais medonha, e desabrida
 Aos nossos tristes olhos se apresenta!
 A Terra, em negras sombras envolvida,
 Parece, que o seu pezo não sustenta:
 E o mar contra os calhãos em dura guerra
 Quer sanhudo engulir calhãos, e Terra!

XLII.

Abrigados do Tronco cavernoso
 Passámos toda a noite, ao Ceo rogando,
 Que nos trouxesse hum dia bonançoso,
 Hum mar tranquillo, hum vento doce, e brando:
 Mas não nos escutou o Ceo Piedoso;
 Mil desgraças fareaes ameaçando,
 Succede á Noite hum dia em rudo horrendo,
 Hum dia o mais fatal, o mais tremendo.

XLIII.

Aos nossos olhos já não apparece
 O Lenho, que ficára fundeado;
 Aqui hum, alli outro á praja desce,
 Para vêr se teria naufragado:
 Desanimada Harfet eis desfalece
 Nos braços de Machim desanimado,
 Que homem não era já, pois mudo, e queda } (*)
 Era hum penedo junto de hum penedo.

XLIV.

(*) Imitação de Camões.

XLIV.

Afflictos, descontentes, pensativos
 Viemos procurar os dois Amantes,
 Por dar-lhes neste lance compassivos
 De Amizade, e de Amor provas bastantes:
 Sinaes não tinham de que estavão vivos;
 As cores dos seus lívidos semblantes
 Em muda linguagem nos dizião,
 Que os Consones fiéis não existião.

XLV.

Oh! que Scena d'horror!... a Natureza
 Sobre a Terra estendeo, só por não vèlla,
 Nuvem de estupendissima grandeza
 Em partes negra, em partes amarella!
 Tão grande nunca vio a Redondeza!
 Sim a Terra gemeo co' o pezo della!...
 E nós em suas sombras envolvidos
 Andámos huns co' os outros confundidos.

XLVI.

Caro Machin, (gritei) já não existes?
 Harfet, Querida Harfet, já estás morta?
 Porque á Dor tão depressa succumbistes?
 Mas nisto a mortal Dor a voz me corta:
 Voltendo os olhos languidos, e tristes,
 Talvez porque esta voz viva os conforta,
 Desperta os Amantes malfadados
 Estreitamente allí inda abraçados.

XLVII.

XLVII.

Aonde estás, Harfet? (Machim gritava)
 Aonde estás, Machim? (Harfet dizia)
 Nem Machim via Harfet, que a si ligava;
 Nem Harfet a Machim, que a si unia:
 Machim entre seus braços apertava
 Aquella, que procura, e que não via;
 E Harfet tinha em seus braços ternamente
 Aquelle, que procura, e que não sente.

XLVIII.

Desta sorte dois dias mais corrêrão,
 Sem que a misera Harfet a Machim visse;
 Assim os Sacros Deoses o quizerão,
 Para que mais a morte não sentisse:
 Porém quando de todo falecêrão
 Seus alentos viraes, apenas disse:
 Adeos, Caro Machim, as Nossas Almas
 Na Gloria colherão da Gloria as palmas.

XLIX.

A' triste voz da Linda Harfet, que expira;
 Fica immovel Machim como hum rochedo:
 Nem ao menos o misero respira;
 Era a Imagem do livido Segredo:
 Oh! quem scena tão triste nunca vira!
 Seus olhos espantados metrem medo!
 Parece, que de susto os troncos tremem!
 Parece, que de susto as pedras gemem!

L.

Cheio eu mesmo de sustos penetrantes
 Cerrando os olhos meus chaguei-me a hum tronco,
 E encostando a Cabeça alguns instantes,
 Estive immovel, qual penhasco bronco :
 Occupado de idéas vacillantes
 Ouvi hum grito á imitação d'hum ronco,
 E dando hum pulo donde estava posto,
 Olhei, e vi Machim co' a mão no rosto.

LI.

Machim, triste Machim, não desanimas,
 Não te entregues á Dor, (lhe disse eu logo)
 Por ora não convém que te lastimes,
 Attende, Amigo, a meu pungente rogo :
 Os excessos de Amor também são crimes,
 Se contra nós ateão vivo fogo ;
 Quem a excessos a vida arrisca, e rende,
 Irrita os Justos Ceos, os Ceos offende.

LII.

A tua Cara Harfet da Dor na guerra
 Ha pouco deo ao Ceo o que era delle,
 E deixando na Terra o que he da Terra,
 Parece, que a tal dor não te compelle :
 A tristeza fatal de ti desterra ;
 A amargura cruel de ti repelle ;
 E deixa o mais ao Ceo, que vigilante
 Velará sobre nós d'hoje em diante.

LIII.

Mal acabei, o triste, alçando a frente;
 Fixa os olhos em mim, estende os braços;
 E equilibrando o corpo fracamente,
 Tremulo apressa fraquejantes passos:
 Ao encontro lhe saio diligente;
 Alli se dão terníssimos abraços;
 E mostrando-me hum ar de agradecido,
 Desta sorte fallou, dando hum gemido:

LIV.

Teu saudavel conselho te agradeço,
 Bem quizera abraçallo, mas não posso;
 Em vão ao Justo Ceo constancia peço,
 Em vão meu mal com lagrimas adoço:
 Harfet... mimosa Harfet, (eu desfaleço!...)
 Quanto he duro, e cruel o Fado nosso!
 Ah! quem diria, Amigo, que tão cedo
 Havia de acabar de Amor o enredo?

LV.

A minha Linda Harfet já não existe...
 E devo eu existir?... que desventura!
 Só huma Alma de bronze he que resiste
 De igual separação á força dura:
 Se os Ceos se irritão de me vêr tão triste,
 Se se offendem de excessos de ternura,
 Resuscitem Harfet, a minha Bella,
 E deixem-me viver aqui com ella.

LVI.

Nestes mesmos Desertos montuosos,
 Sem gozarmos de humana convivencia,
 Nossos dias farão deliciosos
 O puro Amor, a candida Innocencia:
 Mas ah! que os meus desejos fervorosos
 Protegidos não são da Providencia!
 Harfer não torna a si, porque em bonança
 Já nos Elyseos plácidos descança.

LVII.

Agora pois, Amaveis Companheiros,
 (Disse a todos Machim banhado em pranto)
 Devemos dar os cultos derradeiros
 A quem por meu amor padeceo tanto:
 Ajudai-me hoje, Amigos Verdadeiros,
 A cumprir hum dever, que he justo, e santo;
 Encerre-se em piedosa sepultura
 O Thesouro, que foi da Formosura.

LVIII.

Nada mais Machim disse; e destinando
 Hum lugar, para o Tumulo, sombrio,
 Vai com tremulos passos caminhando
 Enredado em confuso tresvario:
 Limpava o triste alli de quando em quando
 O rosto, que ensopava hum suor frio,
 E aos gemidos, que solta das entranhas,
 Parece, que estremecem as montanhas.

LIX.

Aberta a Sepultura, o Terno Amante
 Armado de hum valor religioso,
 Posto que sempre afflicto, e delirante,
 Se apressa para o Culto Luctuoso:
 Ainda que de forças fraquejante
 O cadaver de Harfet sempre mimoso
 Toma nos braços seus, e contra o peito
 O aperta em tristes lagrimas desfeito.

LX.

De Machim todos nós no seguimento,
 Vendo amargas lagrimas a mates,
 Chegámos ao funereo Monumento,
 Que ladeavão lugubres Pezares:
 Fizerão-se de Harfet no Enterramento
 Religiosas honras exemplares,
 E sobre a Campa dura se levanta
 D'hum Sublime Madeito huma Cruz Santa:

LXI.

De alguns ramos de funebre Cypreste
 Carregados do seu amargo fruto
 Machim a Sepultura adorna, e veste,
 Das honras funeráes proprio tributo:
 Do manto da Tristeza se reveste,
 Porque não tinha alli mais prompto luto;
 E no pé do Crucigero Madeito
 Per Epitaphio pôz este Letreiro: „

LXII.

Jaz aqui, ó Mortaes, Harfet Diviná,
 Que por amar Machim a mi Ventura
 Perseguiu atéqui sempre ferina,
 E aqui mesmo lhe deo a sepultura:
 Se por lance de Sorte mais benigna
 Inda habitardes esta Terra dura,
 Hum Templo erguei aqui Sacro, e Decente,
 Para Digno Louvor do Omnipotente.

LXIII.

Vinha a Noite fatal, mas socegada,
 Em mais grosseiras nuvens envolvendo
 A Terra já de nuvens carregada,
 Quando estava Machim isto escrevendo:
 A Inscripção Sepulchral assim gravada
 Foi-se entre mudas sombras escondendo;
 E o misero Machim á Noite fria
 A fallar desta sorte principia:

LXIV.

Veste-te, ó Noite, veste-te de luto,
 E espalha sobre mim trevas escuras,
 Que a Dôr abafem, com que triste luto
 Entalado entre feras Amarguras:
 Em quanto minhas lagrimas tributo
 Da minha Cara Harfet ás cinzas puras,
 Para que minhas lagrimas não visse,
 Quizera, que do Dia a Luz fugisse,

LXV.

Agora em negras sombras envolvido
 Posso affouto soltar queixas aos ares;
 Qual trovão vai soar o meu gemido,
 Fugindo ás garras d'infernaes Pezares:
 Da minha voz o horrisono estampido
 Vai troar nestes horridos Lugares;
 Da Dôr nas Lides, em que afflicto gemo,
 Vou fallar contra a Morte, que não temo.

LXVI.

Faminta Morte, Aborto despiedado
 Da sempre avara tétrica voragem,
 Inda o teu ferro agudo, e esfomeado
 Não está farto de fazer carnagem?
 Esse teu voraz animo danado
 Dize, Monstrio cruel, Monstro selvagem,
 Inda faminto está de ajuntar ossos,
 E Cadaveres mil em montões grossos?

LXVII.

Ah! cruel, ah! cruel, se hoje podéra
 No teu Imperio entrar, Leão sanhudo
 Em mil pedaços miseros fizera
 O teu Corpo, o teu Throno, Sceptro, e tudo:
 Co' a tua propria fouce te fendêra
 O negro peito vil, maligno, e rudo,
 O Infame Coração d'elle arrancára,
 E depois de mordello, o devorára.

LXVIII.

Que sacrilego golpe desfechaste!
 Que immatura colheita, (oh! Ceos!) fizeste!
 Em que tristeza lugubre deixaste
 A Machim côr do funebre Cypreste!
 Nunca hum tão ímpio tiro disparaste,
 Nem crueza tão barbara exerceste:
 Da tua voraz fouce ao golpe rude
 Succumbirão Belleza, e Sá Virtude.

LXIX.

Ai de mim que no centro do meu peito
 Sinto o meu Coração lascrar-se ao meio!
 A quanto o Homem ha de estar sujeito!...
 Tirai-me, ó Ceos, deste enredado enleio:
 Acaso nasce o homem sempre affeito
 Mais a tormentos vis, do que ao Recreio?
 Podem mais os Desgostos, que os Prazeres?...
 Maldita a Sorte dos humanos Seres.

LXX.

Mas onde me arrebatas, Dôr Cruenta?
 Em que abysmo me lanças pavoroso?
 Carrancuda voragem me apresenta
 Aberto o fatal seio tormentoso!
 E queres-me abysmar, ó Dôr Violenta,
 Naquelle horrivel Cahos espantoso,
 Naquelle horrivel Cahos esfaimado,
 Que milhões de Mortaes tem devorado?

LXXI.

Os juizos da Sacra Divindade,
 Que o Universo tirou das mãos ao Nada,
 São arcanos, que a fraca Humanidade
 Não deve investigar por Lei Sagrada:
 Do Artifice Divino a Magestade
 Não deve ser dos homens profanada;
 Tudo quanto acontece neste mundo,
 São destinos d'hum Deos Sabio, e Profundo:

LXXII.

Quanto falsários são os bens da vida!
 Se nos dão de prazer algum momento,
 Mil momentos nos dão da Dôr na lida,
 Em que cança o mais forte soffrimento:
 Ah! minha Doce Harfet, Harfet Querida,
 Do seio deste escuro Monumento
 Aceita, por penhor da fé mais pura,
 Os meus ais com meus prantos de mistura:

LXXIII.

Não temas, que Machim roube á Lembrança
 Por hum breve momento a Imagem tua;
 Onde a tua Alma placida descança,
 Cedo irá descançar tambem a sua:
 Vem, ó Morte Cruel, vem, sem tardança,
 Ensopar em meu sangue a fonte crua;
 Ah! vem tu, antes que de Dôr gelado
 Fique o sangue nas veias estagnado.

LXXIV.

Se o Destino não quiz ser-nos propicio
 Ainda mesmo nesta Terra inculta ;
 Se por fazer fatal o nosso exicio
 Se mostrou contra nós a Sorte Estulta ;
 Dá-me de compaixão hum claro indicio,
 O' Morte avara , misero sepulta
 O meu Corpo no tumulo , que encerra
 Aquella , que acabou da Dôr na guerra.

LXXV.

E vós, Amigos meus, buscai constantes
 Huma sorte melhor , que a minha sorte ;
 Ide alegres viver de mim distantes ,
 Em quanto espero aqui , que venha a Morte :
 Não poderão correr muitos instantes ,
 Em que o fio da vida me não corte
 Aquella , que inda tem a fouce tinta
 No sangue d'huma Flôr em flôr extinta.

LXXVI.

Compassivos deixai neste Deserto
 Hum triste consumir miñados dias
 Deste sombrio Tumulo bem perto ,
 Sustentando-se em negras agonias :
 Meu rosto aqui de pallidez coberto
 Da minha Amada sobre as cinzas frias
 Goteje embora amargurado pranto ,
 Sem que vos cause horror , tristeza , espanto.

LXXVII.

Ide em paz, ide em paz buscar ventura,
 (Esta graça por ultimo vos peço)
 Que eu aqui junto desta sepultura
 Espero o fim da vida, que aborreço:
 Já que por dura Lei da Sorte dura
 Premiado não foi de Amor o Excesso,
 Unida com a de Harfet, e no seu gremio
 Minha Alma alcançará da Gloria o premio.

LXXVIII.

Suffocou-se Machim; e a face unindo
 Ao frio Marsoléo, á Dôr se rende,
 E os montes com soluços aluindo,
 O fragil corpo sobre a campa estende:
 Assim se foi a noite consumindo,
 E o triste tanto á Dôr se liga, e prende,
 Que ao quinto dia, sem dizer mais nada,
 Pôz termo ás penas da vital jornada.

LXXIX.

Desta sorte acabou Machim, que amará
 Mais do que a propria vida Harfet mimosa,
 E sua Alma, que á della Amor ligára,
 A corpórea puzão quebrou saúdosa:
 Oh! Constancia de affecto em tudo rara!
 Oh! Excessos d'humã Alma virtuosa!
 Pela Desgraça Amor foi combatido,
 Pela Desgraça Amor ficou vencido.

LXXX.

Alli co' a Linda Harfet foi sepultado
 O misero Machim por nós, que afflitos
 De vêr este Successo desgraçado
 De horror soltámos formidaveis gritos:
 Depois do seu cadáver enterrado,
 Depois de hontas, e cultos infinitos,
 N'hum Cedro, que cobria a fatal campa,
 Este Epitaphio lugubre se estampa:

LXXXI.

Jaz tambem deste tumulo no sio
 O Misero Machim, que a dura Morte,
 A' sua fera Dôr tomando o freio,
 Quiz unit com a misera Consorte:
 Pouco tempo viveo de Amor no enleio;
 Achou sempre contraria em tudo a Sorte,
 Até que sobre as azas da Saudade
 Foi viver com Harfet na Eternidade.

LXXXII.

Alguns dias depois alli passámos
 Sempre envolvidos no manto da Tristeza,
 E, em quanto alli vivemos, pranteámos
 O Caso triste; Horror da Natureza:
 Sobre o nosso destino consultámos;
 E então, tentando huma arriscada empreza;
 Por fugir de tão funebres Lugares,
 Quizemos entregar a vida aos mares.

LXXXIII.

Lançando ás ondas o batel pequeno,
 Que nos tinha ficado sobre a praia,
 Qualquer de nós com animo sereno,
 Para a vida perder no mar se ensaia:
 Já parece fugir-nos o Terreno,
 Por nós deixado, mas nenhum desmaia;
 E a poucas sulcos da nadante Quilha,
 Entre as ondas se some a fertil Ilha.

LXXXIV.

Poucos dias andámos vagueando
 Sobre mares pacíficos, e pures,
 Na Piedade dos Deoses confiando,
 Porque assim navegássemos seguros:
 Tranquillos doces Zephyros soprando
 Trazem da Barbaria aos Climas duros
 O boiante batel, que temerario
 Se expôz ás fúrias do Oceano vario.

LXXXV.

Finalmente aqui somos Prisioneiros;
 Porém ah! que ventura agora tenho
 De achar aqui aquelles Companheiros,
 Que perdidos julguei no undoso tenho!
 De Successos fataes, mas verdadeiros,
 Eis aqui fidelissimo desenho;
 Pois he proprio de todo o desgraçado
 Contar trabalhos, porque tem passado.

LXXXVI.

LXXXVI.

Tal foi a narração da mesta historia
 De Machim, e de Harfet: este Captivo
 Imprimio-ma toda na memoria
 Com termos, de que tinha o cunho vivo:
 Agora pois que tenho a ingente gloria
 De achar em ti hum Numen Compassivo,
 A Morales, Senhor, permite a graça
 De que huma grande súplica te faça.

LXXXVII.

Vamos, vamos tentar a angusta empreza
 De descobrir aquella inculta Terra,
 Onde dizem, que a Madre Natureza
 Mimosas produções próspera encerra:
 Longe de nós a tímida fraqueza,
 Redobre-se o valor, que a ti se afferra,
 A fim de que inda hum dia, ó Zargo, seja
 Tua Gloria Immortal digna de inveja.

LXXXVIII.

Finalizou Morales, quando Zargo
 Estava de o ouvir de assombro cheio;
 Sua Alma como em languido Lethargo
 Longo espaço jazeo da Dôr no seio:
 Mas vendo então, que o lenho a panno largo
 Crespas ondas do mar fendia ao meio,
 D'improviso se furta áquelle enredo,
 E assim rompe as prizões ao seu segredo.

LXXXIX.

Co' a triste Narração, que me fizeste
 D'hum Caso de Desgraças mil tecido
 Tanto de pasmo, e dôr minha Alma encheste,
 Que longo tempo estive sem sentido:
 Tudo, quanto, ó Morales, me disseste
 Com vivas expressões, inda duvido,
 Que possa acontecer; porém, se he certo,
 A Ilha deve estar d'Africa perto.

XC.

Justo he, que ao Grande Henrique se dê parte
 De quanto como Amigo me tens dito;
 O Infante quer por genio, e quer por arte
 Fazer soar da Lusa Gloria o grito:
 Este Heróe ha de Justo premiar-te,
 Ha de ter em te ouvir gosto infinito,
 E podes desde já ter a certeza
 De que iremos tentar tão alta Empreza.

XCI.

Ah! se eu vejo, ó Morales, realizado
 Hum sonho, que inda ha pouco deleitoso
 Me teve entre delicias embrenhado,
 Dentre os Lusos setei o mais ditoso:
 Eu sonhei, que, fendendo o mar salgado
 Lá do Atlantico Pego Sálitroso,
 Grande Ilha descobri genti', e pura,
 Coberta de frondosa vestidura.

XCII.

XCII.

Que sonho para mim tão lisonjeiro !
 Parto amavel da prenhe Fantasia ,
 Ah ! se tu inda fosses verdadeiro ,
 Quão feliz minha sorte então seria !
 Morales , tu não és já prisioneiro ;
 E's Vassallo da Lusa Monarchia ;
 Sim vamos procurar o Sabio Henrique ,
 Porque mais minha Gloria qualifique.

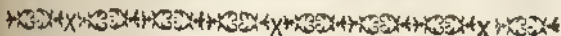
XCIII.

Dizendo assim do cavo Lenho entrega
 O Commando ao Piloto Casielhano ,
 Que ao fresco forte vento , que refega ,
 Mandou logo soltar todo o mais panno :
 Em demanda de Lagos já navega
 O velifero Pinho Lusitano ,
 Em quanto Zargo Illustre assis Contento
 Mil planos giza na fecunda mente.

XCIV.

O' Honras , apôs quem , cruzando os mares ,
 Corria o meu Heróe , quanto Ligeiras
 Voais então da minha Patria aos Lares ,
 Para hospedar a Zargo Lisongeiras !
 Aqui á Sua Gloria erguendo altares ,
 Com inveja das Gentes Estrangeiras ,
 Coroastes o Heróe , que alegre canto ,
 Tornando-o Digno d'immortal espanto .

Fim do Canto Segundo.



CANTO TERCEIRO.

ARGUMENTO.

*N*epiuno para honrar o Deos Thebano
 Chama ao Paço as Miritimas Deidades ;
 O Thyrsigero Deos do Gama em dano
 Pede a Neptuno auxilio, e tempestades :
 Vaticina Prothzo do Deos Silvano
 A vingança, as perfidias, as maldades ;
 E Lico, contra Pan enfurecido,
 He pelo undoso Numen divertido.

I.

*J*Á dos Astros o Nitido Gigante,
 Lucida Tocha do Sidereo Assento,
 Espalhava huma luz loura, e brilhante ;
 Que esclarecia o Liquido Elemento ;
 Quando ordena a Tritão Neptuno Undante,
 Que toque o seu maritimo Instrumento,
 Convocando a seu Paço Magestoso
 As Deidades do Pego Sálitroso.

II.

II.

Eis o Ceruleo horrisono Trombeta
 Emboca o buzio retorcido, e feio,
 E mais ligeiro, que a volatil setta,
 Deo sobre os mares rapido passeio:
 Tinha Tritão a pelle semi-preta
 Do informe Corpo nú quasi até meio,
 E dalli para baixo estava ornado
 D'hum musgo semi-verde, e avermelhado.

III.

Sobie escamosos hombros lhe pendião
 Huns limos verdes, outros amarellos,
 Que prehes d'agoa sórdidos fingião
 Ser deste Monstro os rispido cabellos:
 Seus olhos asquerosos se escondião
 Em duas grutas concavas; de vèllos
 Não se jactão as salsas Divindades,
 Tão fundas são as negras Cavidades.

IV.

Sustentava Tritão, Monstro tremendo,
 „ O buzio atoador nas mãos calosas, „
 E delle ao som estrepitoso, e horrendo
 Troavão as Campinas maruizhosas:
 Já de todas as partes vem correndo
 As humidas Deidades pressurosas,
 E ornadas todas de prestante gala
 Já pizão de Neptuno a Regia Sala.

V.

Estando junta a Côrte Neptunina,
 Sóbe o Monarca ao Throno adiamantado,
 E a mão dando ao Thyrsigero Divina
 Beija-lhe a face, e o senta ao Dextro Lado:
 Depois pondo a Coroa Crystallina,
 E empunhando o seu Scepto triplicado
 A todos, quantos lhe fazião Côrte,
 Em honra de Lico diz desta sorte:

VI.

Divindades do mádido Elemento,
 Este, que vedes, Numen Pampinoso
 He Baccho, aquelle Deos, que tem assento
 Entre os Deoses do Olympo Luminoso:
 Finalmente sabei, que he meu intento,
 Que em dia tão feliz, não venturoso,
 Beijeis a Dextra, que aureo Thyriso move,
 A Dextra ao Filho do Supremo Jove.

VII.

Apenas isto disse o Rei dos Mares,
 Pela escada do Throno Refulgente
 As Divindades vão subindo a pares,
 Para beijar a mão Thyrsi-virente:
 Baccho, vendo estas honras singulares,
 Desarreiga do peito a voz cadente,
 E á Regia Côrte, que suspensa fica,
 Desta maneira o seu prazer explica:

VIII.

VIII.

Eu sou Filho de Jupiter Sagrado,
 Mas entre os Deoses da Celeste Côrte
 Não fui inda atéqui tão venerado,
 Nem passei por tão magico transpôrte:
 Que enchente de prazer divinizado
 Me alaga o coração! Divina Cohorte
 De inexhaustas Delicias me arrebatá,
 E sobre mim mil extasis desatá!

IX.

Agora pois, que a Prospera Ventura
 Quiz, que eu viesse ao Reino Neptunino,
 Onde com tanto amor, tanta ternura
 Me hospéda o Vosso Rei mais que Benigno;
 Hum pouco me escutai; vou com lizura
 Declarar-vos a quanto me destino;
 E eu, Supremo Deos do inquieto Argentó,
 O quanto vou dizer, escuta attento:

X.

Dois dias há que Jove congregára
 Os Deoses todos da Sublime Esfera,
 Só porque n'alta mente projectára
 Honrar a Nação Lusa, a quem prospéra:
 Disse então, que por Lei dos Fados rara,
 Dos Fados, contra quem nada se altera,
 Estavão Varões Lusos destinados
 A Mares contrastar, não contrastados.

XI.

Que das margens do Têjo iria hum Gama
 Com muitos Herões mais, fendendo os mares,
 Intrepidos apôs d'inclita Fama
 Vêr inda hum dia do Oriente os Lares;
 Que alli mesmo, onde Phebo accende a chama,
 Por sublimes façanhas singulares
 Se farião remer d'hum modo novo
 Pelo tostado semi-fusco Povo.

XII.

Disse mais, que porque esta grande Empreza
 Lhes parecesse menos arriscada,
 Queria fosse a Gente Portugueza
 Em grande Ilha aprazivel hospedada:
 Que do que alli a Madre Natureza
 Produzisse, seria refrescada,
 Para que mais affluta, e mais Contente
 Buscasse as ricas Terras do Oriente.

XIII.

Disse mais, que seria descoberta
 A gentil Ilha por hum Zargo Illustre,
 Que inda por esta acção de gloria certa
 Daria ao Nome seu mais vivo Lustre:
 E que esta Empreza, que o valor dêspetra,
 Por fazello Immortal, não quer se frustre,
 Pois que tinha d'ha muito projectado
 Tornallo Digno d'inda ser cantado.

XIV.

Ouvindo esta proposta ao Deos Tonante,
 Que os Deoses todos juntos approvárão,
 Do Throno Augusto seu me puz diante
 E attentos alli todos me escutárão:
 Pedi então ao Numen fulminante
 Com súplicas humildes, que o tocátão,
 Me dêsse da Grande Ilha o Torrão largo,
 Que eu nelle hospedaria o Nobre Zargo.

XV.

Assim mo concedeo Jove Supremo,
 Fez-me da fertil Ilha a Divindadé,
 Mas ah! quanto receio, ah! quanto temo
 Vêr eclipsada a minha Magestade!
 Entre suspeitas mil vacillo, e tremo,
 Parte-me o coração ímpia Anciidade
 Por vêr que hão de ir Illustres Lusitanos
 Abrir as Portas do Oriente ufanos.

XVI.

Alli, onde o meu Nome he respeitado
 Pelos Indicos Povos, que submissos
 Me adorão por seu Idolo Sagrado,
 Sem que nos cultos meus sejam remissos:
 Alli, onde fui sempre venerado
 Por Povos brutos, e na côr mistiços,
 Hei de soffrer, que hum dia o forte Gama
 Me roube o culto, a gloria, o Nome, a Fama

XVII.

Alli, onde por célebres façanhas ;
 Bem dignas todas de immortal memoria ,
 Offusquei por Cidades , e Montanhas ,
 Do Grezo Rei a chamejante Gloria ;
 Alli, onde fiz vêr acções tamanhas ,
 Que não cabem nas paginas da Historia ;
 Hei de soffrer que os Lusos as occultem ,
 E abaixo úida do Lethes as sepultem ?

XVIII.

As palmas, que eu colhi no Hydaspe, e o Ganges,
 E que estão novamente recrescidas ,
 Pelos dos Lusos bellicos alfanges
 Hão de ser cerceadas, e colhidas ?
 O' tu, Supremo Rei, que a terra abranges
 Com cêrulas prizões entumescidas ,
 Quando o Gama intentar a Empreza estulca ,
 Teu poder, teu auxilio me faculta.

XIX.

Quero então que o teu Reino revoltoso
 Se mostre contra os Ceos em viva guerra ,
 As ondas arrojando procelloso
 (Se he possivel) mais altas do que a Terra :
 Eu quero vêr do Gama o lenho undoso
 Já naufrago saltar de serra a serra ,
 Até que co' a mais Frota de mistura
 Entre as ondas encontre a sepultura.

XX.

Do teu Reino nas fundas Cavidades
 Encerra desde já, Numen Potente,
 (Como em dura prizão) as Tempestades,
 Que hão de contrarias ser á avara Gente:
 E vós todas, Ceruleas Divindades,
 Assanhai-as cruéis constantemente,
 Para que mais bravosas, e violentas
 Desentranhem terrificas tormentas.

XXI.

Ao Rei, que prende em ásperas cadêas
 Os Euros, Aquilões, Austros, e Notos,
 Direi, que aos Ventos solte as prizões feas,
 A Ventos na braveza ainda ignotos:
 Se a Sorte prosperar minhas idéas,
 A Climas do Occidente rão remotos,
 Sem que seja de todo destroçada,
 Não poderá chegar a Lusa Armada.

XXII.

Nas Portas do Oriente está de guarda
 O negro Adamastor, Gigante Informe,
 Cuja pállida côr, terrena, e parda
 O faz temível, monstruoso, e enorme:
 A' lerta sempre está, e sempre aguarda
 Com igneos olhos, com rancor disforme
 Para bravo investir qualquer humano,
 Que por alli quizer passar insano.

XXIII.

Se o Gama for com tudo protegido
 Por algum Numen, que me seja opposto,
 Chegando alli de sustos combatido,
 O esforço perderá, e a côr do rosto:
 Pôe ser, que então, vendo ao ar erguido
 O Gigante na fôrma descompôsto,
 Se intimide, e dê costas ao Oriente,
 Buscando os Horizontes do Occidente.

XXIV.

Mas se este Heróe, vencendo ímpias tormentas;
 E o disforme enormissimo Gigante,
 Escapando-lhe ás garras famulentas,
 Passar do Promontorio inda adiante;
 Farei, que nas dos Mouros fraudulentas
 Em Moçambique acabe o Heróe Pujante,
 Cahindo infelizmente nas ciladas,
 Que por mim lhe estarão alli tramadas.

XXV.

E se acaso inda assim, vencendo enganos,
 E vencendo traições, que armar pertendo,
 Escapar com seus fortes Lusitanos,
 E for segnda vez o mar fendendo;
 Tecer-lhe-hei dentre os mais perversos danos
 O dano mais fatal, e mais tremendo;
 Sagaz Piloto na apparencia Amigo
 Lhe dará dos seus crimes o castigo.

XXVI.

XXVI.

Com estas precauções tão bem pensadas
 Talvez possa evitar os ímpios danos,
 Que nas Indicas Terras dilatadas
 Irão fazer os fortes Lusitanos:
 Talvez que escapem minhas Leis Sagradas
 Da vil profanação desses Tyrannos,
 A quem destinão Fados inconstantes
 Grandes venturas, sólidas, prestantes.

XXVII.

Isto dizendo; os Nimes Neptuninos,
 Entre si' longo tempo murmurando,
 Parecião estar contra os Destinos
 Com sacrilegas vozes blasfemando:
 O Deos então dos Mares Crystallinos,
 Das prizões do Silencio a voz softando,
 Sem que do rogo de Lico se esqueça,
 Principia a fallar, e assim se expressa:

XXVIII.

Que póde o Filho do Tonante Jove
 Pedir, ou desejar, que eu lhe não faça?
 Se queres, Thyonco, que isto te prove,
 Pede outra nova, e mais sublime graça:
 O Rei dos Mares, que o Tridente move,
 Quando quer, té penedos despedaça;
 E a tanto ás vezes rabido se affoita,
 Que até co' as ondas terra, e Ceos açoita.

XXIX.

Sim: deixa a meu cuidado o grão castigo
 Das, que querem fazer-te, vis affrontas;
 Neptuno he Tio teu, he teu Amigo,
 Por tal o conta já, se inda o não contas:
 Prometto maltratar teu Inimigo;
 Horrendas Tempestades tenho prontas
 Encerradas em Carceres profundos
 Capazes de arrazar milhões de mundos.

XXX.

Se dos antros escuros, em que jazem,
 Forem todas a hum tempo desprendidas,
 Os mesmos altos Ceos talvez arrazem,
 Se o quizerem fazer embravecidas:
 Nas prizões, em que estão sanhudas; fazem
 Desordens tão fataes, tão desabiadas,
 Que mil vezes rompendo os quicios duros
 Tentão sahir dos Carceres escuros.

XXXI.

Mas eu, que tenho alli por sentinellas
 Informes Monstros hórridos em tudo
 Capazes de aterrar a todas ellas
 Com hum só braço seu forte, e membrudo:
 Não receio, que, tendo estas cautélas,
 Possão fazer estrago iniquo, e rudo,
 Sem que as mandem sahir das prizões feas,
 E lhes tirem as rigidas cadêas.

XXXII.

XXXII.

Descança, Thyoneo, serás vingado;
 Eu farei, que esse Heróe, que se destina
 A sulcar o meu Campo não sulcado,
 Encontre a sua misera ruina:
 Temerario, não vê que a Lei do Fado
 Sobre o Numen dos Mares não domina,
 E que nenhum mortal por mais valente
 Tem entrado o meu Reino impunemente!

XXXIII.

Ah! socega, Lico, por minha conta
 Deixa o punir as pérfidas injurias;
 Sem castigo não fique a tua affronta,
 Respeite o Gama de Neptuno as Furias:
 Da tua parte dolos mil lhe apronta,
 Trabalhos, afflicções, penas, penurias,
 Para que, vendo a Sorte tão contraria,
 Desmaie nessa Empreza temeraria.

XXXIV.

Pelas agoas da Estyge somnolentas
 Te juro, que esse Heróe, por ti temido,
 Ha de ver-se entre horrificas tormentas
 Por assanhadas ondas combatido:
 E se da Morte às garras truculentas
 Escapar de algum Numen protegido,
 Irá cahir nas garras execrandas
 De brutas Feras Indicas, nefandas.

XXXV.

Mais não disse: e Lieo, por dar indicio
 Da sua grauidão, com ar afavel,
 Reconhecendo o ingente beneficio,
 Baixa a frente com modo respeitavel:
 Tudo alli pareceo ser-lhe propicio,
 Já não teme o rigor da Sorte instavel,
 Porque em auxilio seu não duvidoso
 Tem as Deidades do Elemento undoso.

XXXVI.

Estavão inda os Deoses assentados
 Em bancos de crystal, como he costume,
 „ As Deosas em riquissimos estrados „
 Logo abaixo do Throno do seu Nume:
 Quando o Profeta, que perscruta os Fados,
 E do Futuro lê no grão volume,
 O silencio rompendo, em que jazia,
 Começa desta sorte a Profecia:

XXXVII.

Tu dizes, ó Thyrsigera Deidade,
 Que por graça de Jupiter henrosa
 Vais ser agora a Sacra Divindade
 Dêssa Grande Ilha, fertil. e frondosa:
 Eu bem sei que a Tonante Magestade
 He Grande, Justa, Recta, Poderosa,
 Porém temo, que Pan, o Deos Caprino,
 Se opponha desta vez ao teu Destino.

XXXVIII.

XXXVIII.

Este Numen por ti com seus Silvanos
 Já foi lançado fóra do Oriente,
 Onde viveo com elles longos annos,
 Como Deos Tutelar da inculta Gente:
 Ainda contra ti odios insanos
 Conserva no seu peito vivamente,
 Ainda resentido desta affronta
 De rancor cheio co' a vingança conta.

XXXIX.

Das Indicas Florestas desterrado
 Por ti, que então lhe armaste dura guerra,
 Correo l'án a buscar seu gazalhado
 Nos verdes bosques dessa Nova Terra:
 Alli de hirsutos Satyros ceicado
 Em grande gruta horrífica se encerra;
 He alli que o seu Novo Imperio esrende,
 He nestes Bosques, que ficar pertende.

XL.

A Gruta, em que elle habita, assás profunda,
 No centro está d'hum Bosque alli medonho,
 Que em corpulentos cedros tanto abunda,
 Quanto tem de copado, e de tristonho:
 Assombra a triste Cavidade immunda
 Hum Negrume Averno sempre enf:donho,
 Tão cerrado, tão lugubre, tão feio,
 Que nunca deixa perscrutar-lhe o scio.

XLI.

D'hum lado, e doutro lado estão rochedos
 Pendurados alli de imtrensa altura,
 Cobertos de Silvestres arvoredos,
 Que espalhão huma sombra sempre escura :.
 Alli por entre desiguaes penedos
 Em grossos botbulhões limpida, e pura,
 Tombando d'alto cahe da gruta perto
 Agoa sempre em confuso desconcerto.

XLII.

O Semicapro Deos alli vagando
 Por valles, e por montes infinitos
 Conduz sempre apôs si lascivo bando
 De cornigeros Satyros auritos :
 Ora montes descendo, ora trepando,
 No mar os olhos seus tem sempre fitos,
 Com temor de que alguém ainda o prive
 Do socego, em que alli Contento vive.

XLIII.

Vive o Numen Caprino acompanhado
 De montanhezas Dryades lascivas,
 Que no centro do Bosque emmaranhado
 Andão sempre em corêas mil festivas :
 Muitas dellas d'hum lado, e doutro lado
 Fogem alli dos Satyros esquivas,
 Mas da Lascivia as chamas ateando,
 „ Se deixão ir dos galgos alcançando. „

XLIV.

XLIV.

Muitas dellas em banhos de agua pura
 Lavar se deixão nas mais moles séstas,
 Em quanto dentre a tremula verdura
 Erguem os Faunos as bicorneas testas:
 Tal ha, que, vendo tanta formosura,
 Salta dentre as frondiferas florestas,
 E sorprendellas vai, porque não tarde
 „ A matar n'agoa o fogo, que nelle arde. „

XLV.

Entre tantas delicias Pan vivendo
 Com os seus torpes Satyros biformes,
 Que lhas ronbem está sempre temendo,
 Armado alli de precauções disformes:
 Ha de, ó Numen Thyrsigero, em te vendo
 Cruel tecer-te enão traições enormes,
 Ha de, sim, com seus Satyros crinitos
 Tecer-te Insanó dolos infinitos.

XLVI.

Este bicóineo Deos mon'i-vagante
 Conserva contra ti hum odio antigo,
 E quando alli chegares peulante,
 Te negará na inculta Terra abrigo:
 Convém pois, ó Lico, que neste instante
 Contes com este pérfido Inimigo,
 Que abrazado em rancor, ardendo em furia,
 Não quererá soffrer segunda injuria.

XLVII.

He tempo ainda , he tempo de cederes
 Da empreza , a que de novo te destinás ;
 Deixa , que Pan alli gosie os prazeres
 Dos seus bosques , seus montes , e campinas :
 Não lhe queiras roubar os seus poderes ;
 Vê , que de novo hum Numen amofinas ,
 E que inda pôde ser , que elle irritado
 Procure meios de se vêr vingado.

XLVIII.

Mál acabou Protheo , de Niza o Nume
 Abrazado em furor , em ira arderdo ,
 Flamejando dos olhos vivo lume ,
 Solta do peito a voz , assim dizendo :
 Se o caprí-pedo Pan zombar presume
 Do Deos , Filho de Jupiter Tremendo ,
 Engana-se , porque eu , por vêr-me pago ,
 Farei , que elle então sinta duro estrago.

XLIX.

Que direito tem Pan á Terra inculta ,
 De que Jove , meu Pai , me fez a graça ?
 Já que este Deos monti-vago me insulta ,
 Sinta pois sua misera desgraça :
 Saberás , ó Neptuno , o que resulta
 Da minha sem igual forte ameaça ;
 Da Deidade Corni-gera Caprina
 Verás cedo a tristissima ruina.

L.

Este Numen Lascivo em fundas Brenhas
 Seu Imperio fundar sómente deve ,
 Onde cobertas traga as hirtas grenhas
 De chuveiros brumæes , de fria neve :
 Dentre escarpadas rochas , altas penhas
 Nem lhe cumpre sahir por tempo breve ,
 Pois pôde accommetter pelas Floristas
 As engraçadas Dryades honestas.

LI.

Em quanto a gentil Ilha inhabitada
 Esteve , pode Pan existir nella ,
 Porém logo que seja povoada ,
 Pôde o Bicorneo Deos deixar-se della :
 Quando não eu farei , que incendiada
 Seja hum dia a grande Ilha amena , e bella ,
 Só porque a viva chama a Pan incite
 A buscar outros Bosques , em que habite.

LII.

Por Jupiter , meu Pai , protesto , e juro ,
 Que se Pan se oppozer aos meus intentos ,
 O estrago sentirá mais ímpio , e duro ,
 Que se vio atéqui : de pensamentos
 Não , não mudo , ó Protheo ; quanto asseguro ,
 Contra Pan em brevíssimos momentos
 Verás executado , se com rudo
 Este Deos se oppozer a mim sanhudo.

LIII.

Té farei, que essa Mão, que os Astros move,
 Sepúlte nas profundas cavidades
 Do negro Reino do Tartareo Jove
 A Pan, e as mais Cornigeras Deidades:
 Té farei, que este Numen alli prove
 Por castigo das pérfidas maldades
 Tormentos Infernaes, bem como Ticio
 Está pagando da Lascivia o Vicio.

LIV.

Ah! perdôa, Neptuno, se excedido
 Tenho aos limites d'hum Dever Sagrado;
 Eu sei quanto respeito te he devido,
 Mas eu estou por Furias assanhado:
 Hum Numen, que se vê d'outro offendido,
 Razão tem de dar mostras de enfadado,
 E muito mais Lieo, a quem offende
 Hum Deos, a quem nenhum culto se rende.

LV.

Apenas isto disse, então se cala,
 Supprimindo no peito a voz queixosa,
 Donde de quando em quando afflicto exhala
 Respiração convulsa, e dolorosa:
 Rancor faminto o coração lhe rala;
 Do rosto a côr se torna luminosa;
 E os olhos, scintillando vivo lume,
 Espalhão labaredas em cardume.

LVI.

LVI.

Nepruno por domar de Baccho as iras
 Faz sinal às flucti-vagas Donzellas
 Para que aos sens das concertadas Lyras
 Unão as vozes magicas, e bellas:
 Com sendaes recamados de safiras
 Estavão adornadas todas ellas,
 E com fios de pérolas brilhantes
 Ornavao as Cabeças elegantes.

LVII.

Nisto sôão das Lyras brandamente
 Os delicados sons, que a Baccho encantão,
 E as formosas Nereidas docemente
 As puras vozes musicas levantão: X
 Em honra de Lieo em tom cadente
 Engraçadas Canções sonoras cantão,
 Com que Baccho de gosto transportado
 Troca o vivo furor em terno agrado.

LVIII.

Para mais encantar Lieo, cantarão
 A Invenção do Licor, que anima os peitos;
 Depois com vivas vozes entoarão
 Os, que elle fez na India, Heroicos Feitos:
 Inda acima dos Astros levantarão
 Seu Nectar, e seu Nome ao Mundo acceitos,
 Rematando o Louvor, como he costume,
 Em tres vezes baixar frentes ao Nume.

LIX.

Nas de crystal abobadas lustrosas
 Longo tempo soárão os accents
 Das mellifluas vozes sonoras,
 E dos suaves doces Instrumentos:
 Que divinas Canções harmoniosas!
 Que bem desempenhados pensamentos!
 Nunca atélli Nereidas tentadoras
 Se mostrarão tão célebres Cantoras.

LX.

O Filho de Semele em doce enredo
 Do seu rancor, e até de si se esquece,
 Mostrando apenas no semblante ledo
 Hum riso affável, que prazer parece:
 Neptuno então rompendo o seu segredo
 De novo a Baccho este elogio tece:
 Estas honras, Lico, te são devidas,
 E a bem poucos por mim são concedidas.

LXI.

Rogo-te pois, que inda que seja hum dia,
 Te dignes de ficar aqui comigo;
 Eu prometto fazer-te companhia,
 Até essa Grande Ilha irei contigo:
 E se Pan com culpavel ousadia
 Te pertender negar na Terra abrigo,
 Para tão grande ultraje castigares
 A teu lado terás o Rei dos Mares.

LXII.

Assim disse: e do Throno Crystallino
 Segunda vez a Baccho a dextra dando,
 Com hum ar carinhoso, mas divino
 Da Sala ao pavimento foi baixando:
 As Deidades do Reino Nepanino,
 Sonoros vivas com prazer soitando
 Em louvor do Pampineo Deos Thebano,
 Seguem o Seu Monarca Soberano.

LXIII.

Por muitas Regias Salas discorrendo,
 Seguidos da Maritima Assembleia
 Vão Neptuno, e Lico, que então vai vendendo
 Bellezas, com que todo se gloria:
 Nos aureos quicios com fragor rangendo
 Eburnea porta se abre, e patentea
 Magnifico Jardim, que attenção pede,
 E áquelle das Hespérides não cede.

LXIV.

Os longos altos muros, que o cercavão,
 Frão todos d'hum jaspe prateado;
 Dois grandes Monstros horrídeos guardavão
 Este Jardim d'hum lado, e doutro lado:
 Aos mesmos Deoses, quando nelle entravão,
 Por Neptuninas Leis era vedado
 O colher qualquer flor, ou qualquer fruto,
 Sem que cahissem n'hum commisso bruto.

LXV.

Sobre grossas columnas auri-puras
 Otavão o Jardim maravilhoso
 Diversas emblematicas Figuras
 Fabricadas de marmore lustroso :
 Por entre as sempre flóridas verduras
 Ostentavão hum quadro precioso
 Tão sublime, tão magico, tão bello,
 Que parece encantar quem chega a vèllo.

LXVI.

D'hum lado se estão vendo de mãos dadas
 Em triplice Coreia encantadora
 As ternas Companheiras engraçadas
 Da Formosa Dione tentadora :
 De ginaldas de rozas coroadas,
 Mimo, que lhes fizera a casta Flora,
 Alli figurão em mimoso amplexo
 Do desvelado Amor o estreito nexo.

LXVII.

Alli se vê tambem posto defronte
 O Filho de Liriope vaidoso,
 No puro espelho de sonora fonte
 Admitando o semblante seu formoso :
 Pouco distante está de erguido monte
 No seio, que apparece cavernoso,
 A Ninfa convertida em penha dura
 Pela Narcissea esquivia Formosura.

LXVIII.

Doutro lado se avista convertido
 Em cornigero cervo desgraçado
 O Filho de Aristêo, porque atrevido
 Diana vê no banho prateado:
 Do crime da Lascivia assim punido
 He pelos proprios cães dilacerado,
 Entretanto que a Deosa das florestas
 Se banha entre Hamadryades honestas.

LXIX.

Alli se vê tambem do lado opposto
 A Diva, que do Espumeo Mar nascêra,
 Em cujos niveos braços está posto
 O Menino, que até nos Ceos impera:
 Na dextra face do mimoso rosto
 Da sempre Bella Deosa de Cithera
 Os labios seus o terno Filho imprime,
 Mostrando que a ternura não he crime.

LXX.

Neptuno então, com Baccho passeando,
 Lhe mostra as producções, que a Natureza
 Alli tambem cultiva, e que admirando
 Vai Lico com subtil delicadeza:
 Acha alli, mil perfumes exhalando,
 Raras flores na graça, e na belleza,
 Acha frutos de rara formosuta,
 E plantas de frondosa vestidura.

LXXI.

Depois de lhe mostrar as excellentes
 Bellezas naturaes, que a Baccho enleão,
 Passa a mostrar-lhe os campos transparentes,
 Que os gados escami-geros vagueão:
 Campinas, valles, montes differentes
 Co' as Divindades humidas rodeão,
 Té que vão dar nas grutas cavernozas,
 Que habitão Tempestades procellosas.

LXXII.

Bem como nos ergastulos immundos,
 Em que Feras os Principes encerrão,
 Leões sanhudos, Ursos furibundos
 D'hum lado fremem, d'outro lado berrão;
 Assim tambem nos carceres profundos
 As Tempestades, que ás prizões se afferrão,
 E a cujo movimento os mares tremem,
 D'hum lado berrão, d'outro lado fremem.

LXXIII.

Nas grutas, em que Hippótades grilhôa
 Os assanhados revoltosos ventos,
 Hum tão medonho estrépito não sôa,
 Nem se escutão fragores tão violentos:
 Das Tempestades o motim retrôa
 Das Cavernas nos antros turbulentos
 Com mais forte estridor, mais infinito,
 Do que o das Furias no Averno Cocito.

LXXIV.

LXXIV.

D'alli passa a mostrar-lhe as grutas bellas,
 Em que habitão as húmidas Deidades;
 Reluzião alli em todas ellas
 Mil conchas de diversas qualidades:
 Alfaias natúraes, graças singellas
 Se encontrão nas marinhas cavidades;
 Só de autiteros limos erão feitos
 Os destes Numes sumptuosos Leitos.

LXXV.

Nisto a Baccho fallou desta maneira
 O Maritimo Rei: Numen Thebano,
 Tenho dado huma prova verdadeira
 De que sou teu Amigo puro, e lhano:
 Sigamos pois agora a mesma esteira;
 Voltemos a meu Paço Soberano,
 Onde acharás de novo (se quizeres)
 Inda não vistos Divinaes Prazeres.

LXXVI.

Disse: e as salsas estradas retrilhando,
 Aos Regios Paços Neptuninos chegão,
 Onde a Prazeres magicos em bando
 De novo os Deoses Immortaes se entregão:
 Em quanto isto acontece, o mar cortando
 Os Lusitanos prósperos navegão,
 E Zargo lá comsigo só consulta
 Meios de descobrir a Terra incuita.

Fim do Canto Terceiro.

XXXXXXXXXX † XXXX † XXXXXXXXXXXXXXXX
CANTO QUARTO.

ARGUMENTO.

*D*A fúndo o Lenho Luso na enseada
 De Lagos, donde Zargo, apenas chega,
 Vai informar da Terra inhabitada
 Ao Grande Henrique; Zargo se encarrega
 Do seu Descobrimento: aos ventos dada
 A quilha, o Luso Heróe ao mar se entrega;
 E emão contra, ao sulcar do Téjo a vêa,
 A fundação da Célebre Ulyssæa.

I.

*N*O mais alto do Olympto descansavão
 Os fogosos flammiferos Ethontes,
 Que o Plaustro de Titán leves tiravão
 Fugindo do Oriente aos horizontes:
 Quando pouco distantes se avistavão
 Do Algarve claramente os altos montes,
 E Lagos offertava em porto Amigo
 Ao Clato Zargo carinhoso abrigo.

II.

II.

Enfunavão do Lenho as brancas vélas
 Sonoras virações, frescas soprando,
 E Morales então, por não perdellas,
 De linho as azas solta ao sopro brando:
 Sem que se arme de timidas cautélas,
 O Pomi-gero Algarve costeando,
 De Lagos entra a plácida bahia,
 Soltando aos ares vivas de alegria.

III.

O mar da tenaz ancora ferido,
 Entrando pela prôa, ao convéz salta,
 Que de globos de espuma guarnecido
 Parece, que de pérolas se esmalta:
 Do Lenho pela amarra suspendido
 „ Tomão as vélas, amaina-se a verga alta, „
 E porque o ferreo dente a areia ferra,
 Vai Zargo com Morales logo á terra.

IV.

Vamos, vamos (lhe diz) ao Sabio Henrique
 Informar da Grande Ilha; e que eu pertendo,
 Porque assim minha gloria immortal fique,
 Tentar a Descoberta o mar fendendo:
 Que porque o meu valor se justifique,
 Perigos enormissimos vencendo,
 Me deixe (lhe direi) tentar a Empreza,
 A que me chama Heroica Fortaleza.

V.

Saberás que este Heróe assiduamente
 Se embrenha em Mathematicos Estudos,
 E que delles traz prenhe a Sabia Mente,
 De que nascem Juizos sempre agudos:
 Elle sabe prezar constantemente
 Engenhos perspicazes, e não rudos;
 Huma vez que te veja, e te conheça,
 Verás tua ventura, e bem depressa.

VI.

Vás hoje conhecer, Quem noite, e dia
 Trabalha pela Gloria Lusitana,
 Desejando estender a Monarchia
 Ainda além da Terra Tingitana:
 Pela sua Immortal Sabedoria,
 Que parece exceder a força humana,
 Se tem feito Immortal; ah! vamos vello,
 A ventura terás de conhecello.

VII.

Tu mesmo informarás o Douto Infante
 Da Nova Terra inculta; e destemido,
 Porque lhe dês de amor prova bastante,
 Te offerece a seguir o meu partido:
 Conhecendo teu animo possante,
 Teu sublime valor, zelo subido,
 Saberá premiar (como costuma,)
 O Grande Heróe tua coragem summa.

VIII.

VIII.

Assim dizia Zargo, em quanto a estrada
 Pizava com Morales animoso,
 Buscando a insigne Villa, que fundada
 Foi pelo Inclito Infante l'estudioso:
 Chegando em fim á esplendida Morada
 D'Henrique, Mathematico Famoso,
 Por elle com carinhos desmedidos
 Forão Zargo, e Morales recebidos.

IX.

Excelso Infante, (Zargo principia
 Desta sorte a fallar) aqui te trago
 Hum Piloto, que tudo, o que annuncia,
 Requer tua attenção, meiguice, e afago:
 Não quero premio de maior valia;
 Com a vida arriscar me dou por pago,
 Deixa Zargo, que affeito os mares sulca,
 A Terra demandar, que elle te inculca.

X.

Mal acaba, Morales animado
 Das vivas expressões, que Zargo anima,
 Beija a Dêxtra d'Henrique Celebrado,
 A Quem só pule da Virtude a Lima:
 Quanto Zargo lhe tinha insinuado
 Ao Santo Infante com facundia intima,
 Rogando-lhe, que o deixe unido a Zargo
 A terra procurar pelo mar largo.

XI.

Quando Henrique a Morales escutava,
Regia a Noite o taciturno Imperio
Das somnolentas sombras, que espalhava,
E em que envolvia o lúcido Hemisferio:
Sobre o seu Carro d'ébano trilhava
Logo abaixo do Olympo o espaço aerio,
E Cynthia como em languidos desmaios
Apenas espargia frouxos raios.

XII.

Então o Sabio Infante, desatando
Do peito a Regia Voz, diz deste modo:
He justo, que essa Terra demandando,
Da negra Escuridão se roube ao Lodo:
Vai, Zargo, as ondas do alto mar rasgando,
Essa Empreza tentar: se o mundo todo
Podesses descobrir, com que alegria
Tuas Grandes Acções premiaria!

XIII.

Tu és Aquelle Heróe, que hoje mais prézo,
E assás Digno da Acção, que ousado intentas;
Huma Façanha tal tem tanto pezo,
Que só tu, Forte Zargo, he que a sustentas:
Do Patrio Amor nas chamas sempre accezo
De Feiros immorraes só te alimentas;
Com Morales apôs d'inclita Gloria
Vai-te Digno fazer d'alta memoria.

XIV.

XIV.

Apenas de Tirán a Precursora,
 Os seus aureos cabellos sacodindo,
 Vier sobre os Jardins da gentil Flora
 Crystallinos aljofres esparzindo;
 Sobre a Quilha dos mares corradora
 Vá Zargo as salsas ondas dividindo,
 Té que entre a foz do Têjo, e alli me espere,
 Porque os intentos seus melhor prospere.

XV.

Beijando a Dextra Mão do Augusto Infante,
 Com as Ordens por elle decretadas
 Vai Zargo procurar o Pinho undante,
 Retrilhando veloz ermas estradas:
 Inda envolvia a Noite vigilante
 A Terra em vagas sombras desmaiadas,
 Quando este Heróe, chegando ao Lenho leve,
 Manda tudo aprestar em tempo breve.

XVI.

Com ruidosa voz de prazer cheio
 Grita, e diz: Levem ancora ligeiros,
 Dem-se vélas aos ventos, porque creio,
 Que a Aurora cedo mostra os seus Luzeiros.
 Do cóncavo convéz posto no meio
 Com vozes animava os marinheiros:
 Ouvia-se ao mover do Cabrestante
 A Nautica Coleuma dissonante.

XVII.

XVII.

Mostrava a bella face luminosa
 Da Terra, e de Titán a Clara Filha,
 Quando já fresca aragem benaçoza
 Movia pelo mar a curva quilha:
 De Neptuno a Campina marulhosa
 De novo o cavo Pinho ouzado trilha,
 E co' a proa parece, que desata
 Longas correntes de espumante prata.

XVIII.

As vélas enfundadas parecião
 Desdenhosas zombar dos limpos ares.
 Quando os raios de Febo se estendião
 Na cerulea extensão dos crespos mares:
 Os Nautas ao Prazer, que enião sentião,
 Dentro em seus Corações erguem altares,
 Pedindo aos ventos, e ás propicias vélas,
 Que os levem do aureo Têjo ás margens bellas.

XIX.

Quatro giros em torno ao mundo inteiro
 Tinha feito o Amador de Larissea
 Quando do flavo Têjo Lisonjeiro
 Sangrava a Quilha undosa a clara vêa:
 Por vêr o Illustre Capitão Guetteiro
 A torreada frente ergue Ulyssea,
 E abrindo os braços seus mostrar procura
 Inda que ao longe a Maternal ternura.

XX.

Vem , Filho meu , (dizia) nos meus braços
 Descançar das fadigas , que tiveste
 De Neptuno nos liquidos espaços
 Em quanto nesse Pinho o mar fendeste :
 Da Maternal Ternura em doces laços ,
 Em que outro tempo por prazer viveste ,
 Vem viver algum tempo , ó Filho Amado ,
 Gozando em paz d'hum carinhoso agrado.

XXI.

As Tágides aqui te estão tecendo
 Corôas de jasmims , myrtos , e rozas ,
 Para adornar-te a frente , em que pertendo
 Vêr ainda Coroas mais honrosas :
 O Têjo do seu Leito te está vendo
 Com vistas Paternaes , vistas saudosas ;
 Vê como , para vêr-te , a fiente altêa ,
 E a cabeça musgui-fera menêa !

XXII.

Vem adoçar o amargo da Saudade ,
 Que por ti sente o Têjo venerando ;
 Esqueça por hum pouco a Heroicidade ,
 Que a empresas immortaes te está chamando :
 Com catinhosas mostras de amizade
 Te estamos , Caro Filho , convidando ,
 A nossos braços com prazer te lança ,
 Em nossos braços com prazer descança.

XXIII.

Eis que se cala, o Têjo, que escutava
 Tudo, quanto Ulysses proferia,
 D'hum Tritão nas espaduas se firmava,
 E ainda acima d'agoa a testa erguia:
 Vendo-lhe a frente excelsa, que adomava
 Aurea Corôa, Zargo assim dizia:
 Salve, Têjo Feliz, Têjo Fecundo,
 Tua Gloria a maior será do mundo.

XXIV.

Em quanto está João do Solio Augusto
 Regendo as rédeas d'hum Govetno Santo,
 Espalhando o terror, o medo, o susto
 Em Africa feroz com vivo espanto:
 Henrique, o Filho Seu, Constante, Justo,
 Cujos Alto Nome tu respeitas tanto,
 Incansavel quer dar-te o Senhorio
 De novos mundos, ó Amavel Rio.

XXV.

Deixa vir esses séculos futuros,
 Que em douradas prizões trazem os dias,
 Que hão de ser para ti aureos, e puros,
 Tecidos pelas mãos das Alegrias:
 Deixa-os sahir dos carcerezes escuros,
 Em que os prendem do Tempo as mãos sombrias,
 Então, então verás, ó Têjo Leuro,
 Renascer para ti a Idade de ouro.

XXVI.

Em quanto assim dizia, o cavo Pinho
 Entrava a rica foz do Têjo ufano,
 Brandamente estendendo azas de linho
 Sobre o das agoas crystallino plano:
 Brilha nos copos o purpureo vinho
 Invenção Divinal do Deos Thebano,
 Bebem os Nautas, claros vivas soão,
 De Zargo em honra, com que as praias troão.

XXVII.

D'hum lado, e d'outro as Tágides brincando
 Sobre as areas húmidas, colhião
 As prateadas conchas, que espraçando
 Offertar-lhes as ondas parecião:
 D'hum lado, e d'outro as Tágides em bando
 As finas ve-tês candidas despião,
 Por se banharem nas cerúleas agoas,
 Onde accendia Amor aidentes fragoas.

XXVIII.

Favonio, que então plácido respira,
 Brincando após das Virações serenas
 Do Têjo pelos Campos de Safira
 Guia o Lenho, soprando-lhe as antenas:
 Morales, que se espanta, e que se admira
 De vêr as margens do aureo Têjo amenas,
 Rompe o Silencio, e diz: Illustre Zargo,
 Tira-me deste extático Letargo.

XXIX.

De quanto avisto, e que com pasmo vejo;
 Nunca fiz atéqui decente idéa:
 He este pois o celebrado Téjo,
 Que amante beija as plantas de Ulyssea?
 De doce assombro, e de prazer subejo
 Cheio o meu Coração, minha Alma cheia
 Não podem contemplar tanta belleza!...
 Oh! bem haja, bem haja a Natureza!

XXX.

He este, sim, que vês, Rio Pomposo
 (Zargo responde) o Téjo decantado,
 Que com arêas d'ouro precioso
 Paga justo tributo ao Mar salgado:
 He este o Padre Téjo Glorioso,
 Pelas suas riquezas invejado:
 E Aquella, que vês, Emula de Roma
 D'Ulysses Immortal o Nome toma.

XXXI.

Ulysses, Esse Grego Heróe Facundo,
 Ulysses, Esse Heróe d'inclita gloria,
 Cujo Nome foi Célebre no mundo,
 E tanto lustre deo à Grega Historia:
 Depois de longos tempos vagabundo
 Fazer-se digno de exemplar memoria,
 Foi quem fundou a Célebre Cidade,
 De que te admira a Regia Magestade.

XXXII.

Em quanto pois o Lenho docemente
 Abre do Téjo as ondas aniladas,
 E Ulyssea nos mostra a Augusta Frente
 Cingida de mil torres levantadas:
 O' Morales, escuta attentamente
 Dentre as acções de Ulysses decantadas
 A mais sublime acção, que a vaga Fanta
 Com cem trombetas pelo mundo acclama.

XXXIII.

Ulysses, Esse Heróe Industrioso,
 Eloquentes, Sagaz, Perito, Agudo,
 Da Constante Penélope era Esposo,
 Penélope, que foi Famosa em tudo:
 Foi hum dos Gregos Reis, que astucioso
 Por vingar Menelão, punio sanhudo
 Do Adultero Troiano a torpe insania,
 Incendiando a misera Dardania.

XXXIV.

Destruída de Priamo a Cidade,
 E transformada em horridas Campinas,
 Onde em vez de belleza, e Magestade
 Só se avistavão cinzas, e ruínas:
 Seguindo Agamemnon na heroicidade,
 Com elle fende as ondas Neptuninas,
 Quando o destino já Fados seguros
 Para erguer de Ulyssea os altos muros.

XXXV.

Em destroço fatal Troia deixando,
 Atravessava o Pélago espumante,
 À que deo nome eterno, e miserando
 A Desgraçada Filha de Arhamante:
 Os Gregos Estandartes, oadeando
 Aos sopros d'huma aragem respirante,
 Parecião beijar, e com ternura,
 Da infeliz Helle a triste sepultura.

XXXVI.

Vião-se apenas os Dardaneos Muros
 De fumegantes cinzas carregados,
 Aquelles, que mostravão ser seguros
 Contra a furia do Tempo, e até dos Falos;
 Quando a Frota dos Gregos Pinhos duros
 De bandeiras, e flamulas ornados
 Para Tenedo as proas inclinava,
 Porque alli tomar porto desejava.

XXXVII.

D'alli, cortando o golfo tormentoso,
 Deixão as Gregas Nãos vélas ao vento,
 Do Asiatico Mar o seio undoso
 Abrindo com estranho atrevimento:
 Virão depois o Tánais sinuoso
 As ruas agoas dar ao salso argento,
 Como que está por ordem do Destino
 De guarda ás portas do alto Mar Euxino.

XXXVIII.

Acoçadas d'horriavel Tempestade
 Os barbaros Ciconeos Povos virão,
 A cuja vil brutal ferocidade
 Enfiadas de susto então fugirão:
 Em Lemnos, Singular na amenidade,
 Por breve tempo placidas surgirão,
 Onde co' os torpes Cyclopes trabalha
 O Coxo Mestre, que na safra malha.

XXXIX.

Egêas ondas indo já fendendo,
 Sobrevem contra as Nãos em crua guerra
 Medonho Temporal, forte, e tremendo,
 Que parece abysmar mares, e Terra:
 Amáras ondas naufragas bebendo,
 Confusas vagão já de serra em serra,
 Té que, dos altos Ceos baixando, Juro
 Desperta em seu favor o Deos Neptuno.

XL.

Na Grande Ilha de Sciro então surgindo
 Aquellas Nãos, que aos ventos escaparão,
 O mar co' as graves ancoras ferindo,
 Das naufragas fadigas descansarão:
 Quietas, e pacificas dormindo
 Sobre o ferro tenaz, que ao mar lançarão,
 Deixão os Gregos as ceruleas Quilhas,
 Para verem de Sciro as maravilhas.

XLI.

Foi alli, que em musgosa Lapa hum dia
 O Fatidico Vate Neptunino
 Ao Filho de Laertes, que dormia,
 Fez vêr as Leis do Próvido Destino:
 Disse-lhe então, que cedo fundaria
 Sobre a margem d'hum Rio crystallino,
 Cidade Augusta, para que floreaça
 De novo Imperio Singular Cabeça.

XLII.

D'alli sahindo as Nãos, vento sereno
 O panno lhes bafeja docemente;
 Dos Lotophagos deixa o Porto ameno
 Ulysses, animando a Grega Gente:
 Atravessa esforçado o Mar Tyrihenó,
 E vence então depois com força ingente
 O Pastor bruto do Sicaneo Monte,
 Que hum olho tinha só na baça fronte.

XLIII.

Vence os encantos da formosa Ciree,
 Por quem foi com meiguices hospedado:
 Da véo da Humanidade sem despir-se,
 No Averno he de Anticlea aconselhado:
 Despede-se da Maga, e quer partir-se;
 Ella, que o tinha ternamente amado,
 Fazendo sacrificio ao seu desejo,
 „Lhe ensina os mares, onde morre o Têjo. „

XLIV.

XLIV.

Fendendo o mar Tyrrheno as Nãos veleiras,
 Em quanto fica Circe pranteando,
 Bafejadas de aragens lisonjeiras
 Virão o Tibre pelo mar entrando:
 Eis sobre as tristes Nãos aventureiras
 Vem horrivel procella desabando;
 E abrindo becas mil, os mares bravos
 Pertendem engolir os Pinhos cavos.

XLV.

Açoitados das ondas, e dos ares
 Virão de Scylla as fauces voradoras,
 Que, quando sorvem ondas a milhares,
 Engolem altas Quilhas nadadoras:
 Vomitando em cachões mil grossos mares
 De Carybdes as fauces tragadoras
 Também virão... (Que vista tão maldita!)
 Quando huma sorve, a outra então vomita.

XLVI.

Das Sereas vencendo o doce accento
 As Ilhas Estoéchades vencêrão,
 E do Rhódano bravo, e turbulento
 As correntes indómitas bebêrão:
 Virão Massilia do salgado argento;
 Do Ibéro as agoas rapidas fendêrão;
 Passarão pelo Estreito Gaditano,
 Onde tremem de ouvir o Heróe Thebano.

XLVII.

A' voz de Alcides , que nos ares troa ,
 Estremece do susto a Grega Gente ;
 Nas cavernas maritimas resoa
 Da Herculea voz o estrepito vehemente :
 Mas dando a Uiysses huma nova boa ,
 Eis fende a Frota a liquida Corrente
 Da Lusitana Costa , atrás deixando
 O Berhis , seu tributo ao Mar pagando.

XLVIII.

Arrostando trabalhos cento a cento ,
 Assaliado d'horrisonas procellas ,
 E exposto ás furias do implacavel vento ,
 Que lhe tragou antennas , mastros , vélas ;
 Com que doce feliz contentamento ,
 Chegou do flavo Tégo ás margens bellas
 Aquelle Invicto Heróe , Heróe Supremo
 Vencedor té do proprio Polifemo !

XLIX.

Vio aqui grande Garça levantada ,
 Que mais veloz , que o vento , o ar abria ,
 E apôs della voando accelerada
 Real Aguia , que altiva a perseguaia :
 Foi enião , que elle achou realizada
 De Protheo a pastmosa Profecia ;
 E que , lançando ao fundo o ferreo dente ,
 Desta sorte fallou à Argiva Gente :

L.

Aqui se acaba, Amigos, o fadario,
 A que nos entregou Sorre-inconstante;
 Ah! não temamos do Elemento vario
 O indomito furor horrisonante:
 Se o Fado se mostrou réqui contrario,
 Foi por provar meu animo constante;
 He este o Porto, a que elle nos guiava,
 A pezar do rigor da sorte brava.

LI.

Aqui devo erigir Cidade Augusta,
 Porque assim determina Immoveel Fado,
 Ou seja justa a Lei, ou seja injusta,
 Não devo resistir, inda que ousado:
 A Empreza he grande, porém não me assusta;
 Vou tentalla com animo esforçado:
 Fia, Amigos, lancemos mãos á Empreza,
 Mostre-se ao Mundo a Grega Fortaleza.

LII.

Deixando então as Nãos, que a somno solto
 Dormem sobre, as amarras com socego,
 Em suave prazer de todo envolto
 Já piza a Lusa Terra o Sabio Grego:
 Pela Gloria seu animo revolto,
 E de seu Esplendor ornado, e cêgo
 Principia a erigir fortes, e duros
 Da Grã Cidzde os invenciveis muros.

LIII.

Foi elle o que primeiro abrindo a terra
 Para animar os Gregos, que o seguião,
 Huma Cabeça humana desenterra,
 A cuja vista os Gregos se arripião:
 O mysterio fatal, que alli se encerra,
 Então saber confusos pertendião;
 A Cabeça era alli como animada,
 E junto de si tinha aguda espada.

LIV.

Eripilo Agoureiro foi quem disse,
 Que, onde aquella Cabeça tinha a cama,
 Querião Sacros Fados se erigisse
 Monarchia immortal de eterna Fama.
 Outros muitos successos mais predisse,
 Com que do Grego o espirito se inflamma,
 E animando inda mais a Gente sua,
 A erigir a Cidade continúa.

LV.

Hum dia, quando o Sol da excelsa altura
 Do Olympo vivos raios espathava,
 N'huma gruta entalhada em rocha dura,
 Perto do Téjo Ulysses descansava:
 Huma onda apôz outra alli murmura,
 E o Grego, que estas cousas contemplava,
 Aos trabalhos sollicitos se nega,
 E aos braços de Morfeo sua alma entrega.

LVI.

Então o Padre Téjo, alçando a frente,
 Que encostada tem sobre arêas d'ouro,
 Sobre ao cimo da liquida corrente,
 Em cujo seio encerra o seu thesouro:
 D'alli Ulysses vio distinctamente,
 E fallar-lhe então quiz com fausto agouro,
 Eis ordena a Tritão, que o buzio toque,
 Porque as Deidades humidas convoque.

LVII.

Apenas em seu Paço se ajuntarão
 Os maritimos Deoses, disse o Téjo:
 Eu sei, que inda ha bem pouco aqui chegirão
 As Nãos de Ulysses, cuja gloria invejo:
 Este Famoso Herós, que os Ceos amparão
 Convosco, ó Deoses, visitar desejo;
 Acompanhai-me pois, ah! vinde vello,
 Vercis como he gentil, galhardo, e bello.

LVIII.

Nunca ao Téjo hum tão lucido vestido
 Pendeo das aureas nictidas espaldas!
 Era todo de aljofres guarnecido,
 De pérolas, rubins, e de esmeraldas:
 Delicado franjão de ouro tecido
 Em torno lhe adornava as sôltas fraldas,
 E na frente, que as brancas prateavão,
 Ramagens d'ouro os ventos embalavão.

LIX.

As Deidades tambem todas trazião
 Riquissimos vestidos roçagantes,
 Onde entre mil safiras reluzião
 Carbunculos, coraes, e diamantes:
 Os cabellos nos hombros lhes cahião
 Enfiados em perolas brilhantes,
 E de auri-verdes limos todas ellas
 Trazião vistosissimas capellas.

LX.

Eis tremulo pizando a branda areia,
 O encanecido Téjo, que se arrima
 A grossa verde cana, fende a vea
 Da tumida corrente, e salta acima:
 Dos Deoses a bellissima Assembléa
 Caminhando adiante o velho anima,
 Até que chega em fim à gruta fria,
 Em que inda Ulysses placido dormia.

LXI.

Alli lhe diz o Téjo em voz cadente,
 Que a Cidade Magnifica levante,
 Para que seja o Emporio Permanente
 De Riquezas, que o mundo todo espante:
 Diz-lhe que será Mãe da Forte Gente,
 Que irá, fendendo os mares do Levante,
 A enganar, e a perigos resistindo,
 O Ganges demandar, o Hidaspe, e o Indo.

LXII.

Fez-lhe vêr entre as sombras dos futuros
 O que tinha Protheo vaticinado,
 Depois que elle erigisse os altos muros
 Da Cidade, que tinha começado:
 Fez-lhe vêr as acções, e os Feitos puros
 Dos Lusitanos Reis: d'Henrique Amado
 Tambem fez vêr os inclitos Talentos,
 E que fazia alguns descobrimentos.

LXIII.

A Ulysses, que dormia, então deixando,
 Com os Deoses maritimos se ausenta,
 Para o seu Paço o Velho venerando,
 Onde em seu Throno de crystal se assenta:
 Das Divindades humidas o bando
 Ao Lusitano Téjo comprimenta,
 E beijando-lhe a dextra se retira,
 Per dar parte a Neptuno do que víra:

LXIV.

Acorda o Grego, e de prazer confuso
 Repete quanto ouviu ao somno entregue;
 A's ondas ajoelhou do Téjo Luso,
 E da nova Cidade a estrada segue,
 O valor, e a coragem pondo em uso,
 A construcção magnifica prosegue;
 Fabricão-se Edifícios sumptuosos,
 Torres, Palacios, Templos Magestosos.

LXV.

Górgoris então Rei da Lusitania
 Pelas malignas Fúrias assanhado
 Se entrega do Rancor á torpe insania
 Contra o Ithaco Heróe de Jove Amado:
 O que este fez á misera Dardania
 Pertende o Rei em fúrias abrazado
 Fazer á Grã Cidade, armando guerra
 A Gente Argiva, que em seu seio encerra.

LXVI.

Sôa de Marte a horrisona trombeta,
 Juntao-se os Lusitanos contra os Gregos,
 E envoltos de vil pó em nuvem preta
 Assaltão a Cidade ímpios, e cegos:
 A espada mais veloz, que a leve setta,
 Ulysses manejando, fundos regos
 Abria nos rebeldes peitos duros,
 Que tentavão montar os altos muros.

LXVII.

Vendo Górgoris fero malogradas
 As suas pertençações de novo intenta
 Fazer com que as Nãos Gregas abrazadas
 Sejam por fim no Téjo, que as sustenta:
 Quando a Noite com sombras carregadas
 Cobria a Terra de humna côr cinzenta,
 Vem Górgoris cruel ousadamente
 Entre as Nãos atear a chama ardente.

LXVIII.

LXVIII.

Pelas Nocturnas Sombras protegido
 Atêa as chamas entre as Nãos undantes ;
 Mas o Téjo do estrago condoido
 Açoita as labaredas estalantes :
 O mesmo Sacro Jove , commovido
 Das súplicas dos Gregos anhelantes ,
 Desprendendo dos Ceos as cataratas ,
 Apaga as chamas , deixa as Nãos intactas.

LXIX.

Afrontado então Górgoris , a lança
 Posto á testa dos seus feroz brandindo ,
 De novo aos muros subito se avança
 De corpos mortos por degrãos subindo :
 Ulysses immortal , que não descança ,
 De novo os Inimigos investindo ,
 Os cercados soccorre ; e vendo a guerra ,
 Treme o Ceo , treme o Téjo , e treme a Terra.

LXX.

Depois de mil Combates furibundos ,
 Em que se consumirão muitos dias ,
 Em negros mares de seu sangue immundos
 Górgoris sepultou as ousadias :
 Sua Alma foi dos horridos profundos
 Vêr as Cavernas tetricas sombrias ,
 Em quanto ao Grego Heróe a Eterna Gloria
 Cinge a frente dos Louros da Victoria.

LXXI.

Inda os Campos estavam roxeados
 De lagoas de sangue, onde os seus vultos
 Escondião os Coiços traspassados
 Dos Gregos, e dos Lusos insepultos;
 Quando Ulysses de novo aos começados
 Edificios, rendendo a Pallas cultos,
 Com divino futor forças applica,
 Completando a Cidade Augusta, e Rica.

LXXII.

Edificada a Célebre Cidade,
 E o Templo Sacro a Pallas, nelle rende
 Sacrificios á Pura Divindade,
 Que o protegeo na guerra, e que o defende:
 Do Téjo então deixando a amenidade,
 De linho as azas concavas estende,
 E de Ithaca pizando o salso milho,
 Voa a buscar Penelope, e seu Filho.

LXXIII.

Por longo tempo o Téjo então saudoso
 Do Filho de Laertes, e Anticlea,
 Gemer se ouviu afflicto, e doloroso
 Languido posto sobre a fulva arêa:
 Na dura ausencia deste Heróe Famoso
 Se mostrou sentidissima Ulyssea,
 E co' as do Téjo em prantos de amargura
 As suas curvas lagrimas mistura.

LXXIV.

LXXIV.

Por longo tempo as Tágides sentidas,
 Arrepeilando as tranças, vaguearão
 Por estas praias, e de dôr feridas
 A Saudade de Ulysses prantearão:
 As agoas deste Rio amortecidas
 Sobre as túrbidas margens se encosrãáo,
 E parecem alli de quando em quando
 Estar da triste ausencia murmurando.

LXXV.

Desta sorte, ó Morales, foi fundada
 A sempre Alti-fami-gera Ulyssea,
 Cuja brilhante frente torreada
 Se vê do Têjo na espelhenta vêa:
 Virá tempo, em que seja respeitada
 De tudo quanto o mar, e o Ceo rodea;
 Contempla pois a fulgida Grandeza
 D'Aquella, que das Côrtes he Princeza.

LXXVI.

Dizia Zargo assim, quando chegava
 O Lenho ao porto, em que ancorar devia;
 Já pouco a pouco o panno se arriava,
 E a ancora bidente se movia:
 Por entre cavos pinhos serpeava
 O Madeiro, que ao leme obedecia;
 E já de todo as virações contentes
 Encolhião as azas transparentes.

LXXVII.

Tomba da prôa o ferro dentagudo,
 Ferindo as mansas agoas crystallinas,
 E vai descarrregar seu golpe rudo
 Nas húmidas arêas auri-finas:
 Estava o Padre Téjo vendo tudo;
 E vendo tremular as Lusas Quinas,
 Alçando mais a tremula cabeça,
 Com sonora voz assim começa:

LXXVIII.

Salve, Zargo Feliz, cujas Proezas
 Hão de ser inda hum dia decantadas;
 O Sacro Jovê te destina a Emprezas,
 Que inda hão de ser em merito eternizadas:
 Essas, que ondeão, Quinas Portuguezas
 Vai fazendo no Mundo respeitadas;
 Inda sulcando não sulcados mares
 Has de fazellas tremular nos ares.

LXXIX.

Calou-se o Téjo: e a frente profundanio,
 Por entre as agoas cêrulas se some,
 Alegre só consigo articulando
 Do meu Inclito Heróe o Grato Nome:
 Morales no convez as vozes dando,
 Manda o panão ferrar; e sem que dome
 Os transportes de gosto, que sentia,
 Dá-se de todo á Candida Alegria.

LXXX.

Contempla da Bellissima Cidade
 Os altos edificios portentosos,
 E a sempre Augusta Regia Magestade
 Dos seus Sagrados Templos sumptuosos:
 Contempla dos bateis a immensidade,
 Que vagão sobre as ondas animosos,
 E as desmedidas Máquinas undantes,
 Humas fundeadas, outras inda errantes.

LXXXI.

Gozando destas vistas lisonjeiras,
 Que o fulgido Commercio abrilhantava,
 E vendo tremular soltas Bandeiras
 Diff'rentes, com que Zéfyro brincava,
 Pelas Ordens d'Henrique Justiceiras
 O Luso Heróe Magnanimo esperava,
 Ensaizando seu animo valente
 Para tentar a Descoberta ingente.

Fim do Canto Quarto.

XX

CANTO QUINTO.

ARGUMENTO.

V Em Baccho de Neptuno acompanhado,
 E dos Deoses Maritimos seguido
 A Ilha demandar, onde assaltado
 He de Pan, que se mostra resentido:
 O capripedo Numen rechaçado
 A' sua gruta corre espavorido:
 E o Profeta da Undivaga Campina
 As Produções futuras varicina.

I.

EM luminoso Carto de Diamante
 Seis vezes tinha o Sol flammi-fuigente
 Sahido pelas Portas do Levante,
 E entrado pelas portas do Occidente;
 Quando na liza Concha fulgurante
 Com o Numen, que move aureo Tridente,
 E a cujo movimento o mar se humilha,
 Vinha Lico buscar a gentil Ilha.

II.

Todos os Deoses humidos seguião
 A crystallina Concha, que tiravão
 Seis Cavallos maritimos, que ardião
 Em chamas de futor, e relinchavão :
 Já sobre as ondas rapidos surdião
 Os Monstros, cujos crinos ondeavão ;
 E da Grande Ilha na cinzenta praia
 Encalha a Concha, quando o mar se espraia.

III.

As musgosas cabeças sacodindo ,
 Saltão do mar os Deoses, deitmando
 Na arêa, pela qual se vão sumindo,
 Globos de espuma, aljofres imitando :
 Do Thyrsos de Lieo estão cahindo
 Pingos d'agoa, que o Sol crystalizando
 Lhes dava tanta graça, e tal belleza,
 Que imitão diamantes na pureza.

IV.

Descem da Concha os Deoses Soberanos,
 E a pedregosa praia apenas pizão,
 O Cornigero Deos com seus Silvanos
 Correndo por entre arvores divisão :
 Saltando montes rapidos, e insanos
 De longe os torpes Satyros pesquisão
 Quem seja aquella Gente, que adversaria
 Desembarca na arêa temeraria.

V.

A Baccho pelo Thyrso conhecendo,
 E a Neptuno tambem pelo Tridente,
 Solta o disforme Pan hum grito horrendo
 Como quem féra dôr no peito sente:
 Das assanhadas furias accendendo
 No igneo coração a chamma ardente,
 Pondo os labios nos ásperos canudos,
 Chama a Concelho os Faunos cabelludos.

VI.

Vassallos meus, (diz elle) he tempo agora
 De punirmos de Baccho a aleivosia;
 Aquelle, que me préza, e que me adora,
 Desça á praia na minha companhia:
 Lancemos Baccho desta Terra fóra,
 Faça-se o que elle fez jã n'algum dia;
 Meu odio cresce, meu rancor não cança,
 E estão pedindo bárbara vingança.

VII.

Eia, vamos, Amigos, sem receio
 Assaltar quem nos fez já viva guerra;
 Este Numen virá (segundo creio)
 Conquistar para si mais esta Terra?
 Do meu bravoso coração no seio
 A Vingança Avemal seus dentes ferra;
 Vamos pois castigar este Importuno,
 A quem não valerá o Deos Neptuno.

VIII.

Dizendo assim, os Satyros se armárão
 De pínecos troncos, quaes Herculeas clavas;
 E apôs do hirsuto Pan todos marchárão
 Quaes sanhudos Leões, quaes Feras bravas:
 De penedos duríssimos pejárão
 Coldre: de Coiro á imitação de aljavas;
 F já de longe revoar se vião
 Mil penedos, que montes parecião.

IX.

Apenas isto vio, o Nizeo Nume
 Os penilantes Satyros persegue,
 E c'os Deoses Marinhos em cardume
 Mais, que nunca, feroz Neptuno o segue:
 Dos vivos olhos chammejando lume,
 O Thyrsigero Deos á sanha entregue
 Vai topar-se com Pan, que hum Cedro abraça,
 Para d'elle fazer tremenda Massa.

X.

Eis tomando a Neptuno o Grão Tridente
 O Filho de Semele denudado
 Descarrega-lhe hum golpe sobre a frente,
 Com que Pan fica logo atordoado;
 A Tropa dos Silvanos, que ouve, e sente
 O estrondo do revéz desmezurado,
 Soltando ao ar de horror enormes roneos,
 Timida trépa os ramalhudos troncos.

XI.

Assim (quando em Selvatica expressura
 O vigilante Caçador, que aguarda
 A caça, que solícito procura,
 Dispara a ferrea horrisona espingarda)
 Ouvindo o estrondo do trovão, que atura
 A tropa iuvial, lasciva, e parda
 Dos Libycos Bugios graciosos
 Pávida trépa os troncos ramalhosos.

XII.

He esta a punição das ousadias,
 (Disse o Numen Leneo) que tens comigo:
 D'hoje em diante as tuas rebeldias
 Terão, Estulto Pan, pronto castigo:
 Para punir-te as vís aleivosias
 Terás em mim acerrimo Inimigo;
 E se inda Louco disputar quizeres,
 Conhecerás a fundo os meus poderes.

XIII.

Sabe pois, que por Jupiter fui feito
 Desta Grande Ilha a Tutelar Deidade,
 E que por isso tenho já direito
 De expulsar-te daqui com crueldade:
 Se outra vez me faltares ao Respeito,
 Que requer minha Excelsa Dignidade,
 Verás então quanto em teu dano move
 O Sacro Filho de Semele, e Jove.

XIV.

XIV.

Vai em paz habitar com teus Silvanos
 Essas montanhas ásperas, e duras,
 Onde não possam ir braços humanos
 Abrir as Terras, e fazer Culturas:
 Aqui não tardão fortes Lusitanos,
 De quem farei as prósperas venturas,
 E que hão de agricultural todas as terras
 Inda sendo penhascos, brenhas, serras.

XV.

Cedo verás romper da Terra o seio
 O ferreo dente do robusto arado,
 E o forte Agricultor d'esp'ranças cheio
 Tornar o Bosque em Campo semeado:
 Cedo verás por meu maior recreio
 O duro Camponez de fouce armado
 Podar as parras, que darão fecundos
 Racimos aureos, outros rubicundos.

XVI.

Do recinto de agrestes Serranias
 Não te he dado o sahir, (outra vez digo)
 Vai habitar fragosas penedias,
 Onde só deves ter o teu jazigo:
 Se outra vez intentares rebeldias,
 Sentirás dos teus crimes o castigo
 E então te ensinarei, ó Deos Imbelle,
 A respeitar o Filho de Semelo.

XVII.

Em quanto assim se explica; o Deos Caprino
 Esteve mudamente praguejando
 O Seu tyranno bárbaro Destino,
 E terriveis vinganças projectando:
 O lúcido tridente de ouro fino
 Lioo ao Salso Numen entregando,
 Ah! vamos vêr (lhe diz) o quanto occulta
 Dentro no seio seu a Terra inculta.

XVIII.

Então Pan, e os seus Satyros, que virão
 Ausentar-se Lioo co' as Divindades
 Do mádido Elemento, se retirão
 Da sua Gruta ás negras Cavidades:
 D'hum Monte ao cimo os Numes se subirão,
 E em quanto observão mil fertildades,
 Deste modo Protheo ao Deos de Niza
 As Produções futuras profetiza.

XIX.

Por Ordem do Famoso Henrique o Zargo
 Em curvo pinho (mas por via incerta,)
 Fendendo do Oceano o Campo largo,
 Fará cedo esta rara Descoberta:
 Ha de Este Grande Heróe ter a seu cargo
 O povoar a Ilha inda deserta,
 Ilha, que, por ser d'árvores balseira,
 O Illustre Zargo chamará Madeira.

XX.

Aquelle Valle ameno, que, talhado
 Por tres grandes Ribeiras pedregosas,
 Apparece de Funchos semeado
 Espalhando fragancias deleitosas,
 Será por este Heróe Funchal chamado,
 E, por punir de Pan traições danosas,
 Nelle se atearão chammas intensas,
 Que hão de tragar as Arvores immensas.

XXI.

Roendo troncos, e crestando Fontes,
 Sete annos vivo incendio lentamente,
 Descendo aos valles, e trepando aos montes,
 O Torráo deixará tostado, e quente:
 Mais paros ficarão os horizontes
 Da crassa nevoa, aqui tão permanente;
 E a Terra, que inda inculta em tudo abunda,
 Ficarã sendo muito mais fecunda.

XXII.

Esta Terra, depois de povoada,
 Tu verás pouco a pouco ir-se fazendo
 A Ilha mais gentil, mais engraçada
 Das que o Africo Mar está lambendo:
 Tu a verás com gosto cultivada,
 Deliciosos frutos poremendo,
 Mostrar-se terna Mãi, Mãi Compassiva
 Daquelle, que solícito a cultiva.

XXIII.

Na florida Estação pelas Campinas
 Verás, ó Thioneo, com vistas claras
 Bordadas de papoilas, e boninas,
 As pillulantes trêmulas searas:
 Verás aqui mil flores peregrinas;
 Verás mil producções em tudo raras;
 Verás brotar de Flora os gratos mimos;
 E das pampineas vides os racimos.

XXIV.

Em qualquer parte abrolharão das terras
 Agoas mais puras, que o crystal nevado,
 E até dos cimos das fragosas serras
 Rotarão, imitando ao prateado:
 Sem que temão aqui do Tempo as guerras;
 Darão as plantas fruto sazonado
 Mimoso no sabor; e na grandeza
 Hum prodigio será da Natureza.

XXV.

Cobertos de graminea vestidura
 Estarão sempre os prados, e as florestas,
 Onde Amores com graças de mistura
 Passarão por prazer as molles sestas:
 Sempre frondentes firmes na verdura,
 Erguerão muitas árvores as testas,
 Promettendo huma eterna Primavera
 Semelhante á da florida Cithera.

XXVI.

XXVI.

Aqui o lacteo Lirio deleitoso,
 A delicada Angelica fragrante,
 O nevado Jasmin, puro, e mimoso,
 O florifero Mirtho verdejante,
 Aqui o rubro Cravo magestoso,
 E a rózea Flor de Venus elegante
 Espalharão suavissimos perfumes,
 Bem dignos de incensar Celestes Numes.

XXVII.

Aqui agrestes flores recedentes,
 Embellezando valles, montes, prados,
 De vivas gratas cores diferentes
 Tos mostrarão aos olhos matizados:
 Nelles então verás saltar contentes
 Pingues rebanhos de lanosos gados,
 E tranquillos os rusticos Pastores
 Dormir, sem medo a Lobos voradores.

XXVIII.

Dos Troncos pelo Fogo carcomidos
 Até pullulatao dentre rochedos,
 De musgos, e de mirthos revestidos,
 Pimpolhos, que serão inda Arvoredos:
 Os Campos se hão de vêr abastecidos
 De parras em frondiferos enredos,
 Com que tu, Thioneo, ornar bem podes:
 O pampinoso Thyrsos, que sacodes.

XXIX.

Os álamos aqui, aos Ceos sobindo,
 E os verdes odoríferos Loureiros
 Aos olhos mostrarão hum quadro lindo
 Nas encostas dos íngremes Oiteiros:
 Aqui daquella planta irão cahindo
 As flores, que evaporão gratos cheiros
 Em todas as Sazões: seus pomos bellos
 Serão côr dos do Sol aureos cabellos.

XXX.

Tambem aqui nos seculos vindouros
 O Terreno será mais que fecundo
 Em cafés, e algodões, ricos thesouros,
 De que tanto se jacta o Novo Mundo:
 Do Liberal Planeta os raios louros,
 Que tudo animão lá do Ceo rotundo,
 Tornarão susceptivel esta Terra
 De quantas Produções o Mundo encerra.

XXXI.

Aqui vêr-se-hão as árvores brotando
 Em flor os frutos, que Pomona adora,
 E que no ardente Estio, sazouando,
 Seu terno Esposo Liberal colora:
 Aqui, as brandas plumas despregando,
 De Cloris o Amador . Filho da Aurora,
 Co' as meigas Virações entre a verdura
 Brincará com lasciva travessura.

XXXII.

Aqui não acharás Leões audaces ;
 Bravas Pantheras , Javalis cerdosos ,
 Torpes Ursos eméis , Lobos rapaces ,
 Nem inda mesmo Insectos venenosos :
 Ah ! Thyrsigero Deos , se bem pensasses
 Quanto os Mortaes aqui serão ditosos
 Nas frescas Estações das Primaveras ,
 Do Ganges , e do Hydaspe te esquecêras.

XXXIII.

Aqui verás os vagos passarinhos
 Doces Cantores da Floresta amena ,
 Sandarem dos tremulos raminhos
 A bella Aurora , candida , e serena ;
 Vêllos-has ordenando c'os biquinhos
 Das azas , e do Corpo a crespa penna ,
 Em quanto pelos cumes dos Oiteiros
 Balarem os lanigeros Cordeiros.

XXXIV.

Aqui verás mil grutas , entalhadas
 Da Natureza pelas mãos sinceras
 Em marmereos penhascos , recamadas
 De verde avenca , de torcidas heras :
 Aqui verás algumas tapizadas
 De branda reiva : podes crer deveras ;
 Que não tiverão tanta graça junta
 Cithera , Chypre , Paphos , e Amathunta.

XXXV.

Ah! quantas vezes nos recintos dellas
 Sacrificios a Amor farão prestantes
 As formosas ternissimas Donzellas
 Nos meigos braços dos fiéis Amantes!
 Quantas vezes tecendo-lhes capellas
 Das flores mais mimosas, mais fragrantas,
 Con'umiráo alli ligeiras horas
 As engraçadas simplices Pastoras!

XXXVI.

Quantas vezes em rusticos passeios
 Verás as Insulanas Carinhosas
 Ornando Ledas os nevados seios
 De verdes mirthos, de purpureas rozas!
 Quantas vezes por magicos rodeios
 Mais de amor, do que d'agoa, sequiosas,
 As verás c'os Amantes pelos montes
 Descerem a buscar sombrias fontes!

XXXVII.

Oh! que famintos beijos mutuamente
 Se darão entre a flórida verdura,
 Mergulhando de Amor a chamma ardente
 Em mares de meiguice, e de ternura!
 Que afagos, e carinhos docemente
 Verás com ira honesta de mistura
 Sobre Leitos, de relva guarnecidos,
 Da Natureza pelas mãos vestidos!

XXXVIII.

XXXVIII.

No seco Estio liberal , fecundo ;
 Frutiger a Estação a Ceres grata ,
 Quando em calmas arder o vasto Mundo,
 A Madeira será da chamma intacta :
 O seu terreno aqui faráo jucundo
 Vagos mananciaes da fluida prata,
 Em que os Favonios , ensopando as azas,
 Apagarão da Calma as vivas brazas.

XXXIX.

Aqui então d'hum lado a Loura Ceres
 E doutro lado a rúbida Pomona
 Em repartir faráo os seus prazeres
 Os frutos , que qualquer dellas sazona :
 Aqui nas fresças noites (se quizeres)
 Verás como o Cultor em paz resona
 Ora junto das messes sazoadas,
 Ora á sombra das árvores copadas.

XL.

Aqui verás a grata Cerejeira
 Curvada ao pezo dos seus frutos bellos ;
 A folhosa , espinhifera Cidreira
 Encostada co' os pezos amareillos :
 Verás tambem a prodiga Gingeira ,
 Mostrando os frutos seus , que com desvelos
 Imitarão na rara formosura
 „ As Cerejas purpureas na pintura.

XLI.

De curvos ramos se veráõ pendendo
 Beb'ras rôxas, e figos retorcidos,
 Que, apenas a manhã vier rompendo,
 Seiaõ das Ninfas pelas mãos colhidos:
 Alli, traizões humanas não temendo,
 Os mansos Tutinegros acolhidos,
 Soltando as vozes com sonoro accento,
 Acharaõ para si doce alimento.

XLII.

Verás pendendo d'árvores frondosas
 Mil frutos differentes nos sabores,
 As pêras na grandeza portentosas,
 Os pêcegos raiados de mil cores:
 Negrejando nas arvores folhosas
 „ As amoras, que o nome tem de Amores, „
 E os formosos limões, que alli perfectos
 Imitaõ da Donzella os lacteos peitos.

XLIII.

Aqui florecerãõ em mata densa
 As doces Canas, que o assucar gerãõ;
 E abundaráõ por certo em cópia immensa
 Bem como nas Ameiças prosperãõ:
 Da terra aqui, á produçãõ propensa,
 Mil frutos brotarãõ, que não se esperãõ;
 Frutos não conhecidos noutras partes,
 Onde se empenhãõ da Cultura as Artes.

XLIV.

Aqui d'árvores taes , como os Coqueiros,
 Verás pender as célebres bananas ,
 Que em tumidos racimos feiticeiros
 A côr imitão das maduras canas :
 Estes frutos ao gosto lisonjeiros
 Não produzem as Terras Lusitanas,
 Razão porque hão de ser muito prezados
 Dos Lusos ás Delicias inclinados.

XLV.

O mimoso Ananáz aqui transposto
 Florecerá com tanta galhardia ,
 Que ha de ter melhor fôrma , cheiro , e gosto,
 Que quantos o Brasil produz , e cria :
 Os morangos aqui da côr do mosto
 Crescerão , sem cultura , em terra fria ,
 E tão grandes , tão bons , tão saborosos ,
 Que hão de exceder do Mundo aos mais formosos.

XLVI.

Oh ! como então contentes pelas Eiras
 Marcando alegres festivaes Coreas
 Saltaráo Leves Ninfas feiticeiras
 De transportes de amor , e gosto cheas !
 Alli consumirão noites inteiras
 Driades , Hamadriades , Napeas ,
 Ora em magicas danças entretidas ,
 Ora em doces Amores embebidas.

XLVII.

Na abundante Estação em que o Sol vario
 He no vasto Zodiaco hospedado
 Por Libra, Escorpião, e Sagittario
 Com terno mimo carinhoso agrado;
 Verás que aqui não falta o necessario
 Sustento ao camponez, que agricultado
 Tiver com grato amanho a fertil Terra,
 Que no seu seio aureo thesouro encerra.

XLVIII.

Verás então, a Laranjeira linda
 Produzir vaidosa os pomos d'ouro,
 Maiores atelli não vistos inda,
 De que fará Pomona o seu thesouro:
 De maçãs sazoadas copia infinda,
 Colorando-se aqui d'hum vivo louro,
 Pelas margens frondosas das ribeiras
 Penderá das frondíferas Macciras.

XLIX.

Verás tambem aqui romãs formosàs
 Com grato desalinho abrir-se ao meio,
 Para mostrar ás vistas cubiçosas
 Agi-doces rubins no fertil seio:
 Então das curvas parras pampinosas,
 Do zvaro Agricultor mimo, e recreio,
 Pendentes se verão lindos, e bellos
 Huns cachos róxos, outros amarellos.

L.

Verás mais de galhosos Marmeleiros
 Os saudáveis frutos pendurados,
 E dos folhudos altos Castanheiros
 Cahirem os ouriços espinhados:
 Verás mais nos ramigeros Pereiros
 Em pinhas os seus pomos matizados,
 E cahirem das prodigas Nogueiras
 As tentadoras nozes chocalheiras.

LI.

Oh! como então solícitos, contentes
 Verás os Camponezes nas vindimas
 Dos sazoados frutos excellentes,
 Que tu, Numen de Niza, tanto estimas!
 Durante estes trabalhos innocentes
 Endeixas ouvirás em doces rimas
 Entoadas por simplicis Cantores,
 A quem o Deus de Amor mate de amores.

LII.

Na chuvosa Estação, gelada, e fria,
 Em que Hippotades abie as grutas feas,
 E aos ventos glaciaes, que alli prendia,
 Quebra as duras asperrimas cadeas:
 Não soffrerá do Inverno a tyrannia
 Esta Terra feliz, que senhoreas;
 Não soffrerá dos Aquiloneos Mezes
 Os inclementes ásperos revezes.

LIII.

Em quanto n'outras terras mais distantes
 O enregelado Inverno carrancudo
 Com chuveiros brumaes, neves saltantes
 Pertender inundar campos, e tudo;
 Em quanto os Aquilões horrisonantes
 Com impeto brutal, furor sañudo
 Pertenderem com Euro em duras guerras
 Os planos mares igualar com as serras:

LIV.

Em quanto nos Paizes mais sombrios,
 Que do Arctico Polo estão mais pertos,
 Se encanecerem montes, prados, rios,
 De niveos gêlos hórridos cobertos:
 Em quanto os ares seus pezados, frios,
 Fizerem nestes Climas desconcertos
 Os miseros humanos realhando,
 E as mais robustas Arvores crestando:

LV.

Na singular Madeira então apenas
 Verás cair das nuvens condensadas
 Mil grossas chuvas sim, porém serenas,
 Beneficas, fecundas, temperadas:
 O Inverno, sacodindo aqui as pennas
 De aljofrados granizos carregadas,
 Apenas cobrirá delles os montes,
 Sem que perturbe, e que entorpeça as fontes.

LVI.

LVI.

'Aqui não' soprará constantemente
 O Boreas Glacial, gemendo insano;
 Se algum dia soprar com furia ingente,
 Rápido passará sem maior dano:
 Raras vezes verás turbida enchente
 Despenhar-se dos montes no Oceano;
 Mas quando acontecer, ó Deos de Niza,
 Verás como o Torrão se fertiliza.

LVII.

Por entre agudos íngremes rochedos
 Então as agoas correrão fragosas,
 Ora tombando d'uns noutros penedos,
 Té se unirem co' as ondas espumosas:
 Despídos ficarão os Arvoredos
 Das suas vestimentas graciosas,
 E apenas estarão vestidos de hera,
 Té que volte a florída Primavera.

LVIII.

Raras vezes verás negro, e tristonho
 O Dia amanhecer em sombra envolto;
 As mais das vezes o verás risonho,
 Com seu aureo cabello aos vento solto:
 Raras vezes verás o mar medonho
 Nos cinzentos calhãos quebrar revolto;
 Mas quando o virem neste desconceito,
 Os Nautas fujão, que o naufragio he certo.

LIX.

Raras vezes verás forte tormenta,
 De iôxas nuvens abafando os ares,
 Despejar do seu seio turbulenta
 Tenebrosas procellas a milhares:
 Do estrondoso trovão a voz violenta,
 Tioando sobre a Terra, e sobre os mares;
 Fará soar horrisono estampido,
 Mas seu estrago não será temido.

LX.

Oh! com quanto prazer na sazão fria
 Verás da fértil Ilha os Moradores
 Transportados da mágica Alegria
 Furtarem-se de rúbidos Licores!
 Dos Deoses a odorifera Ambrosia
 Não terá rão balsamicos sabores,
 Nem a sua cõr nítida, e fulgente,
 Parecerá mais viva, e transparente.

LXI.

Em fim, ó Thioneo, os Habitantes
 Desta Terra, de que és a Divindade,
 Co' as raras producções suprabundantes
 Serão felices na futura idade:
 D'Aves mil differentes, e elegantes
 Aqui terão immensa quantidade;
 Terão pingues rebanhos nas Campinas,
 E mais pingues nas ondas Neptuninas.

LXII.

Por suas Produções nesta grande Ilha,
 Com quem prodiga foi a Natureza,
 Terá mais hum a Rara Maravilha
 O Mundo em toda a vasta Redondeza:
 Esta do Africo Mar a melhor Filha
 Será das Ilhas Lusas a Princeza,
 Será das Nações todas respeitada,
 Será das Nações todas invejada.

LXIII.

Estas, ó Thioneo, são as mimosas
 Vindoiras Produções da Terra pura,
 Em que vás hospedar as animosas
 Gentes Lusas, que aqui guia a Ventura:
 Estas são as Bellezas preciosas
 Da Grande Ilha prestante em formosura
 Lá nos remotos seculos felizes,
 Em que tu talvez mais te divinizes.

LXIV.

Agora pois convém, que tambem diga
 Successos, que talvez saber desejas,
 Permite sim, que os Vaticinios siga
 Se acaso de escutar-me te não pejas:
 Permite (outra vez rogo) que prosiga
 Os vaticinios meus, só porque vejas
 Os successos, que estão por Leis dos Fados
 Aos Povos da Madeira destinados.

Fim do Canto Quinto.

II.

Não te direi as Immorraes Proezas
 Do Primeiro João d. Alta Memoria,
 Esse Heróe, que das Genies Portuguezas
 Tem feito o bilho, a Perfeição, e a Glória:
 Não te direi as Inclitas Emprezas
 D'Henrique, porque deixo á Lusa Historia
 O memorar nos seculos futuros
 Seus Feitos Divinaes, Augustos, Puros.

III.

Não te direi o quanto os Justos Fados
 Destinão a favor do Heróe valente,
 Que por mares ainda não suicados
 Demandará as Terras do Oriente:
 São Arcanos, que aos Deoses mais Sagrados
 Não devo descúbrir, por Lei Prudente
 D'Aquelle Numen, que as Esferas move,
 O Grande, o Recto, o Omnipotente Jove.

IV.

Direi sim as Façanhas Espantosas
 Do Grão Descobridor da Grã Madeira,
 E dos seus Descendentes as Pasmosas
 Acções Dignas da Deosa Trombeteira:
 Direi as Providencias Portentosas
 Da Magestade Augusta, e Justiceira
 De João Sexto, o Principe Potente,
 No tempo em que do Reino for Regente.

V.

Do Futuro nos turbidos volumes
 Ha tempos lendo, vi Portentos claros,
 Que por Leis insondaveis d'altos Numes
 Hão de inda obrar estes Heróes Preclaros:
 Os Portentos, que são, tu não presumes;
 São Acções Immortaes, são Feitos Raros
 Muitos, ó Thioneo, vou declarar-te,
 Com que possas talvez lisonjear-te.

VI.

Descoberta a frondifera Madeira,
 Por Graça de João Primeiro o Zargo
 Em premio desta Acção tão lisonjeira
 Terá de Donatario della o cargo:
 Entre este Heróe, e hum Célebre Teixeira
 Se partirá da Ilha o torrão largo,
 Terá Aquelle do Funchal a herança,
 E estouro de outra parte a governança.

VII.

Tambem em premio desta Acção prestante
 Perderá Este Heróe de Zargo o Nome,
 Porque João Primeiro, entrão Reinante,
 O de Camara, quer, que elle só tome:
 Vai tu ser (lhe dirá) d'hoje em diante
 Quem do Funchal o Povo seja, e dome;
 Vai ser o Protector, o Pai, o Amigo
 Dos que forem alli viver contigo.

VIII.

Vai povoar a Terra fresca , e pura ,
 Que das nvens roubaste ao negro seio ;
 Trata alli mais , que tudo , da cultura ,
 Que he d'hum Povoador todo o recreio :
 Edificios erguer alli procura ;
 Levanta Templos de brilhante asseio ,
 Para que nelles rendas com decencia
 Fiéis adorações á Providencia.

IX.

Vai descansar das ásperas fadigas ,
 Em que tu tens vivido , ha longos annos ;
 He justo agora que outra estrada sigas
 Não juncada d'horrores , p'rigos , danos :
 Serás bem cedo de Nações Amigas
 Visitado nos Lares Insulanos ;
 Onde por meio de Exemplar Governo
 Espero faças o Teu Nome Eterno.

X.

Munido pela Regia Magestade
 De tão Famoso Rei , de Heróe tão Santo ,
 Desta Terra na Antaretica metade
 Zargo Cousas fará Dignas de espanto :
 Porém primeiro hum Templo érigir ha de
 Sobre hum Tumulo triste , que do pranto
 D'hum Célebre Machim fôra banhado ,
 E em que co' a sua Harfet jaz sepultado.

XI.

Levantará depois hum Templo Augusto
 No seio do Funchal, e tão sublime,
 Que á vista delle tremerá de susto
 Qualquer perverso, que ir alli se anime:
 Levantará depois a todo o custo
 Outro Templo Sagrado, a que se arrime
 A sua Habitação, onde Contente
 Viverá longa idade felizmente.

XII.

Seguindo aqui da Humanidade a Esteira
 Revestido d'hum ar religioso
 Na margem de amenissima Ribeira
 Fundará hum Hospicio Magestoso:
 Na maior parte da feliz Madeira
 Traçará Sacros Templos animoso,
 Que depois de seu Pai seguindo os trilhos
 Erguerão deste Heróe os Dignos Filhos.

XIII.

Fundará do Funchal a Grande Villa,
 Que a ser virá depois gentil Cidade;
 Fará por levantalla, e construlla
 De Edificios de ingente Magestade:
 Fará por adornalla, e revestilla
 De esplendor, e suave amenidade;
 Fará, que as duras terras se cultivem,
 Fará, que as Leis da pura Fé se ayivem.

XIV.

Quando a Velhice frígida, e rugosa
 O encanecer, gelando-lhe as entrañas,
 Fará huma façanha a mais pasmosa
 De todas as mais célebres Façanhas:
 Animado d'huma Alma bellicosa
 Com sublime valor, forças estranhas
 Hum dia arrostará, sem medo a p'rigos,
 Fera invasão de bravos Inimigos.

XV.

Quaes os lanosos rimidos Cordeiros,
 Ouvindo o voraz Lebo estar rangendo
 Os esquálidos dentes carniceiros,
 Fogem velozes pávidos tremendo;
 Taes estes Inimigos ventureros,
 Armado o Forte Heróe na praia vendo,
 Fugirão pela liquida Campina,
 Temendo a sua misera ruina.

XVI.

Regendo Povos com saber profundo,
 Edificando Villas, e Lugares,
 Este Heróe Generoso, e sem segundo
 Honrará da Madeira os aureos Lates:
 I receitas dando de virtude ao Mundo,
 Mais de oito Lustras todos Exemplares
 Viverá felizmente, até que hum dia
 Pague o justo tributo á Morte fria.

XVII.

Então os Saudosos Insulanos,
 Vertendo tristes lágrimas piedosas,
 Às Cinzas deste Heróe de Dôr Insanos
 Renderão justas honras luctuosas:
 As Ninfas chorarão por longos annos
 Sobre a lúgubre Campa saudosas,
 Repetindo entre mágoas, e entre prantos,
 O Seu Nome Immortal, seus feitos Santos.

XVIII.

Morre o Nosso Pai! (dirão sentidas
 Com vozes per soluços recortadas)
 Morreo o Nosso Pai!... estão perdidas
 As nossas esperanças bem fundadas:
 Se para o conhecer fomos nascidas,
 E não para o gozar... (oh! Desgraçadas!)
 Antes nunca sabissemos do fundo
 Cahos do Nada, para vir ao Mundo.

XIX.

Convulsos ais ao coração roubando,
 O tremulo Ancião, d'istante a instante,
 E em pranto o rosto pallido banhando,
 Muitas vezes dirá com voz tremante:
 Fui-se o meu Bemfeitôr!... quão miserando
 Serei eu, justos Ceos, d'hoje em diante!
 Oh! quem podéra ter hoje a ventura
 De ir com elle tambem á sepultura!

XX.

A viuva infeliz co' a mão no rosto,
 Ferido o coração peia Anciidade,
 Em contínuo lethargico desgosto
 Dirá por desafogo da sandade:
 Pelos Fados estava assim disposto,...
 Oh! funes:a pensão da Humanidade!
 O Nosso Protector já não existe!...
 Tudo a meus olhos se figura triste!...

XXI.

Até mesmo os sonoros passarinhos,
 Que sempre alli cantarão sempre ledos,
 Sentidos trocarão os Patrios ninhos
 Pelos mais solitarios Arvoredos:
 Até mesmos os lanosos cordeirinhos
 Vagarão pelos cumes dos rochedos
 Cheios de dôr das caras Máis perdidos
 Soltando sentidissimos balidos.

XXII.

A propria Terra, que elle povoára,
 E que por seu trabalho enriquecêra,
 A propria Terra, que elle agricultára,
 E que entre muitas Célebre fizeta;
 Perdendo a natural belleza rara,
 Porque tambem o seu Cultor perdêra,
 Por longo tempo mostrar-se-ha sensivel
 A' Saudade Ciucl, á Dôr Terrivel.

XXIII.

As agoas correrão, como chorando,
 Humas d'altos rochedos despenhadas,
 Outras, por entre relvas serpeando,
 As ondas buscarão do mar salgadas:
 Echo chorosa, lúgubre vagando
 Repetirá nas grutas descarnadas
 O Nome deste Heróe; e ao repetillo
 As mesmas grutas tremetão de ouvillo.

XXIV.

Deste modo será sentida a Morte
 De Zargo, cujo Nome, e cuja fama
 Ji mais hão de soffrer da Parca o Corte,
 Da Parca dura, que os respeita, e ama:
 Após delle a Ternissima Consorte
 De virtude abrazada em viva chamma,
 Mostrando-a ao Mundo por mil obras pias,
 Deixando o mundo, acabará seus dias.

XXV.

Ficaráõ deste Tronco Originario
 Tres florecentes Ramos: o Primeiro
 Ha de ser o Segundo Donatario
 Do Funchal, e tambem grão Cavalleiro:
 Fazer não devo agora hum Commentario
 Das acções do Segundo, e do Terceito;
 Nem das quatro Vergonzeas, que formosas
 Do mesmo Tronco brotarão viçosas.

XXVI.

Só direi que esta Illustre Descendencia
 Felizmente se irá ramificando,
 De famosas Acções pela excellencia
 Da insigne Gloria ao Cnme remontando:
 Será egregia a sua Competencia;
 Sublimes Dignidades occupando,
 Por todo o Mundo lançará felizes
 Preclaras Fecundissimas Raizes.

XXVII.

Quatro Grandes Fidalgos Lusitanos,
 Por Acções, e por Sangue Esclarecidos;
 Demandarão os Lares Insulanos,
 Em bellezas, e em glorias embebidos:
 Aqui hão de viver por longos annos
 De Zargo ás Filhas por Amor unidos,
 Desfrutando seus Claros Dotes Bellos
 Cabral, Sousa, Aguiar, e Vasconcellos.

XXVIII.

Propagando-se a Prole Venturosa
 Do Nobre Zargo, Heróes Famigerados
 Da Lusa Corte a Gala Preciosa
 Farão dos seus Monarcas bafejados:
 Os Ramos desta Prole Numerosa
 Com outros Nobres Ramos enlaçados
 De Ornato servirão em Regio Abono
 Lá na vindoura idade ao Luso Throno.

XXIX.

Destes Illustres Ramos Florecentes
 De Insigne Geração por Linha Retá
 Não de então ser Preclaros Descendentes
 Os Condes da Ribeira, e da Calheta:
 Seguindo, como os Nobres Ascendentes,
 Da Gloria a estrada, chegarão á méta
 De serem lá nos seculos futuros
 Do Throno Portuguez Degraos Seguros.

XXX.

Descenderão os Inclitos Senhores
 Das Ilhas (Malogradas!) por Desertas,
 Aquellas, que não teado habitadores
 De matas estarão sempre cobertas:
 Descenderão tambem do Reino os Móres
 Claros Almotacés; Familias Certas,
 Que hão de lá nesses seculos vindouros
 Colher da Gloria os verdejantes Louros.

XXXI.

Destes Grandes Herões, Ramos Frondosos
 De tão illustre Tronco, e tão fecundo,
 Não de brotar mil Ramos Assombrosos,
 Que hão de ainda assombrar a todo o Mundo:
 Que Valentes Herões, que Herões Famosos,
 Que Herões de Engenho, e de saber profundo,
 Trazendo os seus Majores na memoria
 Farão da Lusitania a insigne Gloria!

XXXII.

Que Famosos Heróes delles provindos
 Faraõ da Lusitania a Grã Nobreza,
 Por feitos immortaes, por feitos lindos
 Memorizando a Gente Portugueza!
 Que Famosos Heróes, que Heróes infindos
 De tão Sublime Estirpe na Grandeza
 Viráo a ser em seculos mais puros
 Do Imperio Portuguez Colóssos duros!

XXXIII.

Com estes Reaes Sousas Generosos,
 Os Marquezes d'Angeja, e Marialva,
 Aveiras, Tancos, Arcos venturosos,
 Os Condes d'Arhoguia, os Condes d'Alva,
 Sublimes Val de Reis, e os Valorosos
 Alornas, Cunhas, Limas, e Penalva,
 Que a Patria defendêrão por seus braços,
 Felices prenderão em doces laços.

XXXIV.

Lusitania Feliz, tu serás Leito
 De parte da immortal Posteridade,
 Que enão nutrida da Grandeza ao peito
 Bafejada será da Magestade:
 Saldanhas Oliveiras, que respeito
 Não devem merecer em longa idade!
 Assêcas, Portugaes, e outros Saldanhas
 Dos berços ayezados ás façanhas!

XXXV.

Tu, Madeira, tambem serás o berço
 De Parte desta Prole Prosperada,
 Cuió Sangue por vêas mil disperso
 A irá fazendo eterna, e dilatada:
 Sem que siná o rigor do Fado adverso,
 Esta Prole feliz Ramificada
 Tua Grandeza ha de fazer hum dia,
 Fara, sim, tua Egregia Fidalguia.

XXXVI.

Viráo tempos felices, tempos ledos,
 Em que os Ramos dos Cameras Invitos,
 Vegetando, quaes verdes arvoredos,
 Espalhem Nobres Ramos Infinitos:
 Hão de então florecer nestes Enredos
 Bithancours, Carvalhaes, Freitas, e Britos,
 Girando-lhes o sangue pelas vêas
 De Esmeraldos, Orneillas, e Cotreas.

XXXVII.

Tambem os Acciaióles, verdejando,
 Albuquerque, e Seixas, florecendo,
 Hão Viçosos Ramos espalhando,
 De Zargo a Descendencia enriquecendo:
 Vasconcellos tambem, ramigerando,
 Athoguias, em fim, reverdecendo,
 Formaráo com aquelles de mistura
 Da Nobreza a frondífera Espessura.

XXXVIII.

XXXVIII.

Mais não direi da Grã Genealogia
 D'Aquelle Grande Heróe: direi sómente
 As Acções Immortaes, a Fidalguia
 Dos que regerem esta Terra ingente:
 Sempre fiel á Lusa Monarquia
 De Zargo o Primogenito Valente
 Tomando de seu Pai o Cargo, e o Nome,
 Em parte o Fado quer, que a Gloria tome.

XXXIX.

Com as armas na mão Soldado Forte
 Aos Mouros mostrará valor robusto,
 E a cada golpe seu, que leva a Morte,
 Arzila, e Ceuta tremerão de susto:
 Será nos bravos Campos de Mavorte
 Hum Flagello Cruel do A'frico adusto,
 Pelejando com força mais que humana
 Pelo augmento da Gloria Lusitana.

XL.

Imitando seu Pai em sã virtude
 Este Heróe Generoso, e Veneravel
 Na dura encosta d'hum rochedo rude
 Fundará hum Mosteiro Respectavel:
 Sem que d'honrados sentimentos mude,
 Fazendo-se por elles memoravel,
 Viverá sete Lustros não completos,
 Seguindo da Justiça os termos retos.

XLI.

Hum Filho deste Heróe , Filho Segundo ,
 Que então será Magnifico chamado ,
 Exemp'os dando de grandeza ao Mundo ,
 Succederá ao Pai no Emprego Honrado :
 Será na Guerra Monstro Furibundo ;
 Nove vezes rompendo o mar salgado ,
 E os Lenhos esquipando á propria custa
 O Mouro açoitara d' Africa Adusta.

XLII.

Acompanhado d'hum valente Ornellas ,
 Seguindo o Grande Duque de Bragança ,
 De frio Susto as Gentes amarellas
 De Azamor hão de vêllo com pujança :
 Por estas , e por outras Acções Bellas ,
 Bem dignas todas d'immortal lembrança ,
 Por indulto da Regia Magestade
 A Villa do Funchal será Cidade.

XLIII.

Será então , que hum Templo o mais Pomposo
 De immensa altura aos ares se levante ,
 E que hum Grande Edificio Apparatoso
 Se construa Magnifico , e brilhante :
 Antes terá então Manoel Famoso
 Tentado abrir as Portas do Levante ,
 Iondo nas mãos do forte Gama a chave
 Deste Commettimento Grande , e Grave . ,

XLIV.

XLIV.

Sineo Lustras, e mais tendo regido
 Os Insulanos com amor fraterno
 Do Grande Zargo o Nero Esclarecido
 O Exemplo seguirá do Avô Paterno:
 No seu Primeiro Filho mais Querido
 Cederá por seu gosto o seu Governo,
 E então ha de n'hum sitio retirado
 A infallivel pensão pagar ao Fado.

XLV.

O Filho deste Heróe, seguindo os passos
 De seu Illustre Pai, por muitas vezes
 Ha de sulcar os liquidos espaços
 Em soccorro dos fortes Portuguezes:
 Sem temer Africanos ameaços,
 Da Guerra exposto aos barbaros revezes
 Do Duque de Bragança em companhia
 Mostrará sua Heroica valentia.

XLVI.

Quasi dois Lústras viverá, regendo
 Os Funchalenses Povos com ternura,
 De todos elles com prazer fazendo
 Os Gostos: as Delicias, a Ventura:
 A' negra Morte o Espirito rendendo,
 Irá seu Corpo á fria sepultura;
 Porém seu Nome, e Feitos Soberanos
 Respeitados serão dos Insulanos.

XLVII.

Será seu successor seu Filho Amado
Heróe, que ainda mesmo em terna idade
Fará, que o Mouro bárbaro rostrado
Conheça do seu braço a potestade:
Pizando de seu Pai o trilho honrado,
Para Gloria da Lusa Magestade,
Fará, pondo em fugida o Mouro azedo,
O Grão Cabo de Gué tremer de medo.

XLVIII.

Virá tempo, em que tenha este Heróe Claro
O Tirulo de Conde; e ao mundo dando
De Singular Virtude Exemplo Raro,
Irá Feliz seu Povo governando:
Do Rico Prezador, do Pobre Amparo,
As Leis da Humanidade executando,
Mais de oito lustros viverá fazendo
A Gloria do Funchal, que irá crescendo.

XLIX.

O Filho deste Heróe por tempo breve
Succederá no Cargo, e no Condado,
Porque a Morte cruel com mãos de neve
Desfechará sobre elle o golpe irado:
Nos aureos Livros, em que a Fama escreve,
Será sempre o seu Nome eternizado,
A pezar de tão cedo a desabrida
Morte cerrar-lhe o circulo da vida.

L.

Por immutaveis Leis do Fado Eterno,
 (Cuja insondavel sibia Providencia
 Tem sobre os homens hum Poder Supremo,
 Sagrada Força, Divinal Potencia)
 Desta grande Ilha o célebre Governo
 Andará sempre nesta Descendencia;
 Longos tempos será como Foreira
 Da Illustre Prole a singular Madeira.

. LI.

Virá depois hum seculo Famoso
 Para os pulidos Povos Insulanos
 Hum seculo feliz, e o mais fastoso
 De quantos prende o vinculo dos annos:
 Em quanto n'hum naufragio tormentoso
 De guerras, vexações, sustos, e enganoso
 Vagar o Mundo inteiro, a fertil Terra
 Verá sempre de longe a face á Guerra.

. LII.

Então Hum Ramo, Illustre Descendente (*)
 Do Claro Zargo, as redeas meneando
 D'hum Governo Fiel, Sabio, e Prudente,
 Evitará da Guerra o mal nefando:
 Fazendo a Gloria da Insulana Gente
 Noite, e dia Incansavel trabalhando
 Tratará da Policia, e da Cultura
 Por dar de todo os Foyos á Ventura.

LIII.

(*) Veja-se a Nota no fim deste Canto.

LIII.

Talhando altivo de Neptuno o dorso
 Em concavos Madeiros, como Amigo
 Virá então Britânico Reforço
 Auxilia-llos contra o Inimigo:
 Mostrando alli da Gratidão o esforço,
 Ilha de Este Heróe na Terra dar-lhe abrigo,
 Afagando a Nação Guetteira, e Forte,
 Que nos Combates nunca teme a Morte.

LIV.

Elle ha de nesta Crise delicada
 Designios perscrutar do Sen Regente
 Na Mente revolvendo imperturbada
 Os modos de salvar a Ilha, a Gente:
 Acção ha de ser esta Celebrada
 Na Ilha mais, que nunca, florecente,
 Devendo por tal guiza, tal victoria
 O Templo guarnecer d'alta Memoria.

LV.

Organizando Fábricas, fazendo
 Reedificar as Regias Fortalezas,
 Officinas esplendidas erguendo,
 A pezo de grossissimas despezas:
 Habeis Agentes Próvido elegendo
 Para tão utilissimas emprezas,
 Fará com que a Madeira ao ar levante
 A frente mais, que nunca, então brilhante.

LVI.

Das Sciencias fará, que o Ramo cresça,
 Fará com que o Commercio amotecido
 Aos ares erga a tímida Cabeça,
 Que a Discordia Averal tinha abatido:
 Fará, em fim, que a Ilha reverdeça,
 Mostrando ao mundo aspecto mais luzido,
 E, porque as Invasões de Pan evite,
 Bardando as Terras, lhe porá limite.

LVII.

Fará com que se aplanem as estradas,
 Abrindo montes ásperos ao meio,
 Com ferreos alviões, ferreas enxadas,
 Para do Int'resse Público meneio:
 Fará também que as agoas encanadas
 Venhão fertilizar da Terra o seio,
 Da Terra, que atélli regada fora
 Só de chuvas, ou lagrimas da Aurora.

LVIII.

Será então, que o Príncipe Regente,
 João Sexto dos Príncipes Modelo,
 Mostre ao Mundo Seu Animo Excellente,
 E pelo Povo Seu Ardente Zelo:
 Será então que o Príncipe Potente,
 João Sexto dos Improbos Flagello,
 Lance huma Vista Pura, e Lisonjeira
 Sobre os Felices Povos da Madeira.

LIX.

Deste Principe Excelso o Nome Augusto
 Inda acima do Olympo Crystallino
 Levado deve ser, porque hum Rei Justo
 Tem menos de Mortal, que de Divino:
 Este Principe então a todo o custo,
 Velando do Funchal sobre o Destino,
 Por fazello feliz com fausto agouro,
 Grande parte dar-lhe-ha do seu Thesouro.

LX.

Vendo dos Insulanos a humildade,
 A Submissão ás Leis, a vassaliagem,
 O valor, a ternura, a lealdade,
 Mostrar-lhes-ha do Amor toda a Coragem:
 Mais não faria a Sacra Divindade,
 Que he da Justiça a Verdadeira Imagem;
 Este Principe Egregio noite, e dia,
 Velará do Funchal sobre a Armonia.

LXI.

Vendo o Monstro da Guerra turbulento
 Sobre as azas das Furias assanhadas
 Pelo mundo voar sanguisedento,
 Semeando ruinas desgraçadas;
 Vendo este enorme Monstro truculento,
 Não farto de vêr Terras abrazadas,
 Furioso arear, cruzando os ares,
 Sulfureas chammas até sobre os mares:

LXII.

Este Principe Insigne, Insigne em tudo,
 Sem temer suas negras ameaças,
 Porque a Virtude tem por forte Escudo,
 A' Madeira tara sublimes Graças:
 Entregue todo ao mais profundo Estudo
 De evitar-lhe as terrificas Desgraças,
 Dará mil Providencias Necessarias,
 Para arrostar as Invasões Contrarias.

LXIII.

Vendo a Célebre Europa ensanguentada,
 E, por ella vagando, Marte horiando -
 Soprar da Guerra a chamma incendiada,
 Que os montes tala, e os campos vai lambendo
 Vendo a Discordia em fim desentreada,
 For mares, e por terras discortendo,
 Apôs do Cario do Cruento Marte
 Fazer rolar seu pomo em toda a parte;

LXIV.

Pertenderá co' as armas da Virtude
 Este Principe Grande em tudo Egregio
 Do Mundo desterrar a Peste rude,
 Que contra a Paz commette hum sacrilegio:
 Izento da ambição, que os maos illude,
 Ha de interpôr Seu Peito Augusto, e Regio,
 Fazendo, que em fugida posta a Guerra
 A Paz desça dos Altos Ceos á Terra.

LXV.

Esta será enão a mór ventura
 Dos Povos Funchalenses commovidos
 Pelos effeitos d'humã Guerra dura ,
 Dignos de serem com razão temidos :
 Enão á Santa Paz serena , e pura ,
 Os Povos do Funchal agradecidos ,
 Ardendo alli da Gratidão na chamma ,
 Renderão cultos de memoria , e fama.

LXVI.

Que Scenas de Prazer , que amaveis scenas
 Tu verás , Thyoneo , assás festivas !
 Que noites tão felices , tão serenas !
 Que delicias , que glorias excessivas !
 A Alegria verás , batendo as pennas
 Por entre turmas de soncros vivas
 Levár consigo aos Astros Sup'iores
 Da Paz Santa os Altisonos Louvores.

LXVII.

Iluminada em grata simetria
 Verás tambem frondifera Lameda ,
 Que em frescura , primor , mimo , e valia
 Aquella dos Eliseos arremeda :
 A Noite alli mais clara , do que o Dia ,
 Se ostentará vaidosa , meiga , e leda ,
 Convidando os pasmados Insulanos
 A vêr da Paz Emblemas Soberanos.

LXVIII.

LXVIII.

No centro della tu verás erguida
 Aos limpos ares com grandeza estranha
 De Louros, e de Mirthos revestida
 A Apollinea Florigera Montanha:
 Verás cantar os Vates á porfia
 Ao som das agoas, que ella desentranha
 Por entre a fenda da Pegásea pata
 Imitando na côr límpida prata.

LXIX.

Alli da Paz Sagrada na Bonança
 Fntoaráõ os Melicos Cantores
 Da Clara Regia Prole de Bragança
 Os sonoros métricos Louvores:
 Do Luso Imperio á Maxima Esperança
 O Funchal pelos seus Habitadores
 Verás render da Gratidão nas Aras
 Cultos fiéis, Adorações Preclaras.

LXX.

Tu verás o Funchal tambem Contento
 Da Pura Gratidão sobre os altares
 Do seu Descobridor á Gloria Ingente
 Render Solemnes cultos a milhares:
 E quando decantar for docemente
 Do Immortal Zargo os Feitos Exemplares
 Cuvirás como grato lhe responde
 Do Elysio Campo, em que aos Mortaes se esconde.

LXXI.

Verás mais Regia Praça illuminada
 Em simétrico risco apparatuso,
 E de Estancias Magnificas cercada
 Com tablado no Centro luminoso:
 Verás em cada noite destinada
 Ao Publico Festejo á Paz honroso;
 Alli recerem festivaes Coreas
 Destros Pastores, Candidas Napcas.

LXXII.

Tu mesmo, no teu Carro então girando
 Pela vistosa Praça, amena, e linda,
 O verdejante Thyrsos meneando,
 Festejarás da Paz a Santa vinda:
 Tu mesmo vozes métricas soltando,
 Vozes por ti não repetidas inda,
 Farás com que o Funchal cheio de espanto
 Escute Alegre o teu Celeste Canto.

LXXIII.

Hum Seculo feliz auri-formado
 Virá depois ao Povo Funchalense,
 Que esquecerá aquelle decantado
 Do Governo Monarchico Creense:
 Hum Seculo feliz, divinizado
 Tanto, quanto talvez nunca se pensé;
 Trará Venturas da Madeira aos Povos
 Então regidos por Preceitos Novos:

LXXIV.

Verás então, Lico, nas Insulanas
 Praias gemer Neptuno ao pezo duro
 Das fluctuantes Máquinas Britanas,
 Que alli virão fazer Commercio puro:
 Prenhes Quilhas verás Americanas
 Desentranharem do seu ventre escuro
 Mil víveres perfectos não mesquinhos
 Por se pejárem de mimosos vinhos.

LXXV.

Verás d'outras Nações Quilhas veleiras
 Abrindo as azas aos propicios ventos,
 Sôltas aos ares Nacionaes Bandeiras
 Aqui trazerem giatos mantimentos:
 Prenhes tambem do sumo das videiras,
 Sumo, que dá valor, reforça alentos,
 Irão Contentes demandar seus Lares,
 E no seu seio te erguerão Altares.

LXXVI.

Estas são, Thyoneo, as consequencias
 D'hum Governo feliz, e são aquellas
 Do Grande Zargo, e suas Descendencias
 As Acções Immortaes, as Acções Bellas:
 Tanto podem do Fado as Providencias,
 Devemos respeitallas, e temellas;
 Devemos confessar que ás Leis do Fado
 Só pôde resistir Jove Sagrado.

Fim do Canto Sexto.

O Excellentissimo D. José Manoel da Camara, Governador, e Capitão General da Ilha da Madeira em 1802, na Qualidade de Neto dos Senhores das Ilhas Desertas fica sendo descendente do Descobridor, Heróe deste Poema.

XX

CANTO SETIMO.

A R G U M E N T O.

A Gradece a Neptuno o Deos de Niza;
 Neptuno busca o seu Imperio undoso;
 Lio a Lactea Via Alegre piza,
 E vai fallar a Jove Poderoso:
 Então Zargo Immortal, que se abaliza
 Por heroico valor, fende Animoso
 Os Atlanticos Mares, com espanto
 Dos Lusos, té que chega ao Porto Santo:

I.

A Admirado Lio de quanto ouvira
 Ao fluctivago Vate, em gozo torna
 A, que Pan accendêra, horrivel ira,
 E de excessivo júbilo se adorna:
 Parece que delicias mil respira
 Seu Coração, em que o Prazer se entorna;
 Nas rubras lizas faces se lhe via
 Andar brincando a mágica Alegria.

II.

Pensando longo espaço na abundancia
 Das raras Produções da Nova Terra,
 Ainda mais que Divinal Jactancia
 Dentro em seu Coração Divino encerra:
 Pensando das Proezas na Constancia
 D'Heróes Grandes na Paz, Grandes na Guerra,
 De ser a Divindade se glorea
 Da Fertil Ilha de Venturas Chea.

III.

Oh! Bemaventurada neste Mundo
 (Dizia Thyoneo) Aquella Gente,
 A quem só rege com saber profundo
 Hum Governo Benéfico, e Excellente!
 Feliz o Magistrado, que Facundo
 Sabe o Povo reger Justo, e Prudente!
 E mil vezes Feliz o Soberano,
 Que para os Povos seus he Mais que Humano!

IV.

He então, que entre os homens resplendem
 A Concordia Feliz, e a Paz Dourada;
 He então, que frutigeros florecem
 Os ramos da Cultura tão prezada:
 Tambem os do Commercio reverdecem,
 E a Boa Ordem, Dádiva Sagrada,
 Dádiva Pura dos Celestes Numes
 Respira nas Acções, e nos Costumes.

V.

He então, que se exercem com pureza
 As venerandas Leis da Piedade,
 Aquellas, que gravára a Natureza
 No Coração da fraca Humanidade:
 He então, que se vê toda a Belleza
 Da dos Mortaes devida Sociedade,
 He então, que entre doces alegrias
 Consumem todos docemente os dias.

VI.

Oh! mil vezes felices os Mundanos,
 Que tiverem hum dia inda a ventura,
 Que vão ter os meus Caros Insulanos
 Lá nessa idade plácida, e futura!
 O Destino dos Fados Soberanos
 Adóro cheio de fiel ternura,
 E, abrindo desde já Celestes ares,
 Mil cultos vou render nos seus Altares.

VII.

Vai-te, Neptuno, em paz: quanto tens feito
 Ao Numen do Funchal, levo em lembrança;
 D hum Numen, como eu sou, no Sacro Peito
 Já mais a Gratidão falece, ou cança:
 E vós, ó Deoses, que também respeito,
 E de quem prèzo a Candida Aliança,
 Ide em paz, que mais rápido, que o vento,
 Subir me cumprie ao Luminoso Assento.

VIII.

VIII.

Depois de assim fallar, Nuvem Dourada,
 Descendo sobre a Terra, no seu seio
 Occulta o Deos de Niza, e remontada
 Nos ares forma hum lúcido rodeio:
 Neptuno então na concha prateada
 Aos Cavailos batendo o açoite, e o freio,
 Seguido das Deidades Crystallinas
 Veloz retrilha as liquidas Campinas.

IX.

Já pela Ethérea via o Deos Thebano
 Glorioso caminha, até que chega
 A' Presença de Jove Soberano,
 Que a Pensamentos Divinaes se entrega:
 Léo, que estava de prazer Insano,
 A voz do centro ao peito desapéga,
 E ante o Throno de Jupiter prostrado
 Começa daste modo em aito brado:

X.

Segunda vez, ó Pai, graças te rendo
 Pela grande Mercê, que me fizeste,
 Agora, sim, agora comprehendo
 O quanto Liberal me concedes e:
 A Gentil Ilha, ha poucas horas, vendo,
 Aprazivel a achei, posto que agreste,
 Mas espero bem cedo, que a cultura
 A torne mais polida, amena, e pura.

XI.

Tu, que tudo prevês, destinas tudo,
 E que do Fado ás Leis dás força ingente,
 Que a hum leve aceno ten abalas Mudo
 Dos Ceos, e Terra a Máquina fulgente;
 Já sabes muito bem o que o Sizudo
 Fado quer a favor da Lusa Gente;
 J sabes muito bem a feliz sorte
 De Zargo, e sua Prole Illustre, e Forte.

XII.

Agora pois só quero a Nova Graça
 De mandares, que Pan dalli se aparte,
 Para que com seus Sátyros não faça
 Algum dano á Cultura em qualquer parte:
 Deste Numen não temo ímpia ameaça,
 Excedo-lhe em valor, em força, e arte,
 Mas não quizera guerrear com elle,
 Por isso mesmo que o conheço imbelle.

XIII.

Inda ha pouco, este Numen atrevido
 E os seus rudes Silvanos pertendêrão
 Expellit-me com modo desabrido
 Da Terra, em que crêis me accommettêrão:
 Eu fui por estes Monstros investido;
 Nuvens de rochas sobre mim chovêrão;
 Porém soube punir n'hum só momento
 Do Capripedo Deos o Atrevimento.

XIV.

XIV.

Desejo pois, ó Jupiter Sagrado,
 Mais sévêra, mais rígida vingança;
 Deste Numen o crime arrebatado
 Riscar não posso ainda da Lembrança:
 Seja Pan com seus Faunos desterrado,
 E seja, Caro Pai, sem môr tardança,
 Porque aprenda a não ser o temerario
 Aos Deoses d'alta Corte tão contratio.

XV.

Sen crime he digno de exemplar castigo,
 Perca até das montanhas o Governo;
 Nem mesmo em ermas sertas tenha abrigo
 Hum Deos que aos Deoses tem hum odio eterno:
 Vá este Numen vil, meu Inimigo,
 Os antros habitar do escuro Averno;
 Ah! pune, Justo Pai, o Deos Informe,
 Qual puniste da Terra a Prole Enorme.

XVI.

Mais diria Lico, se o Grão Tenante
 Não lhe atalhasse a voz, assim dizendo:
 Socega, Filho meu; causa bastante
 Tens para te sentir de Pan horrendo:
 He grande o seu delicto, he aggravante,
 E unillo d'algum modo em fim pertendo;
 Porém pedir vingança tão sévêra
 He impróprio d'hum Deos da tua Esfera.

XVII.

Não devem ser os Numes vingativos,
 Devem ser Justos, porém ser Piedosos,
 Para que dos Mortaes em quanto vivos
 Sejam sempre hums Espelhos Luminosos:
 Para tanto rigor não tens motivos;
 Se eu fulminei Gigantes Orgulhosos,
 Foi porque esta Infeliz Prole da Terra
 Se armára contra os Ceos, pondo-lhes guerra.

XVIII.

Será punido Pan do féro insulto
 Contra ti commetido; hum fogo lento
 Os densos bosques do Terreno inculto
 Em seu castigo tragará violento:
 Advirido será que dê mais culto
 Aos Deoses cá do Sacro Fumamento,
 E para que com elle não te irrites,
 Lá nas montanhas lhe porei limites.

XIX.

A Máquina do Mando Portentosa
 Com Supremo Poder sómente eu vejo;
 Nada me escapa á Vista Magestosa,
 Tudo sei, tudo ordeno, tudo vejo:
 Do Futuro penetro a tenebrosa
 Cerrada Escuridão: quando desejo,
 Adivinho o projecto dos humanos,
 E até mesmo o dos Deoses Soberanos.

XX.

Bem podéra evitar de certo modo
 Mil futuros successos : bem podéra
 Fazer com que inda hum dia o mundo todo.
 Visse o Sacro poder de quem o impéra :
 Mas da Ignorancia viverão no lodo
 Té mesmo os Deoses da Celeste Esfera ;
 Conhecerão sómente os meus Preceitos,
 Não pelas Causas, sim pelos Effeitos.

XXI.

Desta sorrre fallando, o Omnipotente
 Bem mostrava prever o mal futuro,
 Que Baccho aparelhava á Lusa Gente,
 Que fosse de Memnon ao Clima duro :
 Mas Lico, cuja inveja não consente,
 Que então penetre o Pensamento Escuro,
 Não se lembra, que Jupiter previa
 O que elle contra o Gama pertendia.

XXII.

Beijando a Dextra ao Pai, Baccho projeta
 It de Hespero ao Jardim, onde florece
 A videira melhor, e a mais seleta,
 Que do Mundo nas Terras apparece :
 Da Presença de Jupiter, qual setta,
 O Thyrsigero Deos desaparece,
 E então baixando da Celeste Altura
 O Jardim das Hespérides procura.

XXIII.

Entretanto no Téjo se breava
 De novo o Lenho para a Nova Empreza ;
 A cordagem tambem se alcatroava ,
 E tudo com insólita presteza :
 O Valoroso Zargo se equipava
 De Gente de não vista fortaleza ,
 E o Forte Infante , que dispunha tudo ,
 Em vèllo além da fóz fazia estudo .

XXIV.

Já do prompto Madeiro a toda a pressa
 Os mastarços o Contramestre acunha ,
 E a Companha Maritima começa
 A despegar da arêa a férrea unha :
 Eis o Velame aos Ventos se arremeça ,
 Robusto Marinheiro o Leme empunha ,
 E a Corradora Prôa encanecia
 As Tagitanas ondas , que fendia .

XXV.

Do Grande Henrique as Ordens recebendo ,
 Dando animoso a Deos aos seus Amigos ,
 Navega o Claro Zargo , não temendo
 Do Vario Mar os horrídos Perigos :
 Aos ares Ulysses a voz erguendo
 Ah ! praza aos Ceos (dizia) que inimigos
 Não encontres os Fados : fresca Aragem
 Te sópre o panno na feliz viagem .

XXVI.

Praza aos Ceos que, sulcando planos mares,
 Sem vêr escolhos, sem topar tormentas,
 Descubras novas Terras, novos ares,
 Já que d'honras, e glorias te alimentas:
 Se acaso hum dia aos braços meus voltares,
 Depois de conseguires o que intentas,
 Com que doce prazer, e de que geito
 Te cerrarei, ó Filho, contra o peito!

XXVII.

Vai-te em paz, Filho meu, Honras Lustrosas
 Não se alcanção sem áspera fadiga;
 Costumão ser mais altas, mais famosas,
 Quando a ganhallas Amor Patrio obriga:
 As Acções dos Heróes são façanhosas,
 Quando a vida se atrisca, e mais periga;
 Pela estrada da Inercia em vão presume
 Subir o Homem da Ventura ao cume.

XXVIII.

Tu estás pelos Fados elegido
 Para essa Empreza, que a ti só se deve;
 Tu foste dentre todos escolhido,
 Porque só teu valor tanto se atreve:
 O fardo deste Emprego tão subido
 Para o teu Grande Esforço he Carga leve;
 Ao pezo desta Acção, postò que insano,
 Não succumbe hum Alcides Lusitano.

XXIX.

Em tanto que Ulysses assim dizia,
 Da praia os Lusitanos acenavão,
 E em muitas partes murmurar se ouvia
 De Emprezas, a que humanos se arriscavão:
 O' Gloria vá, (d'alli hum repetia,
 Em quanto muitos lúmbres choravão)
 A que abyssos conduzes essas Gentes
 Roubando-as a seus miseros Parentes!

XXX.

Surda aos ecos das vozes lamentosas
 Das consternadas Mães, dos Pais affictos,
 Aos brados das ternissimas Esposas,
 Dos tenros Filhos a innocentes gritos;
 Arrastas pelas ondas perigosas
 Pais, Maridos, e Filhos infinitos
 Com falsas luzes encobrimdo aos olhos
 Equoreas Sytes, hórridos escolhos.

XXXI.

Para que he inrentar grandes Emprezas,
 Arriscando-se a Couse mais querida,
 Se o fructo das mais inclitas Proezas
 Só para se colher he curta a vida?
 A's cegas navegar entre incertezas,
 Tullhando salsa via não sabida,
 Chamão-lhe Ingente Gloria Soberana;
 Mas ah! quanto o Mortal lonco se engana!

XXXII.

XXXII.

Queira o Ceo conduzir-te, ó Quiítha undante,
 Sem que tópes horrisonas procellas,
 A Clima deste Clima não distante,
 E a Regiões pacificas, e bellas:
 Hum vento sempre doce, e marmurante
 Com brandos sôpros te refresque as vélas,
 Para que abrindo o mádido Elemento
 Vás, e voltas á Patria a salvamento.

XXXIII.

A taes vozes o Téjo, que dormindo
 Estava sobre as urnas, despertando,
 E a mnsghosa Cabeça sacodindo
 Alça a frente, e vê Zargo ondas rasgando:
 A voz então do peito despedindo,
 Vai com saudoso pranto misturando
 Estas palavras, que, fendendo os ares,
 Resoão sobre a Terra, e sobre os mares.

XXXIV.

Queira o Ceo, Luso Heróe, sei-te propicio
 Em quanto as ondas do alto mar fenderes,
 E nunca arrostes do fatal Exicio
 Os deploraveis hórridos Poderes:
 Queira o Ceo, que bem cedo hum sacrificio
 Venhas render nas aras dos Prazeres
 Ao Primeiro João na pura offerta
 Da Terra, de que vás á Descoberta.

XXXV.

Se de saudoso pranto as faces banho,
 Se sinto da Saudade a vehemencia,
 Se languidos suspiros desentranho,
 São effeitos da tua dura ausencia:
 Mas ah! meu Zargo, que prazer tamanho
 Me destina do Fado a Providencia!
 Vai-te em paz, que da Gloria laureado
 Espero ver-te cedo, e premiado.

XXXVI.

Em quanto assim dizia, o Pinho fende,
 Cheio de gloria, e de prazer sobejo,
 As crystallinas agoas, que desprende
 Das aureas Urnas o Sereno Tejo:
 As lineas azas candidas, que estende
 Incha o vento com prospero bafejo;
 E a poucos sulcos já do mar em fóra
 Navega a curva Quilha nadadora.

XXXVII.

Era o tempo, em que a Diva Camponezs
 Entre auri-verdes messes passeava,
 E por dar ás espigas mais belleza
 A dourallas de todo começava:
 Era o tempo, em que a Etherea Tocha acceza
 No Zodiaco a Cancer visitava,
 Quando Zargo na Quilha temeraria
 Procurava a Grande Ilha Solitaria.

XXXVIII.

Sonoras virações, doces, e brandas,
 Cujos hafejo os Nautas lisonjea,
 Propicias refrescando as vélas pandas
 O mar encrespão, que Neptuno enfrea:
 O' Tu, que reges tudo, e tudo mandas,
 (Disse Zargo com voz suave, e chea)
 Lá do alto Olympo venerando escuta
 D'hum Submisso Mortal a voz arguta.

XXXIX.

Não sem mysterio d'entre o pó do Nada
 Tiraste a Massa do Terraqueo Mundo;
 Não sem mysterio Tua Mão Sagrada
 Fez este mar tão vasto, e tão profundo:
 Se hoje em concava quilha aos ventos dada
 As ondas ralho do Oceano fundo,
 He por mostrar á fraca Humanidade
 Tua Sacra Suprema Potestade.

XL.

Não foi de balde, não, que tu fermaste
 Esta immensa extensão do Mar incerto;
 Não foi de balde, não que o semeaste
 De Terras, que inda não se ha descoberto:
 Se o vasto Mundo para nós creaste,
 He pena, que haja Mundo inda deserto;
 Ah! protege-me, ó Deos, porq' eu intento
 Fazer hum Immortal Descobrimento.

XLI.

Appareção as tuas Maravilhas

Aes olhos dos Mundanos: novos mares,
 Novos Ceos, novas Terras, novas Ilhas,
 Descubrão-se aos Mortaes, e novos ares:
 Tu, que Ceo, Terra, Mar, e Inferno humilhas,
 Deixa, que cedo te levante Altares
 Nessa Terra Gentil, que hoje demando,
 Para alli dar-te Culto venerando.

XLII.

Não consintas, que Eólo os ventos solte
 Dos horrisonos Carceres escuros,
 Porque os mares, que fendo, não revolte,
 Levantando altas serras, altos muro:
 Permite, sim, que cedo á Patria volte,
 Sem que encontre jámais perigos duros,
 Dando mais huma Terra não mesquinha
 Ao Lusitano Imperio, á Patria minha.

XLIII.

Já distantes dos Patrios Horizontes
 Os Novos Argonautas navegavão,
 Vendo apenas de Cintra os altos montes,
 Que as vespertinas sombras carregavão;
 Já de Febo os igniferos Ethontes
 Nas Amphitríteas ondas mergulhavão
 O luminoso Plaustro crystallino,
 Entrando pelo Imperio Neptunino:

XLIV.

Quando aos Ceos o Grão Zargo desta noite
 Seus rogos enviava, que, subindo
 Sobre as azas da voz serena, e forte,
 Os mansos ares hião dividindo:
 Da aguda Quilha reatava o corte
 As ondas, que espumantes vão sahindo
 D'ambos os lados da ligeira Frôa,
 Onde em doce murmurio a Linfa sôa.

XLV.

Seguiu-se então a Noite socegada,
 E mais que nunca a luminosa Etera
 De brilhantes Estrellas marchetada
 No tremulo das ondas reverbêra:
 Vinha mostrando a Lua prateada
 A face, em que da neve a côr se esmera,
 E em plaustro de crystal de luzes chêa
 Os Astros visitava a Clara Dêa.

XLVI.

Entredado em sublimes pensamentos,
 Em quanto o Luso Capitão descança,
 Morales calculava os movimentos
 Dos Astros, a que experto as vistas lança:
 Fazia a cada instante apontamentos,
 Para sua mais firme segurança,
 E no mar da Razão lançando o prumo,
 Da Bússola seguia hum certo rumo.

XLVII.

Já de Venus gentil o Astro brilhante,
 Da muda Noite as sombras apartando,
 Espalhava huma luz clara, e radiante
 Sobre os mares, que o Lenho hia sulcando:
 Da Culta Grande Europa já distante,
 Porque lhe refrescára o vento brando,
 Zargo animoso com feliz auspicio
 Sómente via o Mar, e o Ceo Propicio.

XLVIII.

Os Novos Argonautas navegáráo
 Desta sorte alguns dias felizmente,
 Até que em certa altura projectáráo
 Avante não passar prudentemente:
 Por alguns dias sobre o mar pairáráo.
 Em demanda da Terra florecente,
 Até que hum dia pela mesma róta
 Houverão vista d'huma Terra nóta.

XLIX.

Aquella (disse Zargo) Ilha frondosa ;
 Que vemos, e talvez vos cause espanto,
 He a aprazivel Ilha milagrosa,
 Que por mim foi chamada o Porto Santo:
 Horrivel Tempestade tormentosa
 Desabou sobre mim com furor tanto,
 Que fugindo-lhe aos rábidos furores,
 Alli vim escapar aos seus rigores.

L.

Devemos pois, Morales, aportalla ;
 Não julgues , que ella ainda está deserta ,
 Tem vindo Gente Lusa povoalla ,
 E Gente Lusa na Cultura experta :
 Devemos , sim , d'alli fazer Escala ,
 Para tentar a nossa Descoberta ,
 Pois (cá segundo a minha conjectura)
 A Ilha deve andar por esta altura .

LI.

He certo sim (Morales lhe responde)
 Que (segundo o meu cálculo já feito)
 Porque entre nuvens térricas se esconde ,
 Bem póde petto estar , como suspeito :
 Oh ! quem podéra , Zargo , saber onde
 Tão estimavel Ilha tem seu leito !
 Mas não se desanime n'alta Empreza ,
 Longe de nós a tímida Fraqueza .

LII.

Com estranho valor , Zargo Sublime ,
 Tenho mil vezes encarado a Morte ;
 A minha Intrepidez jámais opprime
 Do Cobarde Pavor o pezo forte :
 Longe de mim da Timidez o crime ;
 Inda que encontre sempre opposta a Sorte ,
 O ardente sangue não regéla o Susto ,
 Sou Homem , tenho hum animo robusto .

LIII.

Vamos sim , como dizes , tomar porto ;
 E delle , inda que sejam vezes cento ,
 Depois de algum refresco , e são conforto ,
 Daremos vélas ao propicio vento :
 Sim , ó Zargo Immortal , antes eu morto ,
 Que perder hum tão bom Descobrimento ;
 Ou se ha de descobrir a Terra pura ,
 Ou se ha de ter no mar a sepultura.

LIV.

Quando Morales isto repetia
 Com suave expressão , mas animada ,
 A Intrepidez na face se lhe via .
 Com rubra côr vivissima pintada :
 O Luso Capitão tudo attendia ,
 E sentindo sua alma arrebatada
 Pela força de tanta Heroicidade ,
 A Morales jurou pura Amizade.

LV.

Entretanto o fluctivago Madeiro
 Busca a Terra , que Zargo descobrira ,
 Quando cruzando o mar Aventureiro
 Do bravo Temporal fugio á ira :
 Voava o cavo Pinho , e tão ligeiro
 Impellido da aragem , que respira ,
 Que não parece alli ser Lenho grave ,
 Nem undivaga Quilha , mas ser Ave.

I.VI.

Os ethereos espaços dividindo,
 Quasi chegando á costumada méta,
 Nas ondas suas luzes submergindo
 Hia o Gigante Lúcido Planeta:
 Quando o Madeiro cóncavo surgindo
 No amigo Porto mais veloz, que a setta,
 Arroja ás agoas o bidente ferro,
 A cujo golpe deo Neptuno hum berro.

LVII.

As vélas d'improviso se amainarão,
 Colhêrão-se as Bandeiras tremolantes,
 E aquella noite alegres descancarão
 Os desterrados Lusos Navegantes:
 Para a empreza seus animos preparão,
 Reforçando seus animos constantes,
 E todos elles de Morfeo nos braços
 Prender-se deixão com doutados laços.

LVIII.

Só Zargo Illustre toda a noite véla,
 Ao lado de Morales calculando,
 Onde estaria a fertil Ilha bella,
 Que andava pelas ondas procurando:
 Apenas vinha a Matutina Estrella
 Dubias luzes nos arcos semeando,
 Apresta-se o batel, que desaferra,
 E a Zargo com Morales lança em terra.

LIX.

Os Novos Argonautas recebidos
 Com ternura dos Novos Insulanos
 Alli se demorárão entretidos
 Em fazer novos calculos, e planos:
 Noite, e dia nos montes mais subidos
 Fazião pensamentos mais que humanos,
 Observando huma Névoa grossa, e forte,
 Que alli se vê do Porto Santo ao Norte.

LX.

Já então se dizia alli (tremendo
 De susto) que onde estava a Névoa Crassa,
 Era a Garganta do Cocyto horrendo,
 Que ruina aos Mundanos ameaça:
 (Dizia-se) quem for o mar rompendo,
 De certa altura para lá não passa,
 Pois pela boca da Infernal garganta
 Sahe voz horrenda, que os Mortaes espanta.

LXI.

Parece que o Trifauce alli, ladrando;
 Quer investir aos tristes Navegantes,
 E que as malignas Furias, vozeando,
 Alli soltão mil roncões dissonantes:
 Parece estar o Inferno vomitando
 Medonhas nuvens mil horrisonantes,
 E delias he tão úrbido o Negrume,
 Que vêr não deixa em fim Tartáreo Lume.

LXII.

LXII.

Tudo irto ouvindo, Zargo mais se inflamma,
E em discretos exames continúa,
A mira tendo na prestante fama
Dos Povos Lusos, e da Gloria sua:
Ardendo de Amor Patrio em viva chamma,
Projecta desde então na nova Lua
Investir o Negrume horrendo, e feio,
Que dizem ter o Báratro no seio.

Fim do Canto Setimo.

II.

Riscar não posso ainda da lembrança
 A, que me fez Lieo, pezada offensa;
 Dentro em meu Coração betta a Vingança,
 Mais, e mais assanhando a Mágoa intensa:
 Sinta Baccho de Pan inda a possança,
 Sinta a cólera minha em tudo immensa,
 E desta fertil Ilha a Gente Lusa
 Fuja de Assombro, e de Pavor Confusa.

III.

Se por graça de Jupiter me coube
 O dilarado Imperio das Montanhas,
 E o Filho de Semele ousado soube
 Roubar-me aquellas Indicas ramanhas,
 Hei de inda mais soffrer, que estas me roube?
 Ah! não consentirei: de Pan as sanhas
 Supporte o Nizeo Deos: eia Sylvanos,
 Ponha-se guerra a Baccho, e aos Lusitanos.

IV.

Em quanto desço ao Cavernoso Averno,
 (Porque me cumpre assim) ficai guardando
 Esta Grande Ilha; eu cedo o meu Governo
 A'quelle dentre vós mais venerando:
 Aos negros antros do Tartáreo Inferno
 As baças Fúrias vou buscar em bando,
 Torpes Centauros, hórridos, enormes,
 Scyllas, Harpias, Górgones informes.

V.

Por todos estes Monstros soccorrido
 Bem posso guerra pôr ao Mundo inteiro;
 Pagarás, ó Lico, Nume Atrevido,
 A offensa, que fizeste ao Deos monteiro:
 Teu vil delicto deve ser punido;
 E aquelle, que tentar Aventureiro
 Tocar as praias desta fértil Terra,
 Hospedado será por crua Guerra.

VI.

Não acabava, quando a Noite, abrindo
 As semi-negras azas, apparece,
 E no seu Carro os ares dividindo
 Subitamente sobre a Terra desce:
 Pan ao sombrio Coche então subindo,
 Que todo grossa Nuvem ser parece,
 Noite Amiga, (lhe diz em alto grito)
 Leva-me ás margens do Averno Coccyto.

VII.

Apenas isto disse, a muda Noite
 Sobre os Nocturnos Animaes, que tirão
 O seu Carro veloz, vibra o açoite,
 Cujos estalos resozar se ouvirão:
 Por mais que o Plaustro de Titán se afoite,
 Suas rodas tão rápidas não gyrão;
 Os ferros Eixos, fuzilando, gemem,
 Os negros Monstros, relinchando, fremem.

VIII.

Já sobre o cume do Cimmerio Monte
 Pousa o Carro da Noite taciturna ;
 Olha Pan , vê sahir quasi defronte
 Túrvido Rio por sulfurea fuma :
 Aquelle (diz a Noite) he o Acheronte ,
 Que pela boca esqualida , e soturna
 Com tremendo fragor , horrída grira
 O Tenebroso Tártaro vomita.

IX.

Em quanto , ó Pan , descanso em minha gruta ,
 Vai sulcar este Rio tormentoso ,
 Em cujas ondas cança a Força bruta
 Do Cocytio Barqueiro ambicioso :
 Olha como elle já cansado luta
 Co as agoas do Acheronte pavoroso !
 Desce á praia , e na barca horrenda , e fêa ,
 Vai afoito cortar Tarrátea vêa.

X.

Suffocando no peito a voz tremenda ,
 Que longo espaço horrisona resôa ,
 Da Cimméria Montanha pela fenda
 Entrando , a Noite as Trévas agrilhôa :
 De vagas pardas sombias tropa horrenda
 Na ausencia della todo o ar povôa ;
 Por entre as quizes soltando guinchos graves
 As azas batem rapinantes Aves.

XI.

Era o Cimmerico Monte coroado
 De sulfureos pestiferos vapores ;
 Pendião-lhe d'hum lado , e d'outro lado
 Rochedos de ruina ameaçadores ;
 De espaço a espaço em roda era gretado ;
 Pelas gretas sahião mil fragores ,
 Que , imitando do Báratto o ruido ,
 Formavão confusissimo estampido.

XII.

Em parte em negras Arvores se enreda
 Em parte em densas matas mil se embrenha ;
 Quasi que em tudo o Tártaro arremeda ,
 Menos na fórma , e na espinhosa grenha :
 Tomando o hirsuto Pan rude vereda ,
 Capripedo ligeiro se despenha
 Do erguido cume à fraida , em que o barqueiro
 Já encalhava o concavo Madeiro.

XIII.

Era Charonte grande , alto , e membrudo ,
 Mas de Velho mirrado , e carcomido ;
 O corpo tinha em partes gadelhudo ,
 Em partes baço , em partes denegrido :
 O semblante rugoso , e carrancudo ,
 De longas brancas tinha guarnecido ;
 Tinha hirsutos os ríspidos cabellos ,
 „ A boca negra , os dentes amarellos. „

XIV.

Era a Barca Averno Betuminosa
 De enormissimos lenhos fabricada ;
 Qualquer remo , que move a mão cafoza ,
 Parece a Herculea massa decantada :
 Fra hum pinheiro o mastro , em que alterosa
 Subia grossa verga destmarcada ,
 A que prêza a cinzenta véla rôia
 Açoita os ares co' a farpada escôta.

XV.

Lança o Barqueiro a prancha sobre a praia ,
 Por onde rôlão lúbricas serpentes ;
 Embarca o Deos das Brenhas , e se ensaia
 Para sulcar as tórbidas correntes :
 Desaferra o batel , e antes que saia ,
 Prende Charonte a escôta aos ratos dentes ,
 E os mosguiferos remos meneando ,
 Vai pelo Averno Rio serpeando.

XVI.

D'hum lado , e d'outro lado se divisáo
 Vagando pelas praias lutulentas
 Pállidas sombras , que dispersas pizáo
 As arêas esquálidas cinzentas :
 Sombrias negras Arvores matizáo
 Aqui , e alli as margens peçonhentas
 E dentre eilas com vozes agoureiras
 Grulhão famintas Aves Carniceiras.

XVII.

Alli gemem os Mochos á porfia
 Co' as lúgubres Corujas rapinantes,
 O negro Bufo guincha, e desafia
 Os pardos Noitibós plum-estalantes:
 Fazem huma confusa vozeria
 Aves Sinistras, Serpes sibilantes,
 Em quanto as vagas Sombras d'horror chêis
 Tímidas calcão hórridas arêas.

XVIII.

Corre em partes o Rio acelerado,
 Formando rouco estrepitoso estrondo;
 E em partes prêzo está, como estagnado,
 Exhalando hum vapor sempre hediondo:
 O Captipedo Numen espantado
 De quanto escuta, e vê, nos olhos pondo
 As mãos calosas, longo espaço existe,
 Roubando aos olhos hum painel tão triste.

XIX.

Passando a Barca o Rio caudaloso,
 Entra na Estygia Sórdida Lagôa,
 Onde já tão violento, e fragoroso
 O dissonante estrépito não sôa:
 Eis que o Lago tranquillo, e bonançoso
 Serena fende a ponraguda prôa
 Larga os remos Charon.e, e satisfeito
 A vara encosta ao calejado peito.

XX.

Assim a Quilha undívaga navega
 Pela túrbida Estyge, que serpêa,
 Até que á margem destinada chega,
 Onde encalhar costuma em branda arêa:
 Charonte á praia o curvo lenho entrega,
 E na vara encostando a face fêa,
 A face horrenda, que o suor alaga,
 Negra dextra estendendo, espera a paga.

XXI.

Os Deoses (disse Pan) estão isentos
 Das pensões da Infeliz Humanidade ;
 Se dos Deoses não tens conhecimentos,
 Aprende a conhecer a Divindade :
 Hum dos de Jove Sacros Mandamentos
 He respeitar dos Numes a Deidade ;
 Eu sou o Deos das Brenhas, e pertendo
 Entrar hoje no Tártaro Tremendo.

XXII.

Em quanto fallo ao Dite, aqui me espera,
 Desta praia, Charonte, não te ausentes ;
 Isto dizendo, sahe na praia fera,
 E vai calcando os areaes ferventes :
 Esta margem do Tártaro só gera
 Espinhosos abrolhos pestilentes,
 Entre elles grasnão com accentos torvos
 Abutres, Guinchos, Grahas, Grous, e Corvos.

XXIII.

Altos Montes agrestes apparecem,
 Como que estão de guarda ao negro Averno;
 A cada instante todos estremecem
 Co' a voz, que da garganta sahe do Inferno:
 As vistas monstruosas, que offerecem,
 Lanção nas Almas hum pavor interno;
 Graves Espectros por alli vaguêao,
 E os seccos montes mais, e mais afeão.

XXIV.

Mal chega Pan do escuro Inferno á Porta,
 Abre o Cerbéto a tríplice garganta,
 E a risonante Voz, que as sombras corta,
 Troando horrendamente, o Averno espanta:
 Eis a fronte cornigera recorta
 Da opaca Entrada a Ecuridão: levanta
 A voz o Numen de fendida patã,
 E estas palavras subito desata:

XXV.

O' vós, quem quer que sois, que estais guardando
 Do Reino de Plutão a triste entrada,
 Se vos pôde mover meu rogo brando,
 Ensinai-me do Inferno a dubia estrada:
 Eu sou o Deos Sylvano, que buscando
 Vou de Plutão a térrica Morada;
 Vinde guiar-me ao Paço Tenebroso
 Do Negro Irmão de Jove Poderoso.

XXVI.

Apenas assim disse, Espectro horrendo
 Ante o Numen Sylvano se apresenta,
 O corpo gigantêo ao ar erguendo,
 Que soberbo Colosso representa:
 Os gâzeos olhos para Van velvendo,
 Com voz, que imita a horrisona tormenta,
 Vem comigo, (lhe diz) o Averno! Dize,
 Que entres no Reino seu, sei que permite.

XXVII.

Era o lugubre Espectro o Horror disforme,
 Que na porta do Inferno está de guarda;
 Tinha do rosto carrancudo, e enorme
 As faces macilentas, a côr parda:
 Este Aborto Averno em tudo informe,
 Do Deus Caprino pondo-se á vanguarda,
 Rompendo as sombras co' os nervosos braços,
 Para o Bárato então apressa os passos.

XXVIII.

Já se avistão as torres abrazadas
 Do Plutonjo Palacio aidente, e feio,
 E as muralhas cruéis incendiadas,
 Que o cercão, e que o prendem no seu seio:
 Sobem aos ares nuvens carregadas
 De sulfureo vapor, e em quanto cheio
 Caminha Pan de assombro, os olhos lança
 Aos Campos Internaes, que a vista alcança.

XXIX.

Se te assombras (lhe diz o Horror) de veres
 O tenebroso Tártaro infinito,
 Que as ombro sentirás, quando souberes
 Tormentos, que ha por todo este Cocyto!
 He tempo agora pois de conheceres
 A punição, que tem qualquer delito;
 Aqui pagão os miseros Mundanos
 Os seus Crimes fataes, Crimes insanos.

XXX.

Aquelle, que tu vês, já macilento,
 A cujas plantas corre o rio astuto,
 He Tântalo Infeliz Sanguinolento,
 A quem da mão mirrada fuge o fruto:
 De sede, e fome em hórrido tormento
 Punido assim se vê do crime bruto
 De haver com despiçada tyrannia
 Feito do Filho barbara iguaria.

XXXI.

Aquellas, que tu vês, em vão roubando
 Ao triste rio as verdenegias agoas,
 São as Filhas de Dânao miserando,
 Que assim apagão do seu crime as fragoas:
 Seus peitos homicidas retalhando
 Bruidos gumes de aguçadas Magoas,
 Expião as traidoras impias moites
 Dos malfadados miseros Consortes.

XXXII.

Aquelle , cujo fígado devora
 Negro Abutre carnívoro faminto ,
 É que aos mórsoz da Féra tragadora
 Vêr não consegue o seu martyrio extinto ;
 He Ticio , que a Lascivia seductora
 Lançou da Eterna Dôr no Labyrintho ;
 Por pertender violar Latona Bella
 Entre as garras da Dôr de dôr anheia.

XXXIII.

Vês aquelle Infeliz , que em vão procura
 Subir do Monte á elevação sublime ,
 E que pretende pôr na môr altura
 O penedo falaz , que o dorso opprime ;
 He Sísypho Cruel , que em pena dura
 Paga de roubador o torpe crime ;
 Lá lhe tomba o penedo ! . . . eis vem buscallo ! . . .
 Lá torna o desgraçado a carregallo !

XXXIV.

Outros muitos , que vês em seus supplicios
 Por eternos tormentos lacerados ,
 São os que em lodo de execrandos vicios
 Vivêrão noutros tempos atolados :
 Agora nos seus hórridos exicios
 Expião os delictos seus malvados :
 Tristes aquelles , que se atolão inda
 Em vicios , sem temer a penna infinda !

XXXV.

Se aos antros fores do Sulfureo Inferno ;
 Tambem encontrarás Chéfes Insanos ,
 Cada qual em seu vil tormento eterno ,
 Tormentos infernaes , ímpios , tyrannos :
 Aquelles , que fizeráo do Governo
 Longa Serie de males , crimes , danos ,
 Alli verás , e com rigor punidos ,
 Soltando tristes lúgubres gemidos.

XXXVI.

Encontrarás Ministros differentes
 Em martyrios cruéis , perdida a Esp'rança
 De haver limite ás penas inclementes ,
 A cuja sanha o Soffrimento cança :
 Alli soffrem castigos vehementes
 Os que não nivelarão a balança
 Da Sagrada Justiça , que deixara
 No Mundo Astrea , quando aos Ceos voára.

XXXVII.

Alli verás os ímpios Parricidas ,
 Os protervos , nefarios roubadores ,
 Os barbaros insanos fraticidas ,
 Os perversos iniquos malfeitores :
 Alli verás tambem os homicidas ,
 E da Sá Castidade os violadores ,
 Todos soffrendo aspérrimos tormentos ,
 Aluindo os Infernos com lamentos.

XXXVIII.

XXXVIII.

Sempre em teimoso gyro arrebatado
 D'huma roda cruel, que nunca para,
 Ixióon veris tyrannamente arado,
 Pagando da Lascivia a audacia rara:
 Vive a tormento eterno condenado
 Porque Lascivo a nuvem abraçára,
 Julgando, que abraçava Juno Bella,
 Sentindo-se abraçar de Amor por ella.

XXXIX.

Alli verás Hypócritas malinos,
 Vorazes Corvos, Cisnes na apparencia;
 Verás torpes Fanáticos mofinos,
 Pagando todos sua vil demencia:
 Verás também Sacrilegos ferinos,
 Flagellos da Suprema Omnipotencia,
 Expiando seus pífidos delitos
 Por meio de supplicios inauditos.

XL.

Acharás os belligeros Gigantes,
 Que contra os Sacros Deoses se juntarão,
 E a que os raios de Jupiter pujantes
 Em punição da audacia fulminarão:
 Assim punidos são os Arrogantes
 Sacrilegos, que contra os Ceos se atmarão,
 E eternamente assim serão punidos
 Os Sacrilegos Crimes atrevidos.

XLI.

Assim dizia, quando em fim chegarão
 A' entrada escura dos Plutônios Paços;
 Alli de Pan os crinos se erriçarão
 D' mproviso pavor entre embarços:
 Por entre hórridas sombras penetrarão
 Com dubias luzes de clarões escassos;
 Mas eis que entrarão nas ardentes Casas,
 Rompêrão chammas, e pizarão brazas.

XLII.

Mil vastissimas Salas discorrendo,
 Chegarão de Plutão á Regia Sala,
 Em que está deste Rei o Throno horrendo,
 O Throno, que huma viva braza iguala:
 Apparece do inferno o Rei tremendo,
 Chega-se Pan, e desprendendo a falla,
 Com voz, que troa pelo Inferno dentro,
 Tacs palavias toubou do peito ao centro:

XLIII.

Eu sou, Tartareo Dite, o Deos Sylvano;
 Sou do Mênalo a Sacra Divindade;
 Pertendo guerra pôr ao Lusitano,
 E á Lenêa Thyrsigera Deidade:
 Tu, que és do Averno o Numen Soberano,
 Tu, que és Segundo Jove em Magestade,
 Attende ao Deos das Brenhas, que animoso
 Implora o teu Auxilio Poderoso.

XLIV.

XLIV.

Depois que Thioneo me lançou fóta
 Das Memnonias incultas Espessuras,
 Talando os Campos, em que nasce a Aurora,
 De ferro, e fogo em vivas guerras duras:
 D'Ilha aptazível, que inda habito agora,
 Fui demandar as Brenhas mais escuras;
 Nellas tenho vivido socegado
 Dos meus Amantes Satyros cercado.

XLV.

Agora (que eu vivia assás contente)
 Quer o Numen Cruel, meu Inimigo,
 Roubar-me aquella Tetra florecente,
 Para dar nella ao Lusitano abrigo:
 Contrario quero ser á Lusa Gente,
 Contrario quero ser (outra vez digo)
 Ao Nizeo Deos, e áquelles Lusitanos,
 Que pertendem roubar-me a Terra insanos.

XLVI.

Tantos insultos vís, tantos aggravos
 Não póde supportar o Deos Caprino;
 Dos homens nunca devem ser escravos
 Aquelles, que tiverão Ser Divino:
 Ao Nizeo Nume, e aos Lusitanos bravos
 Não valez des Fados o Destino;
 Contra todos armado em guerra viva
 Mostuarei minha cólera excessiva.

XLVII.

Quero pois, ó Plutão, que em fim me ajude
 A punir hum tão barbaro delicto;
 Os monstros mais cruéis do Inferno rudes
 Deixem por ora as margens do Coccyto:
 Convém que em meu favor hoje te mudes;
 Ah! muda-te em favor d'hum Deos afflito,
 Sigão-me Harpias a punir injurias,
 Centauros, Scyllas, Górgones, e Furias.

XLVIII.

Mais diria o Deos Pan, se a cruel Ira
 Lhe não prendesse a voz no ardente peito;
 Vivas chammas frenético respira,
 Mostrando mais que nunca irado aspeito:
 A vista a hum lado, e a outro lado atira,
 Como quem d'impia Dôr sente o effeito;
 E em quanto o Coração rabido freme,
 O informe Corpo seu convulso treme.

XLIX.

Então com rouca voz, que tudo espanta,
 Da Implacavel Prosérpina o Consorte,
 Abrindo a negra sordida garganta,
 Ao Cornigero Deos diz desta sorte:
 Tua súpplica tem justiça tanta,
 He em fim tua súpplica tão forte,
 Que inda que resistir-lhe hoje quize-se,
 Talvez que o mesmo Jove não pode-se.

L.

Vem comigo ás Cavernas soterradas,
 Em que habitão as Fúrias revoltosas,
 Os medonhos Centauros, as malvadas
 Rapinantes Harpias Monstruosas:
 Vem comigo ás Cavernas habitadas
 Por Górgones, e Scyllas horroresas,
 Cruéis Monstros, dos quees posto na frente
 Bem podes guerrear co' a Lusa Gente.

LI.

Dizendo assim, Plutão marcha adiante,
 E o Capripedo Nume o vai seguindo,
 Estrépito confuso, e dissonante,
 De momento em momento hórrido ouvindo:
 A negro Abysmo, sempre fumegante,
 O Esposo de Prosérpina, investindo,
 Por escadas de ferro abrazeado
 Desceo, e desceo Pan do Horror ao lado.

LII.

Chegarão pois do Tártaro ao Recinto,
 Onde do Averno os Monstros habitavão,
 E onde n'hum tenebroso Labyrintho
 Todos insanamente vozeavão:
 As cores de expressão com que aqui pinto
 Este Lugar, que os Monstros afeiavão,
 Inda que vivas são, são mortas cores
 Para ao vivo pintar tantos horrores.

LIII.

Tudo era feio alli, tudo tristonho,
 Tudo horrendo, cruel, tudo disforme;
 O Inferno nada tem de mais medonho,
 Que aquella Habitação em tudo eno:me:
 Hum hálito pestifero, e enfadonho
 Exhala a boca d'huma gruta informe;
 Ella está sempre monstros mil tragando,
 Está sempre mil monstros vomitando.

LIV.

Semelhante ao Trovão, que hórrido trôa,
 Dobrando os ecos, abalando o mundo,
 A voz Plutonia d'improviso sôa
 Nas entranhas do Tártaro profundo:
 Subito em torno de Plutão revôa
 De famintas Harpias bando immundo;
 Juntão-se Scyllas, Górgones iradas,
 Cruéis Centauros, Fúrias assanhadas.

LV..

Ide (lhes diz Plutão) na inculta Tetra,
 A que Pan vos guiar, com ira insana
 Prestar-lhe auxilio na terrivel Guerra,
 Que alli quer pôr á gente Lusitana:
 Todos os Monstros, que o Averno encerra,
 Marchem apôs de Pan em tropa ufana,
 E desde agora ás suas Leis sujeitos
 Executem sómente os seus preceitos.

LVI.

Mais não disse; e então Pan agradecido
 A negra dextra de Plutão beijando,
 Mostrava no semblante denegrido
 O prazer, que o estava dominando:
 Depois, do Averno Dire despedido,
 A Monstruosa Tropa commandando,
 Por soterrânea fenda, que apparece,
 Guiado pelo Horror afoito desce.

LVII.

Apenas Pan dalli se desenreda,
 Despede-se do Horror com meigo afago,
 Que lhe aponta huma insólita vereda,
 Que vai direita dar no Estygio Lago:
 Charonte, que d'alli se não arreda,
 Inda que não espera vêr-se pago,
 Tendo encalhada ainda a Barca fea,
 Dormia a somno sulto sobre a arêa.

LVIII.

A' margem chega Pan da Estyge impura,
 Onde Charonte téttrico dormia,
 Cuja arêa se torna mais escura
 Com a sombra da tropa, que a cobria:
 Hum monstro grita alli, outro murmura;
 E aos ecos da confusa vozetia
 Despertando, o Barqueiro desencalha
 A longa Quilha, em quanto a Tropa ralha.

LIX.

Embarca Pan co' as Górgones Infames,
 Co' as Scyllas, e Centauros monstruosos,
 E das Fúrias, e Harpias os Enximes
 Manda fender os ares tenebrosos:
 Seguem de Pan os péssimos dictames
 Todos estes vis monstros horrorosos,
 Já dispondo seus animos ferozes
 Para combates miseros atrozes.

LX.

Já sobre a praia lúgubre cinzenta,
 Que lambe o triste túrbido Acheronte,
 Salta a Tropa dos Monstros truculenta,
 E sóbe ao cimo do Cimmério Monte:
 A' espera estava a Noite somnolenta
 Do informe Numen de bicórnea fronte,
 E apenas foi chegado, o carro apronta,
 E sobre elle com Pan, e os Monstros monta.

LXI.

Ladeado de Fúrias, e de Harpias
 Voa o Carro veloz, cruzando os ares;
 E semeando Nuvens, que sombrias
 Abafão terras, e suffocão mares:
 Eis se avistão as duras serranias,
 Onde tem Pan do seu Imperio os Lares,
 E apenas sobre a Terra o Carro topa,
 Espalha-se por ella a Infernal Tropa.

LXII.

Acodem logo os Sáryros biformes
 A festejar de Pan a grata vinda ;
 Admirão-se de vêr Monstros informes
 Por elles tão Cruéis não vistos inda :
 Junta a Turba dos Sá yros deformes
 Dos Monstros infernaes á Turba infinda ,
 Parecem não poderem as Monmanhas
 Co' o pezo destas Máquinas tamanhas.

LXIII.

Eis aqui (disse Pan) a Terra inculta ,
 Em que tenho vivido , he longos annos .
 E onde inda o Deos Thyrsigero me insulta ,
 Mostrando-se a favor dos Lusitanos :
 Punir devemos esta audacia estulta ;
 Eia Monstros do Averno , eia Sylvanos ,
 Contra os Lusos , e Baccho estai á leria ,
 Tráve-se a Guerra , que a Victoria he certa.

LXIV.

Pertence a Alecio o pesquisar sómente
 Quando as ondas do salso mar rompendo
 Se avizinha de nós a Lusa Ciente ,
 Com que inda féro guerrear pertendo :
 A Tisiphone cumpre , certamente ,
 Reger das Furias o Esquadrão tremendo ,
 Em quanto anda Megéria pesquisando
 Se Baccho aporta aqui , o como , e quando.

LXV.

E vós, ó Cruéis Monstros, que assanhados
 Podeis por certo demolir mil mundos,
 Andai por estes montes espalhados
 Defendendo esta Terra vagabundos:
 De fortes pinhos hórridos armados,
 E de ingentes penedos, furibundos
 Accommettei aquelles, que tyrannos
 Tentarem nesta Terra entrar insanos.

LXVI.

Vós, Filhas de Typhêo, immundas Aves
 Sempre torpes, famintas, e avarentas,
 Que ás mezas de' Phinêo, mezas suaves,
 Os Manjares roubastes famulentas;
 Medonhos guinchos entre agudos graves
 Soltai de quando em quando turbulentas,
 Para que a Gente Lusa, amedrentada
 De ouvir-vos, deixe a Terra inhabitada.

LXVII.

Em fim, Sylvanos meus, de vós espero
 Memorandas façanhas singulares;
 Quando não saberei punir severo
 O que não defender os Nossos Lares:
 Contra os Lusos Magnanimos vêr quero
 Cahirem estes Montes sobre os mares;
 E contra o Deos de Niza vêr quizerá
 Voarem montes á Celeste Esfera.

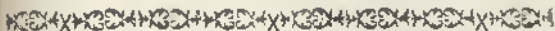
LXVIII.

Assim tudo dispunha o Deos hirsuto
 Contra o Sacro Lico, e a Gente Lusa;
 Assim risca na mente estulta o Bruto
 O plano informe, de que Baccho abusa;
 Tendo isto estava ouvindo o Nune astuto
 Filho de Jove n'humas parte escusa,
 Em que as Cêpas frondíferas plantára,
 Que ao Jardim das Hespérides roubára.

LXIX.

Então a Noite, rápida voando
 No seu Carro veloz, a Terra deixa,
 E taciturna os ares recortando,
 Sobre os seus montes sombras mil desfeicha:
 Em zurea Nuvem Thyoneo montando
 No seu seio de súbito se feicha,
 E retalhando o límpido Elemento
 Piza dos Astros o Sidéreo Assento.

Fim do Canto Gitayo.



CANTO NONO.

ARGUMENTO.

INveste Zargo Impávido o Negrume
 Na fluctivaga Quilha Aventureira,
 Descobre a Terra, d'arvores Tapume,
 A que deo logo o Nome de Madzira:
 De aurea Nuvem lhe falla o Nizeo Nume,
 Com doce voz Celeste, e Lisonjeira;
 Manda-o surgir; e Alecto, que isto escuta,
 Voa de Pan á Cavernosa Gruta.

I.

DEspedir-se de Cancer pertendia
 Dos Astros o flammifero Gigante,
 Já projectando no seguinte dia
 Visitar o Leão chammigerante,
 Quando Zargo (inda não amanhecia)
 Levanta o ferro sobre a prôa undante,
 Que abrindo as azas, qual volátil Ave,
 Toda se entrega á viração suave.

II.

Mostrando ao Mundo a face luminosa
 Vinha a purpúrea Aurora desgrenhada
 Por entre nuvens quasi cõr de roza
 Sacodindo a Madeixa aljofarada;
 Era o tempo, em que a cutva Quilha undosa
 Já pelas salsas ondas alongada
 Veloz buscava a Escuridão sombria,
 Que ao perto mais horrenda parecia.

III.

A' medida que o Lenho hia chegando
 A' negra Cerração, de susto, e medo,
 Os marinheiros todos, descórando,
 Se ouvião murmurar quasi em segredo:
 Zargo Animoso, a todos reanimando
 Com vivas expressões, aspecto ledo,
 A' viração, que hum pouco se acalmava,
 Com insigne valor mais panno dava.

IV.

O Pinho mareando, os Marinheiros
 Quasi todos de susto amarellados
 Se escutavão dizer: Aventureiros
 Onde vamos, ó Ceos, ser abysmados?
 O' Caminhos da Gloria Lisonjeiros,
 Quanto sois perigosos, e arriscados!
 Oh! mal haja, mal haja a Gloria Insana,
 Apõs quem corre cega a Gente humana.

V.

A estas expressões mal proferidas
 D'improviso mudou Zargo de aspecto,
 E as vistas espalhando enfurecidas,
 Taes palavras tirou do Heroico Peito:
 Vós, que tanto prezais as vossas vidas,
 Animai-vos, faltando-me ao respeito,
 A proferir blasfemias, sem receio
 De achar prompto castigo ao crime feio?

VI.

Rebeldes, não sabeis, que sois vassallos
 D'Hum Rei, que vezes mil por vossa gloria
 Em a vida arriscar fez seus regalos,
 E alcançou para vós sempre a victoria?
 Lembrai-vos de seus Feitos; imitallos
 Devemos, pois são Dignos de Memoria;
 Quem se deixa gelar do frio susto,
 Não he Vassallo do meu Rei Augusto.

VII.

He a Vida d'hum Rei Aureo Thesouro,
 Que devemos prezar com avareza;
 E quantas vezes com infausto agouro
 Ella se arrisca em perigosa empreza?
 Quantas contra o Hespano, e contra o Mourto:
 Sempre Armado de Heroica Fortaleza
 O Nosso Rei por nós tem arriscado
 O Thesouro do Mundo mais prezado?

VIII:

VIII.

E sois Vassallos vós d'hum Rei, Que Invicto
 Vos dá em cada Acção sublime Exemplo?...
 Por certo que o não sois: Vosso delicto
 Dos do mundo o mais pérfido contemplo:
 Expjai vós hum crime tão maldito,
 Em vosso coração erguendo hum Templo,
 Em que deis puro culto mais que humano
 Ao Patrio Amor, e ao Vosso Soberano.

IX.

De que serve huma vida, se he mesquinha
 Para a Patria, e seu Rei? Sim, de que serve?
 Não vedes, que tambem arrisco a minha,
 Só porque Régias Leis humilde observe?
 Se acompanhar-me aqui vos não convinha
 Com outro igual valor ao que em mim ferve,
 Ficasseis entre os braços da Molleza,
 Não mostrariéis, não, tanta fraqueza.

X.

Eis pois não temais os ímpios danos,
 Que o Negrumme Averno vos representa;
 Nunca a Fiéis Vassallos Lusitanos
 A Apparencia dos P'rigos amedrenta:
 E se acaso insistis no medo insanos,
 Mostrando-me huma face amarellenta,
 Brevemente vereis quanto ao Perigo
 Excede desses crimes o Castigo.

XI.

Voltando-se depois para Morales,
 Continúa, dizendo desta sorte:
 Agora cumpre, que em valor me iguaes;
 Hum Grande Coração não teme a Morte;
 Cumpre a Deos evitar os nossos males,
 Porém huma Alma Grande, hum Peito forte
 Não podem n'huma Empreza tão sublime
 Succumbir ao Pavor, sem torpe crime.

XII.

E vós, Varões Illustres, que Animosos
 Não tendes atégora descórado,
 Descei aos Escaléres pressurosos,
 Para que seja o Lenho rehocado:
 Aires, e Gago, Lusos valorosos,
 Isto a vós he sómente encarregado,
 Ide pois co' os mais fortes marinheiros
 Sirgando o Lenho áquelles nevoeiros.

XIII.

Apenas assim dito, os Heróes descem
 Aos equoreos bateis com gosto ingente;
 Como á porfia os Nautas se offerecem
 Descendo pelos bórdos velozmente:
 Sens animos de todo fortalecem;
 Viva Zargo, (repete toda a Gente)
 E estendidas as sirgas pela prôa,
 Navega o Lenho docemente á tôa.

XIV.

XIV.

Tinha o Monarca Lúcido do Dia
 Vingado já do Olympo o Excelso Cume,
 Quando o Valente Zargo dividia
 As negras sombras do Infernal Negrume:
 D'hum lado, e doutro horrisono se ouvia
 Bramir o Mar tão fóra do costume,
 Que a não ter Zargo hum animo constante;
 Não passaria a curva Quilha ávante.

XV.

Manda Zargo emproar a Quilha dura
 Para a parte, em que o mar mais bravo berra,
 Porque enxérga por entre a névoa escura
 Huns altos setros, que figurão terra:
 Dos Nautas cada qual a vista apura,
 Em quanto ao Susto a Intrepidez faz guerra,
 E a poucos sulcos (oh! Portento raro!)
 Descobrem terra, vendo o mar mais claro.

XVI.

Que transportes de gosto! que altos vivas
 Se escutão retinir enráo nos ares!
 Que transportes de gosto! que expressivas
 Graças se dão a Zargo singulares!
 Com mais vivo valor, forças mais vivas
 Os Nautas em maritimos Cantares,
 Viva Zargo, mil vezes repetindo,
 As ondas vão c'os remos dividindo.

XVII.

Graças ao Grande Deos Omnipotente
 (Começa Zargo então desta maneira)
 Que me deixou topar co' a Terra ingente,
 Que eu buscava na quilha aventureira!
 A' Grande Ilha, que vemos florecente,
 Desde já fique o Nome de Madeira,
 Porque Terra, que entre Arvores se some,
 Madeira deve em fim só ter por Nome.

XVIII.

Tinha acabado, quando o Deos Thebano,
 Que a Portuguesa Gente protegia,
 D'Aurea Nuvem n'hum Carro Soberano
 Sobre o Madeiro undivago descia:
 Insigne Zargo, Illustre Lusitano,
 (Sobre a Nuvem baixando, assim dizia)
 Se evitar queres Averno perigo,
 Ouve as vozes de hum Numen teu Amigo.

XIX.

Apenas isto ouvio, o Varão Luso
 Fixa os olhos na Nuvem aurea, e bella,
 E contemp'ando-a hum pouco assás confuso,
 Remos manda amainar, e a grande véla:
 Longe de nós da Divindade o abuso;
 Devemos respeitalla, em fim remella:
 Dizendo assim, sobre o convéz prostrado
 Ouve o Deos, que assim falla em alto brado:

XX.

Eu sou, ó Zargo, a Tutelar Deidade
 Da fértil Ilha, que aportar procuras;
 Desejo-te a maior prosperidade,
 Que podem ter humanas Criaturas:
 He por Lei da Suprema Divindade
 Que alli te hão de hospedar meigas Venturas,
 Mas cumpre-te evitar primeiramente
 O dano, que te está quasi eminente.

XXI.

Sabe pois que o Deos Pan, o Deos Agreste,
 Que habita os bosques desta Nova Terra,
 Com Monstros infernaes, Tartarea Peste,
 Alli te espera por fazer-te guerra:
 Arma-te, ó Zargo, d'hum Poder Celeste,
 Dos Nobres Lusos o pavor desterra;
 E huma vez que alli fores assaltado,
 Incendêa-lhe os bosques denodado.

XXII.

Assim farás os monstros vís do Averno
 Fugitem para o Báratro profundo,
 Estancia triste do Tormento eterno,
 Do pavoroso Horror, do Pranto immundo:
 Assim o manda o Deos Mais que Superno,
 Para punir o Numen iracundo,
 O Cornigero Numen, que Inimigo
 Te pretende negar na Terra abrigo.

XXIII.

Has de nella encontrar cêpas viçosas
 Em partes do Terreno transplanradas,
 Já mostrando seus frutos pampinosas
 Por mãos da Natureza agricultadas:
 Parás, que destas parras preciosas
 Fiquem as terras brevemente inçadas,
 Porque fação nos seculos vindouros
 O Prazer das Nações, os seus Theouros.

XXIV.

Seja pois esta a planta mais querida,
 De que tratem os Incolas primeiros;
 Seja a Terra de cêpas revestida
 Em vez de Louros, Cedros, e Pinheiros:
 A cultura das parras seja a lida
 Dos que forem alli reus Companheiros;
 Dizer-te nada mais me cumpre agora,
 Na enxada, que vês, ó Zargo, ancora.

XXV.

Calou-se Thyoneo, só porque víra
 Cruzando os ares velozmente Alecto,
 Tremendo Aborto, que terror inspira,
 De enormidades mil nefando Objecto:
 Porque as palavras ultimas ouvira,
 Aproximou-se ao Lenho o Monstro Infecto,
 E em torno d'elle só tres gyros dando,
 Para traz volta, os ares recortando.

XXVI.

Em quanto bate as plumas esta hirsuta
 Negra Furia Avernã, Monstro sanhudo,
 Buscando a opaca formidavel gruta
 Do semicapto Numen gadelhudo;
 De Zargo a Mente singular perscruta
 O, quanto ouvita, placido, e sizudo;
 E adorando em silencio a Divindade,
 De tudo, quanto ouvio, se persuade.

XXVII.

Então sacando a voz do Peito ao seio,
 Religiosamente assim se expressa:
 O' Numen Bemfeitor, eu me glorio
 De vêr, que a minha Gloria te interessa:
 Eu vou já de prazer, e valor cheio
 Teus preceitos cumprir a toda a pressa,
 Auxilia-me, ó Numen Bemfazejo,
 Nos graves perigos, que vencer desejo.

XXVIII.

Sem Auxilio Supremo ninguem pôde.
 Glorioso sahir d'arduas empresas;
 Se a Divindade aos homens não acode,
 São sempre os homens da Desgraça Prêzas:
 Inda que audaz humano o mundo rode,
 Para Gloria alcançar pelas proezas,
 Sem Auxilio do Ceo Piedoso, e Justo
 Nunca verá da Gloria o rosto Augusto.

XXIX.

Embora estultamente alguns humanos
 Projectem, sem favor da Divindade,
 Perigos arrostar, sem temer danos
 Confiados na vã Felicidade:
 Inda que tarde, os miseros insanos
 Conhecerão, que a sã Prosperidade
 He dádiva do Ceo, que só se alcança
 Por auxilio do Ceo, não por pujança.

XXX.

Suspende a clara voz, ergue-se, e manda
 O panno marear por ir ávante;
 Ao brando sôpro d'huma aragem branda
 Solta as azas o Passaro nadante:
 Guiado pelas sirgas já demanda
 A Terra, que apparece inda distante,
 Da qual se vai de novo descobrindo
 Novos Montes, que vão aos Ceos subindo.

XXXI.

Vendo Zargo já perto amena Praia,
 Que formava huma placida Enseada,
 Onde apenas o mar, quando se espraia,
 A vaga mostra hum pouco encapellada;
 Para alli lançar ferro então se ensaia;
 E a Nautica Celeuma começada,
 Colhe-se o panno, e a ancora bidente
 Cahir da prôa sobre o mar se sente.

XXXII.

XXXII.

Perém já se mostrava duvidosa
 A luz, que acompanhar costuma o Dia;
 Parda Sombra vagava pressurosa,
 „ Porque a Lampada Grande se escondia; „
 Quando de todo surta a Quilha undosa
 N'hum mar, que então apenas se movia,
 Hospedada da plácida Bonança
 Nos braços della plácida descança.

XXXIII.

Vendo Zargo, que tinha felizmente
 Posto em parte limite a seus intentos,
 Pertendeo entreter a Sua Gente
 Aquella noite em mil Divertimentos
 Veio o rubro Licor, puro, e Excellente
 Inspirador de alegres pensamentos,
 E apenas vitreas taças estão cheas,
 Fervem os brindes, fervem as Coreas.

XXXIV.

Entretanto que tudo isto acontece,
 A Nuvem, que escondia, aurirozada,
 No seio a Thyoneo, desapparece
 Velozmente cruzando a lactea estrada:
 Nisto a Furia Avernoal insana desce
 De Pan á funda Gruta descarnada,
 E com medonha voz, que a Gruta abala
 Ao Semicapio Deos, desta arte falla:

XXXV.

Cornigera Deidade, Hirsuto Nume,
 Que impéras nestes bosques, e montanhas,
 Sanhuda Raiva com buído gume
 Me retalha frenetica as entranhas:
 Atêa desde já da Guerra o lume,
 Largue-se o freio ás indomaveis Sanhas,
 A's indomaveis Sanhas, que ferinas
 Hão de fazer dos Lusos as ruinas.

XXXVI.

Da Grande Ilha bem peito já navega
 O Lusitano Lenho aventureiro,
 O Thyrsigero Deos he quem se emprega
 Em conduzir o concavo Madeiro:
 Como quem de amparallo se encarrega
 Manda-o surgir no Porto lisonjeiro;
 Mas não temas, ó Pan; quando se agastão,
 Para tudo vencer as Furias bastão.

XXXVII.

Em quanto assim fallava a infernal Fera,
 Estava o Deos Caprino pensativo;
 Eis apparece a bárbara Megera,
 Dos olhos chammejando hum fogo vivo:
 Grande Pan, (diz a Furia) que se espera?
 Ah! não percas o tempo fugitivo,
 Para da Guerra manejar-se o açoitê,
 Aproveitemos a propicia Noite.

XXXVIII.

XXXVIII.

Já lá vão aos Antipodas levando
 Do Sol o Carro os fêrvidos Ethontes:
 Já semi-negras sombras vem toldando
 Os altos cimos dos erguidos montes:
 Já vão opâcas sombras abafando
 D'hum lado, e dourro os tristes horizontes;
 E antes que sobre nós a Noite desça,
 Disponha-se o Combate a toda a pressa.

XXXIX.

Eia (disse Tisiphone tremenda)
 Disponha-se o terrifico Cesiame;
 Para ordenar a rãbida Contenda
 Quero ir na testa do Cocytio Enxame:
 Desta Furia Cruel á vez horrenda
 Dos Monstros Avernaes a Tropã infame
 Acode velozmente á Gruta fea,
 Onde estulta, e frenetica vozea.

XL.

Tudo isto ouvindo triste, mudo, e quedo,
 Por longo tempo estive o Deos hirsuto,
 Até que em fim, roubando-se ao segredo,
 Desta sorte fallou o Informe Bruto:
 Ah! não penseis, Eumenides, que ao medo
 Succumbe o meu valor; se quedo escuto
 Tudo, quanto dizeis, he porque penso
 Do Nizeo Numen no Poder immenso.

XLI.

He Numen Filho do Supremo Jove
 O Numen, que me tece ímpios enganos:
 Talvez em fim que Jupiter approve
 O favor, que elle presta aos Lusitanos:
 Quem se intenta vingar, quem guerras move,
 Prever deve primeiro infaustos danos;
 O combater ás cegas he demencia,
 O prever os futuros he prudencia.

XLII.

Deixemos pois, que os Lusos, sem receio,
 Incautos pizem esta nova Terra,
 Talvez, que do Prazer o doce enleio
 Lhes occulte a traição, que aqui se encerra:
 He n'hum valle de funchos todo cheio,
 Que pertendo convosco amar-lhes guerra;
 He alli que eu pertendo vêr confusa
 A mais que destemida Genre Lusa.

XLIII.

Talvez que os Lusitanos, que desejão
 Esta Terra habitar a todo o custo,
 Acoçados por nós a face veção
 Do formidavel descorado Susto:
 Estultos, não se temem, não se peção
 De frentear com Pan, Numen robusto!
 O' Demencia fatal, tu lhes prepatas
 Tragedias tristes do Furor nas aras.

XLIV.

Talvez que Thioneo valer não possa
 Aos Luitanos seus tanto prezados,
 Huma vez que desabe a Tropa nossa
 Sobre elles os furetes seus malvados:
 Talvez que não se opponha á fúria vossa,
 Vendo tantos mil Monstros assanhados:
 E quando intente oppôr-se, talvez seja
 Victima triste da Cruel Peleja.

XLV.

Emboscados em densos Arvoredos
 Devemos pois (segunda vez vos digo)
 Amados de pinheiros, e rochedos,
 Espreitar cautelosos o Inimigo:
 Quando o vimos nos magicos enredos
 D'hum incauto prazer, prompto castigo
 Devemos então dar-lhe ao crime teio
 De tentar invadir Terreno alheio.

XLVI.

Nada mais disse Pan: e as Fúrias baças
 Em confusos violentos alaridos
 Fazião feras negras ameaças
 Aos Lusos em folias entretidos:
 Destinando-lhes hóridas Desgraças
 Os Monstros Infernaes enfurecidos
 Longo tempo murnurão guinchão, magem,
 Bramão, grasnão, sibilão, fremem, rugem.

XLVII.

Em tanto que de Pan na Gruta Escura
 Se ensaião os vís Monstros sempre insanos,
 Para a chamma accender da Guerra dura
 Contra os fortes Heroicos Lusitanos;
 O Filho de Semele, que procura
 Dos Lusos evitar os ímpios danos,
 No Carro Divinal da Nuvem bella
 Em guarda delles toda a noite vêla.

XLVIII.

Nunca tão estrellada, e tão serena
 Regeo a Noite o taciturno Imperio!
 Nunca mais linda, mas brilhan e scena
 Apareceo no Lúcido Hemisferio!
 Clara se distinguia a Terra amena,
 Figurando-se bem no Espelho etherio,
 E os Lusos em dulcisonos Cantares
 Suspendião os Astros, Ventos, Mares.

XLIX.

Morales, cuja voz branda, e canora
 A' do Thracio Cantor muito imitava,
 Aos sons d'eburnea Cithara Sonora
 Unindo a voz suave, assim cantava:
 O' Gloria, dos Heróes Despertadora,
 Apôs quem Zargo Invicto navegava,
 Nesta Terra Feliz tu lhe preparas
 Solemnes Cultos do Prazer nas aras.

L.

Seu Nobre Esforço , sua Sá Virtude
 Merecem vantajosas recompensas ;
 Mascarada Lisonja não me illude ,
 Nem me entreda a Razão em nevoas densas :
 Se o meu Estudo não fôra hum tanto rude ,
 Suas Régias Acções em tudo immensas
 Ao som da acorde Cithara cantára ,
 E aos Astros o Seu Nome sublimára.

LI.

Mas como póde , ó Ceos , batel pequeno
 Navegar confiado em tenues vélas ,
 (Inda que as sópre Zephyro Seteno)
 „ Hum Portentoso Golfão de Acções Bellas ? „
 Em grosso Lenho Já no Mar Tyrreno
 Soffreo Ulysses rábidas procellas ;
 E não hei de eu soffrer naufragio horrendo ,
 Por este immenso Golfão discortendo ?

LII.

A' minha Lyra pois se colha o panno ,
 Que no mar do Silencio fundeada
 Não temerá por certo o fatal dano ,
 A que ella , navegando , anda atriscada :
 Immortal Zargo , Ilustre Lusitano ,
 Tua Gloria ser deve eternizada ,
 Mas não por mim : hum passarinho implume
 Tomba do ninho , se voar presume.

LIII.

Taes palavras Morales entoava
 Ao som da acorde Cirhara, que pulsa;
 E, porque já cantar não costumava,
 Suspende a voz hum pouco já convulsa:
 Com suave prazer isto escutava
 Pasmada no Convez a Gente avulsa;
 E apenas se suspende a voz cadente,
 Viva Zargo, repete toda a Gente.

LIV.

Toda a noite em harmonicas folias
 A Maritima chustna se entreteve;
 E consumido o tempo entre alegrias
 A noite pareceo espaço breve:
 O' Aurora Gentil, tu, quando abrias
 A Porta Oriental com mãos de neve,
 Que festivos prazeres adejando
 Viste em torno do Pinho em denso bando?

LV.

Não viste em roda ao Lenho alli surgido
 O bello Coro das Nereidas bellas,
 Offerecendo a Zargo Esclarecido
 Mimosas prendas céulas Capellas?
 Não ouviste o Maritimo alarido,
 E o das equoreas magicas Donzellas,
 Que em harmonicos sons o ar fendião,
 E em harmonicos sons aos Ceos subião?

LVI.

LVI.

Não viste em torno ao Lenho fundeado
Undivagos Delfins andar saltando ,
Luzindo-lhes o dorso prateado
A' luz clara , que vinhas derramando ?
Não viste em torno d'elle o mar coalhado
De escamosos Tritões barafustando ?
Sim , tu viste , tu viste , Aurora Amena ,
Transportada de gosto a grata Scena.

Fim do Canto Nono.

II.

Com elle muitos Lusos se partirão
 Em demanda da Terra, já sem medo,
 E bem perto da praia descobrirão
 Novos Montes cobertos de arvoredo:
 Para huns grossos calhãos, q' a hum lado virão,
 Conduzindo o batel, sobre hum penedo,
 Onde quebrava o mar menos violento
 Desembarca Rui Paes a salvamento.

III.

Atrás d'elle tambem desembarcárão
 Alguns dos Lusos, que levou comsigo,
 E todos animosos se embrenhárão
 Por entre arvores mil, sem medo ao p'riço;
 Dentro em poucos instantes encontrárão
 O fatal melancólico Jazigo
 De Harfet, e de Machim, a cuja vista
 De todos hum não ha, que á Dôr resista.

IV.

Eis, lendo as inscripções alli gravadas,
 A's duas Almas té na morte unidas
 Sobre as cinzas no Tumulo encerradas
 Tristes triburão lagrimas sentidas:
 Com as faces em pranto inda banhadas,
 E vivas expressões de Dôr nascidas
 Vão logo recontar o Caso amargo
 Ao Grande, ao Forte, mas Piedoso Zarco.

V.

Vendo este Capitão , que o seu Desejo
 Tinha chegado á méta , a que aspirava ,
 Quiz o Dia passar todo em Festejo ,
 E prompto , para tudo , as ordens dava :
 Lanto Banquete de valor subejo
 Por mezas differentes se espalhava ;
 Em Urnas de crystal brilha o rozado
 Licor ao Deos de Niza Consagrado.

VI.

Aquellas ricas Mezas singulares ,
 Que depois (na Grande Insula Divina)
 Cobertos de vivificos manjares ,
 Ao Gama preparou meiga Erycina ;
 Aquellas , em que Amor ergueo altares
 A Ephyre na belleza peregrina ,
 „ Quando as formosas Ninfas co' os Amantes „
 Se engolfavão em práticas tocantes ;

VII.

Se forão (como dizem) excellentes ,
 Se forão (como dizem) preciosas ,
 Mais do que estas não forão innocentes ,
 Mais do que estas não forão sumptuosas :
 Que infinitos manjares differentes !
 Que finas iguarias saborosas !
 Com que doce prazer , com que alegria ,
 Se entomava nos vasos a Ambrosia !

VIII.

VIII.

Assim se forão consumindo as horas
 Do dia, que entrão rapidas voando,
 Sobre as azas do Tempo dissonoras,
 Se vão do Nada ao Cahos abysmando:
 Succedem as da Noite, Preeursoras
 D'hum Dia sempre Grande, e Memorando,
 Clato Dia, em que Zargo Ebrio de Gloria
 Seu Nome recommenda á Lusa Historia.

IX.

Já de Tirán os raios auri-finos,
 Penetrando das Nuvens os enredos,
 Doutavão com Luzeiros crystallinos
 A Coma dos frondosos Arvoredos;
 Quando Zargo, prevendo dos Destinos
 Os sagrados recónditos segredos,
 Com muitos Lusos mais desembarcava,
 E por entre balseiros se embrenhava.

X.

Antes (dizia o Capitão Piedoso)
 Que mais se observe do Terreno inculto,
 Mostrai-me o Monumento Lucuoso,
 Em que jaz com Harfet Machim sepulto:
 Quero alli sacrificio respeitoso
 Render aos Ceos com reverente culto,
 Sobre as cinzas de Amantes, que contemplo
 Ser cada qual de Amor hum raro Exemplo.

XI.

Mas Rui Paes, que sabia da vereda,
 Que hia dar de Machim na sepultura,
 Na frente por mil arvores se enteda,
 E o Monumento Lígubre procura:
 Deste triste Lugar á entrada veda
 Huma Sombra de côr morena escura,
 Que prohibe o chegar á Campa fria,
 Sem que se entte do Susto em Companhia.

XII.

Apenas chegou Zargo ao Monumento,
 Que os Amantes encerra no seu seio,
 Mil ais roubando ao peito a cento, e cento,
 Desfalece de susto, e migoa cheio:
 Longo espaço depois cobrando alento,
 E á mortifera Dôr tomando o freio,
 Pondo os olhos nos Ceos, geme, suspira,
 E estas vozes fataes do peito tira:

XIII.

Benignos Ceos, que humano despiedado
 Póde sem mágoa vêr indifferente
 O Trágico Theatro desgraçado,
 Patibulo do Amor mais innocente?
 He preciso, que fosse homem gerado
 Entre os Monstros Cruéis da Libya ardente,
 E que do leite seu fosse nutrido
 Aquelle, que isto visse empedernido.

XIV.

XIV.

Faminta Morte, a Dôr, que me consome,
 Me obriga a não temer p'rigos, e danos;
 Não bastão a fartar-te a voraz fome
 Aquelles, que são victimas dos annos?
 Sem respeitar Virtude, idade, ou nome,
 Assim muitas misérrimos humanos?
 Inda tens, para encher, mais sepulturas,
 De innocentes humanas Creaturas?

XV.

Quando de Harfet a vida preciosa
 Interessava mais a Machim triste,
 Tu, ó Morte cruel, sediciosa
 Sobre ella mortal Golpe despediste:
 Como a bonina candida mimosa
 Em flor cortada sobre a terra a viste,
 Desgraçado Machim; e em tempo breve
 O mesmo fim tiveste, que ella teve.

XVI.

Qual Caçador de alados passarinhos,
 Que, encontrando a Avezinha descuidada,
 A faz cahir dos tremulos raminhos
 Do veloz chumbo matador cortada;
 Tal tu, ó Morre, á sombra destes pinhos,
 E cédros, de que a Campa está cercada,
 Cahir fizeste Harfet, sem mais respeito,
 Da sepultura no funéreo Leito.

XVII.

Não lhe valêrão votos innocentes
 Feitos aos Ceos por seu Amante afflito ;
 Não lhe valêrão súplicas frequentes
 Da mortal Dôr no misero conflito :
 Não lhe valêrão lagrimas ardentes
 Desprendidas em número infinito ;
 Tudo baldado foi , pois , sem piedade ,
 Te ensurdeceste á voz da Humanidade.

XVIII.

Sobre hum golpe outro golpe desfechaste ,
 Sem que eu possa dizer qual foi mais triste ,
 Se aquelle , em que a Machim Harfet reubaste ,
 Se aquelle , em que a Harfet Machim uniste :
 Ao centro deste Tumulo arrojaste
 Corpos , que Amor ferio , e tu feriste ;
 Mas (que diff'rença !) Amor lhes dava vida ,
 E tu lhes deste a morte na ferida.

XIX.

Porém que scena horrivel se apresenta
 Aos tristes olhos meus , oh ! Ceos sagrados !
 Eu vejo , eu vejo a Morte macilenta
 Sobre o seu Throno d'ossos esburgados !
 Tendo na dextira a fouce truculenta ,
 Tinta em sangue d'humanos lacerados ,
 Parece , que preside á sepultura ,
 Em que os Symbolos jazem da Ternura !

XX.

Parece-me estar vendo em torno delia
 Vaguearem Fantasmas Pavorosos,
 Em quanto triste Amor a hum lado anheia,
 Soltando a furto roucos ais szudosos!
 Amor as aureas tranças arrepeia,
 Affoga em pranto os olhos lacrimosos,
 E nos braços da pállida saudade
 Da vil Morte pragueja a crueldadz.

XXI.

Mas ah! que escuro, ó Ceos, que voz divina
 Me falla ao coração dentro no peito!
 Que voz, que doce voz meiga me ensina
 A suffocar a Dôr, que me ha desfeito!
 Que Luz brilhante a Mente me illumina!
 O' Natureza, a tua voz respeito;
 Razão, a tua Luz pura, e agrada
 Mostra, que a vida do Mortal he nada.

XXII.

Quantas vezes do berço se tem visto
 Descer á sepultura o tenro Infante,
 E quantas o mancebo mais bem quisto
 Imbeibe desce ao Tumulo constante?
 Se verdo estamos tantas vezes isto,
 No Theatlo do Murdo a cada instante,
 Para que he prantear com tanto excesso
 (A pizar de inaudito) este successo?

XXIII.

Amigos meus, ao pé deste Cypreste
 Levante-se hum Altar a DEOS PROPICIO ;
 No escuro seo deste sitio Agreste
 Vamos fazer solemne Sacrificio :
 Rebombem pela Abóbada Celeste
 Ecos, que dem de gratidão indici-,
 E ao mesmo tempo sirvão de suffragios
 Por quem morreo da Dôr entre os naufragios.

XXIV.

Inda não tinha bem Zargo acabado,
 Quando ao pé do Cypreste, que assombrava
 O frio Mausoléo, Altar Sagrado
 Para o Divino Culto se approntava :
 Já Casto Sacerdote Immaculado
 O Puto Sacrificio começava,
 E sobre nuvens candidas de incensos
 Hião subindo ao Ceo votos immensos.

XXV.

Já nos ricos thuribulos ardia
 O Incenso, que o Lugar aromatiza ;
 Ao Culto Divinal Zargo assistia
 Com tal Religião, que o diviniza :
 Os Lusos deste Heróe na companhia,
 Que por suas virtudes se abaliza,
 Ladeando o funéreo Monumento,
 Imitão este Heróe no acatamento.

XXVI.

Sagrados hymnos todos entoarão
 Unidos em louvor do OMNIPOTENTE ;
 As mãos , e os olhos para os Ceos alçarão ,
 Dando graças a DEOS solemnemente :
 Depois saudosos , tristes derramarão
 Sobre o Tumulo frio pranto ardente ,
 Rogando ao Salvador pelas venturas
 Das almas das sepultas creaturas.

XXVII.

Findou-se o culto fervoroso , e puro ;
 E à voz do Grande Zargo os Lusitanos
 O centro deixão deste Bosque escuro ,
 Por vêr montes , e valles Insulanos :
 Pizando parte do Terreno duro ,
 Sem encontrarem Pan , nem seus Sylvanos ,
 Colhêrão frutos , surprenderão Aves ,
 Lindas na fórma , no cantar suaves.

XXVIII.

O dia quasi todo consumirão
 Em fundos valles , em agrestes montes ,
 Por onde a cada passo amenas virão
 Nascer fecundas crystallinas fontes :
 Para o Lenho ancorado se pastirão ,
 Quando já nos distantes horizontes ,
 Por vêr as dubias luzes , que restavão ,
 Da Noite as pardas sombras se assomavão.

XXIX.

Quando inda apenas a manhã rompia,
 Já Zargo, muitos Lusos ajuntando
 Em dois grandes bateis, ondas fendia,
 A verde fértil lha costeando:
 Pontas, praias, rebeiras descobria,
 A que célebres Nomes hia dando;
 Cobra alta ponta, dá n'hum enseada
 Amena, grata, limpa, e socegada.

XXX.

Descobre Zargo hum valle ameno, e fundo;
 Por onde tres ribeiras serpejavão,
 D'arvoredos despido, e só fecundo
 Em funchos, que alli ferteis abundavão:
 Os hálitos fragrantés do jucundo
 Funchoso valle os ares perfumavão;
 Montes em meio circulo frondosos
 Lhe servião de guarda numerosos.

XXXI.

Deo Zargo ao valle do Funchal o Nome,
 E n'hum lado d'aquelle Porto amigo,
 Porque de noite então descaço come,
 De dois grandes Ithéos buscou o abrigo:
 Alli a noite plácido consome,
 Sem desgosto, sem susto, sem perigo,
 E quando apenas vinha amanhecendo,
 Já novos mares Zargo hia fendendo.

XXXII.

Novas pontas, e praias descobrindo
 Cobertas de Arvoredo emmaranhado,
 Que das ondas se vê no espelho lindo,
 Do seu proprio verdor como encantado;
 Depois de discorrer por mar infindo,
 Mar ainda até'lli nunca sulcado,
 Descobrio huma Praia delectosa,
 A que deo logo o Neme de Formosa.

XXXIII.

Depois entrando plácida Bahia,
 Descobre em negro mármore entalhada
 Húmida Lapa cavernosa, e fria,
 Por mil Marinhos Lobos habitada:
 Entretida de alguns na peçcaria
 Muita parte da tarde foi passada;
 E á Lapa, que de Lobos era rica,
 De Camara de Lobos nome fica.

XXXIV.

Volta Zargo aos Ilhéos, onde contente
 Outra vez pernoitar tem pettendido;
 E alli tarde da noite escuta, e sente
 Medonho estrondo horrisono ruido:
 Era o Caprino Deos, que insanamente
 Contra os Lusos armado, e enfurecido
 Posto na frente do Tartareo Enxame
 Dispunha o cego barbaro certame.

XXXV.

Em quanto as negras Fúrias vozeavão,
 As monstruosas Górgonas fremião,
 As Harpias aligeras grasnavão,
 E os Centauros indómitos rugião:
 As Scyllas, quaes Serpentes, sibilavão,
 Quaes Javalís os Sátyros grunhião,
 E era tão dissonante a horrenda grita,
 Quanto a Gloria de Zargo era infinita.

XXXVI.

Lembrando-se então Zargo do que ouvira
 A' da Grande Ilha Sacra Divindade,
 Pondo os olhos na Nuvem, que inda gira
 Na Etherea Região com magestade,
 Taes palavras do centro d'alma tira:
 O' tu, por mim Incognita Deidade,
 Protege os Lusos: ah! não fique inulta
 A forte Gente, que o vil Pan insulta.

XXXVII.

Isto dizendo, espera, que amanheça,
 E junto á praia do Funchal chegando,
 Mais que animoso á Terra se arremessa,
 Com outros Lusos mais desembarcando:
 Do Bosque mais visinho a toda a pressa
 A's matas vivas chammas applicando,
 Começão-se a atear chammas ferinas,
 Talando Montes, Valles, e Campinas.

XXXVIII.

D'improviso ateada a labareda
 Com sanha incrível, com furor insano,
 Do bosque o Luso Heróe se desenreda,
 Temendo o fogo mais que o Deos Sylvano:
 Da praia do Funchal eis que se arreda,
 Rasgando as salsas ondas do Oceano,
 Entre nuvens de fumo vê brilhantes
 Semeadas as chammas estalantes.

XXXIX.

Já se unem os bateis ao Lenho cavo,
 Já salta no convéz a Lusa Gente,
 E o forte Capitão de animo bravo
 Parece mais que nunca estar contente:
 Entretanto o Caprino Deos ignavo,
 Que incendiados os seus bosques sente,
 Estulto de furor, de raiva brame
 Por entre as filas do Cocytio Enxame.

XL.

Bem como quando rábida Tormenta,
 Horrisona troando, abafa os ares,
 Das entranhas de nuvem corpulenta
 Tombando sobre a Terra, e sobre os mares:
 Retrôa a vozeria truculenta
 Dos indómicos Monstros, que a milhares,
 Subindo aos cumes dos agrestes setros,
 Do peito arrancão dissonantes berros.

XLI.

Do Lilybeo o Cyclope sanhudo,
 A quem o Grego Undivago cegara,
 Cravando-lhe na fronte hum pão agudo,
 Que o redondo Luzeiro lhe eclipsara;
 Quando arrancou pinheiros, montes, tudo,
 Com violento furor, com força rara,
 Para cego arrojjar ás Náos de Ulysses,
 Que lhe escapavão pelo mar felices;

XLII.

Tantos troncos, rochedos, e montanhas
 A's ondas não lançou do mar Tyrreno,
 Quantos alli com forças mais que estranhas
 Arroja o Córneo Deos ao Mar sereno:
 Charnmas de raiva sólta das entranhas,
 E, exhalando pestifero veneno,
 Para a parte, em que o fogo se ateava,
 Atrás de montes montes atirava.

XLIII.

Achando mais materia, o fogo activo
 Cada vez mais voraz se ensoberbece;
 Assanha-se tão rápido, tão vivo,
 Que querer abraçar o Ceo parece:
 Por algum tempo então Pan pensativo
 Ser castigo de Jove reconhece,
 E mais tímido alli, que furibundo,
 Falla aos monstros do Bártro profundo.

XLIV.

Claro está (disse Pan) que o Grande Jove
 A Baccho favorece, e aos Lusitanos,
 A Dextra, que fez tudo, e tudo move,
 He que semêa sobre nós os danos:
 Para que em fim mais danos se não prove,
 Ao Tártaro baxai: com meus Sylvanos
 Vou-me encerrar da gruta no recinto,
 Até que o forte incendio seja extinto.

XLV.

Isto dizia, quando a Noite escura
 No seu Carro de sombras carregado
 Tocava da Grande Ilha a terra dura
 Do Thyrsigero Numen por mandado:
 Do negro Tártaro á morada impura
 Desce o Carro veloz, entrão tirado
 Pelas rabidas Furias, conduzindo
 Dos Monstros Avernâes o bando infindo:

XLVI.

Já sem remedio o Bosque todo ardia,
 E a muitos mais as chaminas emprestava,
 Lascada pelo fogo a penedia,
 Saltando pelos ares, estalava:
 Pan, que timido alli tudo isto via,
 Com que cada vez mais se horrorisava,
 A' Gruta corre com seus Faunos destro
 Furioso praguejando o Fado Sestro.

XLVII.

Em quanto isto acontece, o Grande Zargo
 Pretendia ao romper da Madrugada
 O Lenho dar ás ondas do Mar largo
 Demandando Ulyssea Celebrada :
 Já Morales, que então tinha a seu cargo
 Os aprestos da Quilha fundeada,
 Em ordem pondo o Lenho, e pondo tudo;
 Manda levar o ferro dentagudo.

XLVIII.

Vinha de Venus a fulgente Estrella
 Mensageira Gentil da branca Aurora
 Mostrando no Oriente a face bella,
 A face luminosa, e brilhadora :
 Quando Morales, desprendendo a véla
 Aos sôpros d'huma aragem tentadora,
 A' Frondosa Madeira a pôpa dando,
 Hia serenamente ondas cortando.

XLIX.

Corria pelo mar a undante Quilha,
 Deixando atrás assignalada a esteira;
 Entre Nuvens se esconde a fertil Ilha,
 A sempre fertil Ilha da Madeira :
 Já Zargo as ondas plácidas retrilha,
 Que a Terra lavão, que lhe está fronteira ;
 Já tambem deixa atrás o Porto Santo,
 Dos Habitantes seus com rato espanto.

L.

Era alta noite , quando os Nautas virão
 Hum confuso Clarão , que o Ceo dourava ,
 Ser do Incendio fatal se persuadirão ,
 Pois que então pela pôpa lhes ficava :
 Quanto mais d'elle os Lusos se retirão ,
 Mais crescia o Clarão , mais se ateava ;
 Parecia a flammigera Madeira
 Do Mongibello a Imagem verdadeira.

LI.

Assim forão cortando o mar sereno
 Os Lusos immortaes Descobridores ,
 „ Até que houvêrão vista do Terreno , „
 Onde muitos dos quaes tinham amores :
 „ Entrarão pela foz do Téjo ameno „
 Com assombro dos seus Habitadores ;
 Que já de longe o Lenho conhecendo ,
 A's praias vinhão com prazer correndo.

LII.

Com mão de rosas , e jasmins formada
 Doze vezes a Estrella refulgente ,
 Precursora fiel da Madrugada
 Havia aberto as portas do Oriente :
 Quando a nadante quilha embandeirada
 Do Téjo abria a plácida corrente ,
 E Ulyssea mais leda , que saudosa ,
 Abria a Zargo os braços carinhosa .

LIII.

Agora, Filho meu, (diz Ulyssea)
 Terás o galardão, e Gloria certa ;
 A Quilha undante de bandeiras chea
 Me annuncia a Famosa Descoberta :
 Se exposto ás Furias da Tormenta fea
 Navegaste atéqui por via incerta ,
 Vens hoje descansar no Collo amigo
 Da Mãi saudosa , que te offera abrigo.

LIV.

O Primeiro João , Esse Monarca ,
 Cujó Nome Immortal será levado
 Além das metas , que o Oceano marca ,
 E até d'hum Polo a outro congelado ;
 João Primeiro , cuja Gloria abarca
 A immensa Mole d'hum feliz Reinado ,
 Ancioso te espera , para dar-te
 O premio desta Acção , para illustrar-te.

LV.

Os Cens , os Justos Cens jámais deixarão
 As heroicas Acções sem recompensa ,
 E por isso talvez lhe destinarão
 Mais esta , que ven dar-lhe gloria immensa :
 Com esta Descoberta premiarão ,
 Ainda mais , do que talvez se pensa ,
 As Decantadas Célebres Proezas
 Por Elle obradas em milhões de Emprezas.

LVI.

Tem Segurado o Throno Lusitano,
 De Louros coroando a Regia Frente;
 Fez de susto temer o bravo Hespano
 Mostrando-lhe da Guerra o raio ardente:
 Do seu Insigne Esforço mais que Humano
 He Testemunha ainda a Lusa Gente:
 Ninguem mais falle, Aljubarreta diga
 Os estragos, que fez á Gente Imiga.

LVII.

O Grande Henrique, o Infante Virtuoso,
 Que se tem feito em tudo Memorando,
 Tambem te espera ha tempos Aneicso,
 Premiar teus Serviços projectando:
 Ah! vem ó Filho meu, vem Glorioso
 A's Honras dar-te, que em risenho bando
 Colhem da Gloria nos Jardins floridos,
 Para ti, Louros, que te são devidos.

LVIII.

Disse: e apenas ancorava o Pinho,
 Se virão pelo Téjo Aves Nadantes
 Aos Zephyros soltando azas de linho
 Adornadas de flammulas tremantes:
 Bebem os Nautas rubicundo vinho;
 Resoão vivas mil altissonantes,
 E em breve espaço o Lenho fundeado
 De festivos bateis se vê cercado.

LIX.

Dos Lusos confusissimo ruído
 Se escuta alli com estranheza rara :
 Hum quer vêr o seu filho , que perdido
 Tantas vezes frenético chorára :
 Quer outro vêr o Pai , o Pai querido ,
 Cujá perda mil vezes pranteira :
 Quil , vendo o Amigo seu , fica contente ;
 Qual se enche de prazer , vendo o parente.

LX.

Com app'auso do Povo Tagitano
 Chegindo Zargo de Ulysses á praia ,
 Entre os braços do Infante Lusitano
 Ebrio de Glória , e de Prazer desmaia :
 Para fallar depois ao Soberano ,
 Tornando entrão a si , o Heróe se ensaia ,
 E já de Henrique ao lado a pleno passo
 Piza as Salas Reaes do Regio Paço.

LXI.

Mal chega ao Pé do Throno , ao Rei declara
 Fauscos successos da feliz viagem ,
 E como a fertil Ilha amena achira ,
 Que lhe offerta por mãos da vassallagem :
 Diz-lhe mais que Madeira lhe chamara
 Por ter tantos pinhaes , tanta ramagem
 De Cédros , Louros , Tís , que apinhoada
 Parecia ser de arvores formada.

LXII.

Finalmente lhe diz, que elle accendêra
 O fogo, que os seus Bosques devorava,
 Por castigar de Pan a sanha féra,
 Que insidias infernaes lhe maquinava:
 O Rei, que tudo então Sábio pondera,
 A Zargo entre seus braços apenava,
 E á Soberana Voz largando o freio,
 Desta sorte fallou de Prazer cheio:

LXIII.

Henrique, Filho Meu, nesse teu rosto
 Lendo estou teu Desejo assás bem justo:
 Tu queres ter a Gloria, ter o Gesto
 De premiar a Zargo a todo o custo:
 Em fim por breve instante seja posto
 Nas Tuas Mãos o meu Poder Augusto;
 Elege o Premio, que dar devo a Zargo;
 Eu tudo approvarei d'Animo Largo.

LXIV.

A Ti (que hum tão feliz Descobrimto
 Despertaste, contando co' a victoria,
 E que trabalhas tanto pelo augmento
 Do meu Reino, e da Fé) compete a Gloria
 De premiar o Seu Merecimento:
 Perpetúas assim Nossa Memoria;
 Nas Mercês, que por ti lhe forem dadas,
 Deixas Nossas Acções perpetuadas.

LXV.

A taes vozes o Infante Agradecido
 A Dextra beija ao Pai por tanto indulto,
 E voltando-se a Zargo Esclarecido,
 Assim lhe falla com sereno vulto:
 O teu Procedimento, que rem sido
 Digno de inveja, de respeito, e culto,
 Vai ter o Galardão Sublime, e Regio,
 Que he bem devido a teu Valor Egregio.

LXVI.

Isto dizendo; deo-lhe o verdadeiro
 Preexcelso Esplendor da Fidalguia;
 Deo-lhe o Claro Brazão d'Armas, Primeiro,
 Que de Camera o Titulo trazia;
 Deo-lhe em fim, por mostrar-se Justiceiro,
 Do Funchal a Feliz Donataria;
 Premios estes, que o Pai Benigno approva,
 Mandando-o povoar a Tetra Nova.

LXVII.

Eis aqui, Patria minha, Decantado
 O Teu Feliz Descobridor Preclaro,
 Cujos Nome roubei não infestado
 Do Lethes Infernal ao bojo avato:
 Eis aqui o Heroismo premiado;
 Eis aqui para o Mundo Exemplo Claro,
 De que não perde o Premio o Bom Vassallo,
 Que em servir hum Bom Rei faz seu regalo.

LXVIII.

Os Principes, que os méritos premêão,
 Suas Acções, e Nomes eternizão;
 Dos Povos seus Adorações grangeão,
 E a pezar de Mortaes se divinizão:
 Seus Vassallos de os vêr se lisongeão;
 E com provas fiéis caracterizão
 A sua Vassallagem, não manchada
 Pela vil nódoa da Traição damnada.

LXIX.

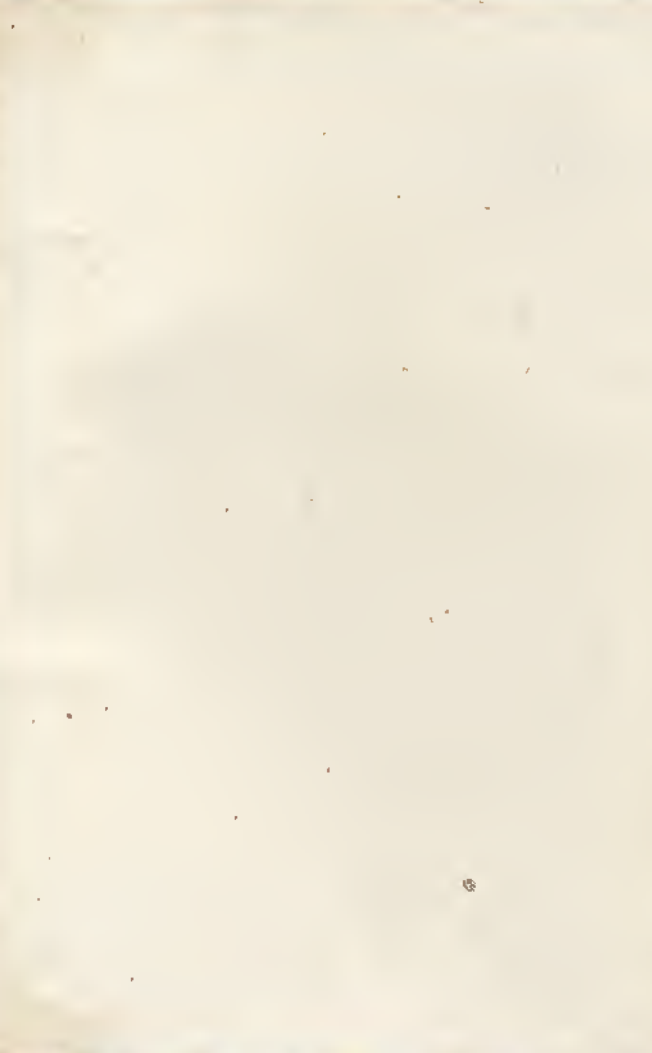
Não mais, Diva, não mais, pois felizmente
 Cheguei á méta da arriscada Empreza:
 A Tuba se deponha, que sómente
 Soprou a doce voz da Natureza:
 Deixa que a Idade me encaneça a frente,
 E que o meu Estro alcance môr fumeza;
 He então, he então, Deosa, que espero,
 Embocar o clarim do Grande Homero.

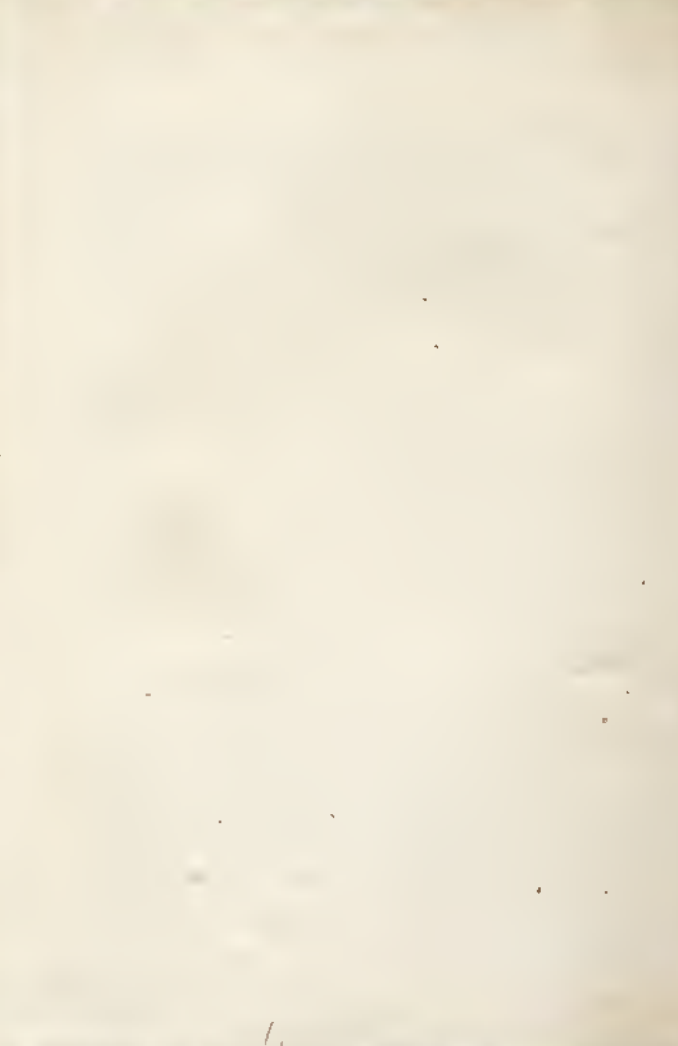
LXX.

Sim, ó Principe Luso, Que a ventura
 De mil Povos Fazeis em toda a parte,
 Do Paternal Amor... (e com ternura)
 Arvorando o Pacifico Estandarte,
 Então Vossa Virtude Augusta, e Pura,
 „ Se a tanto me ajudar o Engenho, e Arte; „
 Do Esmirneo Vate no Clarim Fecundo
 Cantando, espalharei por todo o Mundo.

Fim do Decimo, e ultimo Cantor.







NB



•EFC0000308834•